

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC SP

Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação

FERNANDA MARINI CRAVEIRO BUCK

**Entre úteros e pandemônios: mulheres mães educadoras e
suas significações durante o processo de isolamento
social no ano de 2020**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

São Paulo

2022

FERNANDA MARINI CRAVEIRO BUCK

**Entre úteros e pandemônios: mulheres mães educadoras e
suas significações durante o processo de isolamento
social no ano de 2020**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Wanda Maria Junqueira de Aguiar.

Área de Concentração: Psicologia da Educação.

São Paulo

2022

FERNANDA MARINI CRAVEIRO BUCK

Entre úteros e pandemônios: mulheres mães educadoras e suas significações durante o processo de isolamento social no ano de 2020

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Educação: Psicologia da Educação.

Aprovada em: 16/05/2022

Banca Examinadora

Profª Drª Wanda Maria Junqueira de Aguiar

Profª Drª Mitsuko Aparecida Makino Antunes

Profª LD Lidia Maria Vianna Possas

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – nº do processo: 88887.473742/2020-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – nº do processo: 88887.473742/2020-00.

AGRADECIMENTOS

A toda transgressão, a toda força revolucionária, a cada Geni, Pagu, Rosa Luxemburgo, Clara Camarão, Joana Darc e Dandara que vibra em nossas veias, e que nos conduz através dos sonhos e dos trabalhos a um futuro de poder e transformação.

Primeiramente agradeço às minhas guardiãs espirituais pombas giras, às sete linhas de Umbanda, às mestras e mentoras espirituais.

Em especial Vovó Catharina de Angola, Maria Mulambo, Sete Saias, Rubi, Santa Sarah Khali, Yabás, ciganas que compõem minha egrégora de vida.

Que o manto infinito de cores de todas as forças femininas da natureza nos encha de força e vitalidade para revolucionarmos esse mundo e a nós mesmas, hoje e sempre. Axé.

A cada dia desse projeto de pesquisa lágrimas foram derramadas, costas doeram, noites se prolongaram, madrugadas se anteciparam.

Tecer uma pesquisa sobre maternidade, educação e as subjetividades que envolvem o trabalho árduo de nós, mulheres mães em pandemia, pode ter sido tudo, menos fácil, menos suave, menos gentil, menos justo.

A questão aqui é justamente essa: justiça.

Não apenas a justiça civil, o poder público, as normas concretas do nosso sistema legislativo. Não apenas a justiça cotidiana, do ir e vir, dos direitos e deveres de cidadãs.

Mas também, e essencialmente, uma justiça moral, anímica e ancestral.

Calma, não tem nenhuma idealista aqui querendo transformar um trabalho de método materialista histórico-dialético em um conto de fadas. E como bem pontuou minha amada onça pintada de olhos puxados resgatando Lenin: Ter sonhos, horizontes a se atingir não é idealismo, é projeto!

Aqui quem agradece, já arquitetando a continuidade de seu projeto, é uma mulher, em seu mais infinito conjunto de contradições, em sua mais individual e coletiva história, desejando um caminhar sólido e competente, rumo à destituição do patriarcado capitalista que tanto mata, silencia, submete e impede a possibilidade de uma vida social mais próspera e equânime entre nós, entre TODOS nós.

As páginas que se seguem foram construídas com muitas horas de vida, com muitas ajudas advindas de outras mulheres, com criança no colo, com atrasos na rotina e um desejo imenso de fazê-las úteis e relevantes.

Os nomes que estão presentes aqui trazem grandes significados à minha trajetória, e todos eles têm em comum um fio único que vibra em uníssono: generosidade.

Dedico esse trabalho a todos os úteros que me antecederam, ao meu que gestou e me reconcebeu, ao de minha orientadora de vida, minha precursora mãe sagrada, ao fogo da espiritualista e justa Andrea, ao ar da arte de minha vó Bére e nossos quintais cheios de flores, cores, aromas e borboletas.

Ao meu pai que também me concedeu o dom da vida e a partilha da ancestralidade e do amor à natureza.

Às águas de minha tia Aline, suas terapias, emoções e doçuras. Ao aterramento de minha madrinha Adilana, sua presença, organização e amparo.

Às minhas tias-bisavós Thereza e Antônia, pelo exemplo e determinação nas áreas de Educação e Psicologia, por terem sempre estimulado o estudo e a cultura e serem grandes exemplos de mulheres de fibra e elegância.

Aos meus irmãos de sangue, às canções de Julia e seus olhos profundos, às palavras de Pedro e sua persistência.

À minha prima Gabriela e nossos quebra-cabeças sem fim, ao meu primo Guilherme e nossas sucatas, à minha prima Mariana e nossas filosofias, à minha prima Marina e nossas gentilezas, aos meus primos Eduardo e Gustavo pelo compartilhamento de memórias ricas de infância, à minha prima Marcela pela conexão e amadrinhamento.

Dedico também aos meus amigos de faculdade, especialmente às feministas “Giovanas”, à Bruna minha parceira de sempre, nossas humilhações secretas e nossas piadas, à Babi que abriu caminhos para que eu conseguisse realizar esse mestrado assim como ela, à Juliana mana dos signos e das prosas, à Camila carnavalesca, forrozeira, Corinthiana, mãe da doce Clarice e do belo Raul, à Fernanda líder da gang do shortinho, mãe da incrível Laura, professora e militante pau pra toda obra! À minha amiga Camila, estudiosa e trabalhadora, capricorniana da gema. Ao meu amigo Claudio que muito me incentivou em tempos difíceis. Ao meu amigo Fuji, que foi um abraço forte mesmo que distante.

À Isis, advogada e amiga, sempre presente e disposta ao auxílio.

Aos meus colegas de profissão na prefeitura, especialmente ao Marcos e sua doçura acolhedora em 2019 e ao Carlos Renato e seu apoio incondicional no ano de 2020.

Aos meus preciosos presentes de 2021, especialmente ao nosso grupo Sol na Laje, com a doçura de Chris, a fé e a calma de Simone, a perspicácia elegante de Luiza, a vibração alegre e decidida de Nataly, e a inteligência e contribuição de Ayni, companheiras de luta e de greve, e de um rico trabalho presencial no retorno às salas de aula ainda em meio ao contexto pandêmico.

Às minhas professoras e professores de toda a vida, em especial à historiadora Lidia Maria Viana Possas, sua elegância inigualável e sua forma inspiradora de trabalhar pela ciência.

À antropóloga Lúcia Arrais Morales, e sua abundância sutil e poética ao ensinar.

Aos professores e professoras do PED, em especial minha querida Mimi (Mitsuko Aparecida Makino Antunes), que tanto contribuiu para meu processo, e fortaleceu com seu jeito firme e curioso, a historiadora que agora vigora mais ainda em mim.

Aos meus queridos colegas da “Turma da Pandemia”, que tanto compartilhamos angústias e incentivos mútuos, cercados de atenção e generosidade, muito carinho por Jozelma (sua simplicidade e alegria), Jéssica (sua docilidade e bom humor), Fátima (sua persistência e assertividade), Andrea (sua arte e gentileza), Naiza (seu preparo e sua astúcia), Paulinha (sua estratégia e responsabilidade) e Karin (sua organização e racionalidade). Ao meu amigo irmão Ronaldo, que segurou minha mão tantas vezes, racional e competente, forjado na boa índole e no companheirismo.

Ao meu querido Felipe, por tanta paciência, incentivo e irmandade.

Aos meus queridos amigos do GADS, em especial Victor (sua prestatividade e humildade), Julia (sua paciência e disponibilidade), à Eliane (sua luta e sua inteligência), Humberto (sua filosofia e verdade) e Gislaine (sua dor transformada em ouro e seu trabalho que tanto auxiliou o meu), que souberam ser amparo nas dúvidas e nas descobertas do mundo novo acadêmico e na composição de um sentimento único de pertencimento, mesmo à distância.

Ao querido Edson, verdadeira entidade do programa de pós-graduação que tudo vê, tudo auxilia, tudo resolve! Á sua paciência e parceria, e especialmente à sua dedicação e agilidade em época tão tortuosa e árida.

À Luciana, frequentemente disponível ao auxílio desta produção, cujas contribuições ao grupo de Pesquisa e a este trabalho foram muitas e sempre cheias de benevolência e humildade – mesmo perante a grandiosidade de sua mente e coração. E, através dela, também agradeço ao gentil Paulo que derramou nessas linhas suas décadas de estudo e erudição, elevando o texto ao padrão normativo com excelência, sem roubar sua poesia e identidade.

À minha orientadora de trabalho Wanda Maria Aguiar, sua percepção, sua honra, seus princípios, e sua humildade invejável mediante tanto conhecimento e competência. A ela, dedico muito de minha gratidão, e sei que sem ela, esse trabalho não existiria. Ela fez reverberar a potência intelectual que existia em mim e a fé de que ainda existem educadoras que trabalham pela revolução.

Minha sincera e emotiva reverência a cada braço, seio e pensamento, que ocupou e resistiu, que lutou e progrediu, que sangrou e serviu, à essa humanidade.

Gratidão ao meu filho Javier por ter sido inspiração e compreensão, origem infinita de força e perseverança.

Agradeço também a mim mesma por ter resistido, pela minha busca incessante por respostas e mudanças, pela minha seriedade e comprometimento e a tantas superações e renovações vividas para concluir essa pesquisa.

Em especial, agradeço de maneira profunda às quatro participantes dessa pesquisa, que abriram seus lares, suas histórias de vida, seus sentimentos, suas intimidades, com tamanha grandiosidade e entrega que fizeram desse trabalho uma bela potência de verdade e força motriz.

Que aprendamos maneiras de ressignificar a educação, a política e a maternidade, para encontrarmos caminhos de fato revolucionários.

Afinal, metade de nós é mãe, e a outra metade veio de uma, não é mesmo?

Dedico a todas as mães educadoras, formais e informais, que foram exemplo, inspiração e trabalho árduo, em especial àquelas que se foram pela pandemia, deixando um vazio insubstituível no seio de suas famílias.

RESUMO

Esta pesquisa que se ancorou na Psicologia Sócio-histórica e nos pressupostos do Método Materialista Histórico-Dialético, teve por objetivo central, explicitar e analisar as significações de mulheres mães educadoras sobre suas vivências durante o trabalho remoto em isolamento social, imputado pela pandemia de Covid -19 no ano de 2020 no Brasil. Foram entrevistadas quatro professoras: duas advindas do meio público de ensino e duas do meio privado, dentre as quais três eram casadas e tinham 2 filhos cada, e uma mãe solo que tinha apenas uma filha. O levantamento e a produção de informações foram baseados nas entrevistas reflexivas e nos procedimentos de Núcleos de Significação gerando, assim, três núcleos: Núcleo 1 - Demandas dos filhos e relações parentais: entre a “ajuda” ou a ausência paterna e as “funções” maternas, antes e durante o isolamento; Núcleo 2 - Educadoras em isolamento: sofrimentos vividos, o abandono material das escolas públicas e a exploração desmedida das instituições privadas; e, Núcleo 3 - A dicotomização mulher ou mãe: autopercepção, sobrecargas e ausência do lazer. Através da análise interpretativa e da retomada teórica acerca do feminismo, da feminização do magistério e da conjuntura atual política e suas contradições históricas, conclui-se que as significações das docentes revelaram intensa sobrecarga e frustração. Tanto nos domínios privados quanto públicos (de sociabilização e execução do trabalho formal) os processos foram mediados pelo abandono por parte do Estado e pela falta de políticas públicas que promovessem equidade de gênero durante o período, especialmente em função da impossibilidade na terceirização dos cuidados com os filhos e com as demandas domésticas enquanto se ampliavam as demandas profissionais.

Palavras-Chave: Psicologia Sócio-histórica; mães educadoras; divisão sexual do trabalho; significações; Materialismo Histórico-dialético; pandemia COVID-19; relações patriarcais de gênero.

ABSTRACT

This research, which was anchored in Socio-Historical Psychology and in the assumptions of the Historical-Dialectical Materialist Method, had as its central objective, to explain and analyze the meanings of women educator mothers about their experiences during remote work in social isolation, imputed by the pandemic of Covid -19 in the year 2020 in Brazil. Four teachers were interviewed: two from the public education environment and two from the private sector, among which three were married and had 2 children each, and a single mother who had only one daughter. The survey and production of information were based on reflective interviews and on the procedures of Nuclei of Meaning, thus generating three nuclei: Demands of children and parental relationships: between paternal “help” or absence and maternal “functions”, before and during isolation, Nucleus 2 Educators in isolation: suffering experienced, the material abandonment of public schools and the excessive exploitation of private institutions. and Nucleus 3 The dichotomization of woman or mother: self-perception, overloads and absence of leisure. Through the interpretative analysis, and the theoretical resumption about feminism, the feminization of the teaching profession and the current political conjuncture and its historical contradictions, it is concluded that the meanings of the teachers revealed intense overload and frustration. Both in the private and public domains (of socialization and execution of formal work) the processes were mediated by the abandonment of the State and of public policies that promoted gender equality during the period, especially due to the impossibility of outsourcing care for children and with domestic demands while expanding professional demands.

Keywords: Socio-historical Psychology; educating mother; sexual division of labor; meanings; Historical and Dialectical Materialism; social isolation; COVID-19 pandemic; patriarchal gender relations

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADURRJ	Associação dos Docentes da Universidade Rural do Rio de Janeiro
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CF	Constituição Federal
CFM	Conselho Federal de Medicina
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Conasems	Conselho Nacional de Secretarias Municipais da Saúde
Congemas	Secretaria Nacional de Assistência Social
COVID-19	Doença do coronavírus identificada em 2019 (corona vírus disease 2019)
Disoc	Diretoria de Estudos e Políticas Sociais
E1 (F)	Primeira entrevistada da pesquisa
E2 (M)	Segunda entrevistada da pesquisa
E3 (V)	Terceira entrevistada da pesquisa
E4 (F)	Quarta entrevistada da pesquisa
EaD	Ensino a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FFC	Faculdade de Filosofia e Ciências
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GADS	Grupo Atividade Docente e Subjetividade
INSS	Instituto Nacional de Seguro Social
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros mais.
LIEG	Laboratório Interdisciplinar de Estudos Geoambientais
MEC	Ministério da Educação
MEC/SEF	Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental
MHD	Materialismo Histórico-dialético
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas

PED	Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação
PIB	Produto Interno Bruto
PSH	Psicologia Sócio-histórica
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RAM	<i>Random Access Memory</i> (Memória de Acesso do Computador)
SARS-CoV-2	Coronavirus-2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave
SME	Secretaria Municipal de Educação
SUS	Sistema Único de Saúde
TEA	Transtorno do Espectro do Autismo
EU	Unidade Escolar
Undime	União dos Dirigentes Municipais da Educação do Estado de SP
Unesp	Universidade Estadual Paulista
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UOL	Universo Online
VCM	Combate a Violência contra a Mulher
WFH	Wages For Housework (remuneração para o trabalho feito em casa)

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	17
1.1 Histórico individual, base acadêmica e princípio motivador	17
2 INTRODUÇÃO	20
2.1 Mudanças de intenções: a realidade posta e sua urgência	20
2.2 O delineamento da pesquisa	21
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA	33
3.1 Vigotski e a Psicologia Sócio-histórica: um pensador inquieto e a elaboração de uma perspectiva crítica	33
3.2 As três questões centrais para o novo método em Psicologia	37
3.3 Das Categorias: Enunciando a mútua constituição entre Totalidade, Historicidade e Mediação	38
4 FEMINISMOS: DA LUTA À LABUTA, MÚTUA CONSTITUIÇÃO NA RESISTÊNCIA FEMININA	41
4.1 Justificando a escolha da temática	41
4.3 Os feminismos: considerações sobre os movimentos históricos	45
4.4 A escolha terminológica e sua referência marxista: o Patriarcado em foco	47
5 MULHER E EDUCAÇÃO: DA PERDA DA MEMÓRIA À FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO – CONTRIBUIÇÕES À LUZ DA CATEGORIA HISTORICIDADE	50
5.1 A corda bamba entre o constante aumento da memória RAM e o esquecimento da História: notas introdutórias a serviço da categoria Historicidade	50
5.2 Fases históricas da educação Brasileira e o lugar da mulher: a feminização do magistério e a hierarquização de gênero na atuação profissional docente	52
5.3 Representatividade política na educação: uma discrepância entre o chão da escola e o MEC, alguns questionamentos	57
6 A PESQUISA	61
6.1 Produção de Informações	61
6.1.1 A intencionalidade da pesquisa e pressupostos fundamentais	61
6.1.2 O caminho da busca pela explicação, superando a aparência	63
6.1.3 A escolha do perfil das mulheres mães educadoras	65
6.1.4 A escolha da entrevista enquanto procedimento	68
6.2 Das entrevistas	70
6.3 Dos instrumentos e dos encontros	71
6.4 Apresentação das participantes da pesquisa sob diferentes enfoques	74
6.4.1 Leitura poética das observações e registros nas entrevistas	74
6.4.2 Relatos escritos por elas sobre as ocupações dos espaços domésticos e suas impressões pessoais sobre o ano de 2020	74
6.4.3 Imagens dos ambientes de trabalho e doméstico enviado por elas	74

6.5 E1: Sobre F.	75
6.6 E2: Sobre M.....	80
6.7 E3: Sobre V.....	82
6.8 E4: Sobre F.	84
7 ANÁLISE	88
7.1 Núcleo de significação I - Demandas dos filhos e relações parentais: entre a ajuda ou a ausência paterna e as funções maternas, antes e durante o isolamento E3 (V). <i>Eu até brinco aqui que quando o R entra em reuniões – ele também faz pelo Teams – ele se tranca no quarto, e ali ele fica, você não consegue nem conversar com ele, porque se ele tá com fone e você começa a falar, ele fala: peraí, eu tô ouvindo aqui. E eu não, eu tô no Teams, eu tô ajudando a I com a lição, eu tô dando brinquedo pro C pra se distrair, e de repente o R vem e conversa, e eu consigo administrar essa conversa... olha o tanto. Não é à toa que eu tive os meus dias de surto.</i> [00:42:53]	92
7.2 Núcleo de Significação II - Educadoras em isolamento: sofrimentos vividos, o abandono material das escolas públicas e a exploração desmedida das instituições privadas. <i>E 4 (F) É contínuo. Não... assim, a ponto de você acordar de manhã e ter dúvida se dormiu ou se trabalhou</i>	104
7.3 Núcleo de Significação III - A dicotomização mulher ou mãe: autopercepção, sobrecargas e ausência do lazer - E1 (F) <i>Então a, tem muita luta ainda pela frente. Então tem muita exaustão ainda pela frente, até que a gente alcance um momento em que a solução vai decidir que ninguém merece ficar exausto né, e que essas divisões vão, vão ser mais honestas, e todo mundo vai, vai poder ficar bem.</i>	122
7.4 Prévia introdutória em primeira pessoa	137
7.4.1 Impressões do processo de pesquisa	138
7.5 Frustração, sobrecarga e desamparo: a ideologia dominante e o abandono às mães educadoras durante a pandemia	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153
APÊNDICE A: Exemplo de relato real enviado para as participantes da pesquisa	158
APÊNDICE B: Tabela de Pré-Indicadores e Indicadores – completa, por cores.....	160

1 APRESENTAÇÃO

1.1 Histórico individual, base acadêmica e princípio motivador

Para entender a escolha do tema de pesquisa que aqui se apresenta antes se faz necessária uma breve explanação de aspectos essenciais de minha trajetória pessoal – que não deixa de ser histórica - enquanto mulher, pesquisadora e educadora, para que alguns pontos sejam compreendidos em suas diversas extensões - tendo em vista que o norte deste trabalho é contribuir para uma luta, luta essa que não se inicia em mim enquanto indivíduo, mas que existe no social e cultural que me compõe, que está em minhas falas e minhas condutas pessoais e profissionais.

É a luta por um mundo mais justo, digno e equânime, conquistado através da luta política onde a educação ocupa um lugar importante, onde pessoas, independentemente de sua classe, cor, etnia, origem, especificidades, credo ou gênero, possam ter as melhores condições para se desenvolver e ocupar lugares de fala e ação em comunidade.

Em minha trajetória inicial acadêmica, (enquanto cursava Ciências Sociais na Unesp – Marília), ao ingressar no estágio remunerado da Prefeitura da cidade, comecei a me sentir incomodada com várias questões e passei a desenvolver uma série de questionamentos sobre o processo educativo das crianças.

Percebia esse processo como reprodutor de um sistema que perpetuava desigualdades, dentre elas as diferenças entre os papéis de gênero expressas de muitas maneiras.

Observava, também, que, muito cedo, as diferenças entre masculino e feminino se apresentavam e se definiam entre as crianças, tanto pelas brincadeiras, como por diversas outras atmosferas do convívio social naquele ambiente escolar.

Após um ano de trabalho em uma Emef. (Escola Municipal de Educação Fundamental), fui selecionada para compor o grupo de estudos no LIEG, onde desenvolvemos o projeto de extensão universitária “Gênero na Escola: aprimorando conceitos e discutindo práticas¹”, experiência essa que me permitiu um contato mais

¹ O grupo ao qual me refiro (LIEG) Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero, foi criado em (2010) já com o projeto “Gênero na Escola: Aprimorando conceitos e discutindo práticas” em andamento no seu primeiro ano de desenvolvimento (2009), com sede na Faculdade de Filosofia e

aprofundado sobre o mundo científico (pesquisa, extensão, produção de formação e de conteúdo).

Foram dois anos de participação ativa, onde pude iniciar minha trajetória acadêmica, ancorada nos diversos aspectos da tratativa do tema gênero na escola.

A oportunidade de atuar junto à Prefeitura de Marília na elaboração, aplicação e análise do curso de formação realizado no ano de 2009, e na pesquisa continuada, no ano de 2010, além da participação no grupo de estudos coordenado pela professora Livre Docente Lidia Maria Vianna Possas, trouxe uma expansão intensa ao meu olhar enquanto iniciante na área de educação.

A vivência me abriu um leque de possibilidades que eu nem sequer sabia da existência, e durante esse processo algo se assentou em minha percepção: era urgente e necessário trabalhar por uma mudança de paradigmas sociais no que se refere à desconstrução de políticas dualistas que segregam, oprimem e violentam.

Mas essa percepção inicial, ainda generalizada e em princípio de construção, foi ganhando mais corpo no decorrer de minhas experiências profissionais posteriores, tanto como vendedora de artigos de luxo em uma joalheria e gerente comercial de banco, quanto como camareira em um navio de cruzeiros.

Faz-se importante esse recorte pessoal nesse momento para dizer o quanto pude ter acesso, como trabalhadora, a vivências e contatos com culturas e classes muito diversas, que, antes do meu acesso aos conteúdos da Psicologia Sócio-histórica, me pareciam antagônicas e não despertavam o tipo de reflexões que agora despertam.

Nesse sentido, é relevante caracterizar a desigualdade, pois é num sistema desigual que acontecem os processos de desenvolvimento de nossa sociedade.

É consubstanciada na desigualdade a história da luta de classes, e, não por acaso, a história das mulheres como um todo.

É nesse mundo e especialmente nesse país desigual que eu, educadora, mãe, mulher, vivo há 31 anos. Servindo como a grande parte das meninas da classe trabalhadora, desde tenra idade, ao auxílio doméstico da família e ao trabalho cotidiano em busca do sustento da vida.

E, nesse trabalho que aqui proponho, se expressarão mulheres que, assim como eu, estão envolvidas em algumas das muitas faces da desigualdade diante das quais vamos nos aprofundar no decorrer do desenvolvimento dessa pesquisa no que diz respeito a experiências individuais que expressam opressões coletivas.

[...] É importante compreendermos a desigualdade social, como um fenômeno multifacetado que envolve várias dimensões da vida social, não se circunscrevendo a apenas um setor da sociedade como a educação, a saúde ou a economia, por exemplo; tampouco a um único recurso, como a riqueza ou a cultura; e muito menos a uma única variável, como o rendimento, a escolaridade, a idade, o gênero, ou outra. (KULNIG, 2019, p.43).

2 INTRODUÇÃO

2.1 Mudanças de intenções: a realidade posta e sua urgência

Quando decidi fazer o mestrado em Psicologia da Educação, mal sabia que o faria enquanto mãe solo e em meio a um isolamento social extremo mediante o perigo do vírus COVID-19².

Os desafios surgiram intensos e cotidianos. E minha pesquisa não tinha como ir por outro caminho que não fosse pensar nas estruturas reveladas através dessa vivência tão singular, e ao mesmo tempo compartilhada entre tantas mulheres mães e educadoras.

Essa pandemia da qual se refere o presente trabalho, rendeu recordes de mortes e contaminações aqui no Brasil³, o que nos imputou um isolamento social rigorosíssimo especialmente para mim e minha família, já que minha mãe pertence ao grupo de risco por ser portadora da Síndrome de Crohn, uma doença inflamatória intestinal de alta gravidade.

O segundo e não menos importante, foi eu me encontrar numa situação totalmente inesperada, a solidão materna duramente amplificada por esta conjuntura⁴, os impactos que essa maternidade de 24 horas juntamente com as novas rotinas de trabalho e estudo, tudo isso somado à impossibilidade de socialização e contato físico com a maior parcela dos grupos dos quais eu faço parte.

Era um bebê lactante ativo, saudável e cheio de necessidades, e uma mãe de primeira viagem raptada do século XXI jogada em um espaço-tempo encurtado, proporcionado pelo movimento de múltiplas objetivações e subjetivações em meio ao isolamento e todas as demandas da vida cotidiana.

O fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto

² Dados oficiais sobre o acompanhamento estatístico e as definições do vírus e da pandemia de acordo com o ministério da Saúde no endereço eletrônico <https://covid.saude.gov.br/>

³ Chegamos ao recorde de 4249 mortes em 24 horas, hoje na finalização da revisão de texto do projeto, no dia 27/03/2022, mesmo após a comunidade amplamente vacinada com até terceira dose, chegamos à marca total de 658.762 óbitos acumulados desde o início da pandemia e os dias seguem com muitas confirmações de casos de contaminação e com médias que vêm variando no mês de março entre 10 e 200 mortes por dia.

⁴ Algumas matérias jornalísticas foram feitas a respeito do tema, essa em especial entrevistou 20 mães que relataram em uníssono sobre a solidão e a exaustão do período <https://redelume.com.br/2020/09/07/pandemia-agrava-sentimento-de-solidao-materna/>

como subjetividade, concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundirem. (BOCK, 2004, p.6).

Pensando inicialmente sobre a educação que foi desenvolvida por essas profissionais (durante seus anos de trabalho até o presente momento), e pela relevância que os impactos emocionais, psicossociais, materiais e históricos tiveram durante essa parte tão atípica de suas vivências, foi que se desenvolveu esse projeto de pesquisa.

2.2 O delineamento da pesquisa

A primeira grande questão genérica que me fiz ao desenhar esse projeto foi: por que uma mãe educadora tem tanto trabalho?

E dela vieram outras: Por que tantos encargos diferentes centralizados em um só indivíduo? Por que a normalização ainda hoje da sobrecarga feminina no ambiente doméstico é tomada como “natural”? É possível trabalhar formalmente na educação, em tempos de isolamento, sem redes de apoio e terceirização dos cuidados com os filhos e domésticos? Se sim, que tipo de trabalho é feito? Como faremos frente a uma revolução estando tão exauridas, ocupadas, adoecidas, desamparadas pelo Estado e seu vergonhoso fluxo de precarização, sucateamento e retrocesso?

Partiu-se então do intuito geral, de trazer à tona o grande conjunto de complexidades relacionadas a essas mulheres, a essa sociedade a partir delas, e às possibilidades de transformação advindas de suas vivências e resistências em vista de um devir transformador.

Além do levantamento para respaldar as reflexões que vêm sendo feitas nas linhas feministas (que foi organizado por leituras de diversas bases teóricas sobre maternidade, cultura, história, educação, emancipação política feminina), compõe-se também as leituras que embasam a compreensão do método de pesquisa dentro da psicologia sócio-histórica: isso significa ter que tomar contato com a teoria marxista e os pressupostos do método Materialista Histórico-dialético.

Somado a isso, um aprofundamento das produções de Vigotski como grande catalisador para a construção de uma nova psicologia, e tendo o amparo de

estudiosas da área e importantes profissionais atuantes hoje dentro dessa perspectiva como Aguiar, Antunes, Bock, Sawaia, Gonçalves, entre outras.

Com relação à minha temática em específico, que engendra maternidade, trabalho, educação, isolamento social, pandemia, divisão sexual do trabalho e impactos políticos contemporâneos, não encontrei, até o presente momento, produções científicas que se dedicassem ao estudo dessas questões.

Confesso ter consciência de que foram vários elementos a serem articulados para compor essa questão de pesquisa, mas todos eles me pareceram demasiado importantes para circunscrever meu objeto e meus objetivos de pesquisa, impedindo que eu prescindisse de qualquer um deles..

Nessa medida, o objetivo central dessa proposta de pesquisa foi analisar as significações de mães educadoras sobre a experiência de integração dos ambientes domésticos/familiares com os laborativos/sociais no ano de 2020 em função do isolamento social imposto pela conjuntura da pandemia.

Foram definidos quatro objetivos específicos que se desdobraram deste central, para nortear essas apreensões:

- Entender como se deu o processo de trabalho formal dessas mulheres educadoras mediante a supressão das escolas/creches/cuidadoras terceirizadas;
- Perceber se houve, e, se sim, quais foram os impactos causados pelo isolamento social nas relações familiares e profissionais;
- Discutir de maneira crítica e reflexiva os desdobramentos da ausência de separação entre ambientes domésticos, escolares e laborativos;
- Refletir acerca da real condição de trabalho-atividade dessas mulheres mães e educadoras. (Sobrecargas – prazos de entrega – materiais e treinamentos para a nova realidade);

É possível encontrar produções sobre o trabalho educativo e a pandemia⁵, como também encontrar reflexões científicas sobre o sofrimento materno durante o isolamento⁶. Também pude ter contato com algumas grandes iniciativas pensadas para dar visibilidade e apoio às mulheres mães periféricas como programas de

⁵ Referenciados trabalhos: “Del aprendizaje en escenarios presenciales al aprendizaje virtual en tiempos de pandemia” Gordón, 2020.; “(Re)organizar o trabalho pedagógico em tempos de COVID-19: no limiar do (im)possível” Almeida e Dalben 2020.

⁶ Referenciados trabalhos : “Maternal solitude before the new guidelines in SARS-COV-2 times: a brazilian cutting” Campos, Carneiro, Fraga e Paixão 2021; “Maternity and Social Suffering during Covid-19 pandemic: Study of Mommy Blogs” Beluzzo e Vaizberg 2020;

capacitação e empregabilidade⁷, assim como a montagem de um material com artigos sobre os desafios da maternidade, o trabalho na ciência em meio à pandemia, que se despontou como uma ação intervencionista acerca da baixa na produtividade de mulheres mães acadêmicas⁸.

Esses são alguns dos aspectos amplos que contribuem muito ao debate sobre maternidade e pandemia, mas a especificidade de mulheres mães educadoras em teletrabalho durante a pandemia é tão relevante em tantas dimensões - como vamos ver no decorrer do trabalho - que se fez imprescindível a escolha do tema.

Esse projeto então se justifica inicialmente pelo contexto histórico-social-cultural ao qual estamos inseridos, que carece de pensar criticamente as questões que envolvem a opressão, especialmente se considerarmos as bases estruturais que se engendram em todo o processo capitalista.

Outro aspecto que também justifica a relevância do tema, é que pensar em gênero e diversidade, sob a perspectiva da Psicologia Sócio-histórica, é novo e ainda se encontra em estado de latência. Nas discussões em grupo, seja nas aulas ou nos territórios das pesquisas em Educação, vemos como os recortes de classe são evidentes, mas ainda falta ressurtir de maneira mais significativa os recortes de gênero e raça.

Entendemos esse processo como histórico, e nos colocamos nessa temática por entender que não se pode ignorar a potência transformadora presente na Psicologia da Educação, tampouco a potência revolucionária de mulheres mães educadoras.

Mas até que ponto existem caminhos possíveis e condições materiais para a emancipação política e humana dessas mulheres nessa realidade atual?

Silvia Federici em sua obra “O Patriarcado do Salário”, traz uma nova perspectiva às lutas anticapitalistas, no sentido de pontuar o trabalho doméstico e os cuidados da família como atividades não remuneradas que sustentam as bases do sistema capitalista:

⁷ Saiba mais em: <https://mundonegro.inf.br/womby-por-um-bit-o-programa-de-capacitacao-e-empregabilidade-para-maes-perifericas/> ; <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/como-esta-a-vida-de-maria-mulher-negra-e-periferica-durante-a-epidemia-de-coronavirus/>; https://seguraacurvadasmaes.org/?qclid=EAlaIqObChMloqva2cOM8wiVARKRCh1vBA1SEAAYASAAEqla8_D_BwE

⁸ A produção pode ser conferida gratuitamente pelo link da editora através do endereço: <https://www.editorafi.org/015cientistas>

Assim que erguemos a cabeça das meias que cerzimos e das refeições que preparamos e olhamos para a totalidade de nossa jornada de trabalho, vemos que, embora ela não resulte em salário, nosso labor gera o produto mais precioso do mercado capitalista: a força de trabalho. O trabalho doméstico, na verdade, é muito mais que a limpeza da casa. É servir à mão de obra assalariada em termos físicos, emocionais e sexuais, prepará-la para batalhar dia após dia pelo salário. É cuidar de nossas crianças – futura mão de obra –, ajudá-las desde o nascimento e ao longo de seus anos escolares e garantir que elas também atuem da maneira que o capitalismo espera delas. (FEDERICI, 2021, p.28 – grifos nossos).

Esse novo prisma compôs o cerne das elaborações desse projeto, pois nele contém os aspectos totais ligados à justificativa inicial desse desenvolvimento.

Em um Brasil que vem sofrendo com um projeto político neoliberal infestado de retrocessos, as minorias despontam como as mais afetadas, colocando-se como urgente a pauta do sucateamento das instituições educacionais e como consequência/fato do trabalho e vida de educadores e educadoras.

Em especial, essa pesquisa trata da apreensão de uma realidade em que o sistema capitalista/neoliberal tem feito um grande esforço para invisibilizar, a de mulheres mães trabalhadoras.

Parto do compartilhamento de idéias de Federici para justificar que as mulheres mães trabalhadoras são as bases dessa estrutura econômica/social/cultural, e quando essas mulheres ocupam simultaneamente a função de educadoras formais dentro das instituições de Ensino, novas especificidades se apresentam à dinâmica exploratória patriarcal.

Federici estudou o trabalho doméstico e os atributos de feminilidade enquanto funções de trabalho, sendo uma das grandes vozes na luta a favor do salário para o trabalho doméstico, participando da fundação do *International Feminist Collective*, onde lançaram a campanha *Wages For Housework* (WFH), processo este que é descrito na obra “O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e lutas feministas” (2013).

Aqui a temática também é pauta relevante para as análises, já que ao mesmo tempo em que as mulheres entrevistadas atuam profissionalmente enquanto educadoras, elas também atuam como trabalhadoras domésticas sem remuneração em seu cotidiano privado, e toda essa dinâmica está engendrada ao estudo de Federici (Referências: O Ponto Zero da Revolução e O Patriarcado do Salário).

Existem ainda grandes lacunas no que diz respeito ao estudo da maternidade enquanto fenômeno sociocultural-individual, não só na teoria feminista como

especialmente na marxista, e esse projeto se propõe a questionar sobre possíveis razões dessa ausência temática.

O recorte do objeto também é pouco explorado em outras linhas de pesquisa. Em se tratando de mulheres mães educadoras existem estudos sobre acesso/permanência nas Universidades como a produção de Meneses et al., de 2012, intitulada “Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos”; também sobre divisão do trabalho e rede de apoio temos a pesquisa de Barham e Vanalli acerca da percepção de professoras sobre a divisão das demandas familiares; ou no caso do trabalho de mulheres acadêmicas cientistas como visto na produção de Cangiani e Montes, 2010, “Mulher, maternidade e trabalho acadêmico”.

Tanto um direcionamento como os outros por parte dos trabalhos encontrados, têm um caráter reformista, que busca documentar/descrever a realidade e propõe possíveis ajustes/melhorias que contribuem para a manutenção do status quo dessa sociedade.

Acredito que dentre outras questões, essa lacuna para se pensar a mulher mãe educadora em suas múltiplas determinações, se dê por dois principais motivos: o primeiro enquanto fato - por ser uma vivência extremamente recente e específica, a pandemia e o isolamento social mudaram muito a nossa forma de existir, trabalhar e produzir, ao mesmo tempo em que nos submeteu/submete ao medo, às perdas e ao luto, criando impactos emocionais e físicos nas dinâmicas individuais-coletivas.

Um segundo ponto é que muitas pesquisas são feitas com relação ao machismo, divisão sexual do trabalho, direitos femininos, mas o machismo estrutural ainda coloca a maternidade e o trabalho efetuado pela mulher como um todo, como algo de menor valor, num lugar de silenciamento e invisibilização, ainda nos dias de hoje. E esse segundo ponto tem relação intrínseca com a “naturalização” das funções femininas e masculinas em sociedade, o que se coloca como urgente pauta nesta proposição, revelando a urgência de se trazer elementos críticos para pensar essa questão.

Afinal de contas, para os homens educadores o isolamento teve impactos diferentes, como diz esta pesquisa: os cientistas homens produziram mais e, em

contrapartida, as mulheres tiveram uma queda significativa de sua produtividade acadêmica⁹.

Também nesse sentido vale destacar o detalhado levantamento realizado pelo Movimento *Parent in Science*¹⁰ durante o isolamento social relativo à Covid-19, que acrescenta recortes de raça, gênero e parentalidade e inclusive foi base para o artigo citado. O documento conclui mediante os dados que

Especialmente para submissões de artigos, mulheres negras (com ou sem filhos) e mulheres brancas com filhos (principalmente com idade até 12 anos) foram os grupos cuja produtividade acadêmica foi mais afetada pela pandemia. A produtividade acadêmica de homens, especialmente os sem filhos, foi a menos afetada.

Eu que muito cedo me defini enquanto feminista, que fui uma universitária empenhada e encantada pelas temáticas de educação e gênero como citado inicialmente, não pude ignorar essa vivência tão profunda que o isolamento promoveu a todas nós mulheres, com destaque para cuidadoras em geral (e, aqui, cuidadoras, se refere não só à maternidade, mas aos cuidados com os idosos, com os enfermos, com pessoas com deficiência).

De acordo com a ONG *Think Olga*¹¹, a pandemia mostra seu recorte de raça, classe e gênero muito pontuado. Em seu projeto central atualmente, a ONG traz dados relevantes para compor as referências de “Mulheres na Pandemia”, e o leque de informações é diverso, advindo de levantamentos e estatísticas provenientes de órgãos e laboratórios como Organização Internacional do Trabalho, Organização Mundial da Saúde, Organização das Nações Unidas, a empresa social Gênero Número, entre outros.

Nessa linha de pesquisa da ONG, foi se desenvolvendo um estudo sobre a Economia do Cuidado, e as grandes questões se dão à partir de um ponto de partida concreto: as mulheres encabeçam, em sua extensa maioria, as funções de cuidados na sociedade, seja no trabalho doméstico (93% das trabalhadoras domésticas da

⁹ Os dados falam: 76% dos homens sem filhos disseram ter conseguido submeter artigos, contra 47,4% das mulheres com filhos. Maiores informações sobre a pesquisa podem ser consultadas no endereço eletrônico: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesa-do-ensino-publico/3760-pandemia-genero>

¹⁰ Saiba mais sobre a pesquisa e o movimento no levantamento traduzido para o relatório: https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true

¹¹ Sobre as produções da ONG e os levantamentos sobre a Economia do Cuidado e as Mulheres na Pandemia acesse: <https://thinkolga.com/>

América Latina e do Caribe, são mulheres), nos âmbitos de educação formal e informal e nas áreas de saúde (As enfermeiras são a linha de frente do enfrentamento ao coronavírus e representam mais de 80% do corpo de profissionais da saúde) e assistência social.

Esse caminho de produção de conteúdo da Ong se traduz em uma grande questão para a sociedade brasileira hoje: se sabemos então, que mulheres são maioria nos cuidados de crianças, idosos, enfermos e vulneráveis, quem cuida de quem cuida?

Para ter mais respaldo na elaboração e compreensão dessa e de outras questões relacionadas aos objetivos específicos desse projeto, advindas da especificidade de mulheres mães trabalhadoras da educação, pretendo me aprofundar na temática feminista de acordo com autoras como Alexandra Kollontai, Helleieth Safiotti, Wendy Goldman, Lucila Scavone, entre outras.

Algo fundamental a ser entendido a respeito da escolha do tema é que, no Brasil, ainda temos uma cultura machista e misógina, que é revelada por dados de pesquisas sobre violência doméstica e feminicídio. E isso se agravou contundentemente pelo confinamento como medida de contenção de contaminações:

O isolamento não só fragiliza as redes familiares e de amizade, como também constrange o acesso às redes de apoio institucionais, necessariamente com menos recursos humanos e menos serviços presenciais. Por tudo isto, as medidas de confinamento que surgiram na sequência da pandemia parecem ter criado, na opinião de alguns/mas peritos/as, uma "tempestade perfeita" no que diz respeito à violência nas relações de intimidade (BETTINGER-LOPEZ e BRO, 2020). (DUARTE, 2020, p.151).

Nossos números são expressivos e aumentaram significativamente durante o período de isolamento como mostra o relatório¹², só entre março e abril de 2020, aumento de mais de 22,2% de casos de feminicídio em comparação com o mesmo período em 2019, além de um aumento de 27% das chamadas ao Ligue-180.

¹² O relatório foi elaborado pelo Banco Mundial no ano de 2020, intitulado O Combate à Violência contra a Mulher (VCM) no Brasil em época de COVID - para maiores informações é possível acessar o documento através do link: <https://www.worldbank.org/pt/country/brazil/publication/brazil-addressing-violence-against-women-under-covid-19>

Em contrapartida, a dificuldade em denunciar mostrou uma queda expressiva nos registros de lesão corporal dolosa decorrentes de violência doméstica (queda de 28,2%) e estupro (queda de 25,5%).

As diferenças entre os números falam acerca de uma realidade compulsória no nosso país: quando é necessária uma mudança de prioridades decorrentes de uma crise como a relacionada à pandemia e seus enlaces, quem sai do circuito da priorização, não por coincidência, são as minorias que lutam pelo mínimo.

Mulheres, pessoas com deficiência, negros, indígenas, quilombolas, todos os grupos inseridos na linha da pobreza, vão perdendo grande parte de seus direitos adquiridos¹³.

E, nesse caminho, um SUS desprestigiado, uma educação pública sucateada, índices de desemprego aumentando e uma realidade econômica inflacionada traduz o estado de guerra em que nos encontramos nesse momento.

Quando pensamos então em violências no âmbito íntimo das vidas familiares, a falta de rede de apoio, a diminuição de acesso aos serviços de justiça, saúde, segurança e mobilidade pública, não está alinhada ao aumento vertiginoso dos riscos, especialmente para mulheres, que acabam sendo em sua maior parte, os grandes alvos de condutas criminais e violentas.

Dentro desse panorama, numa perspectiva que esse trabalho se dignou a olhar com certo cuidado, o Brasil registrou 77% das mortes de gestantes e puérperas no mundo por Covid-19¹⁴.

O que esse tipo de dado pode revelar sobre nosso país? O que ele pode indicar sobre nosso momento atual? Como que tamanha diferença com relação ao resto do mundo, pode nos abrir caminho para maiores percepções, acerca de que tipo de sociedade estamos constituindo e vem nos constituindo mutuamente?

Todos estes apontamentos falam inicialmente e intrinsecamente sobre o machismo existente na cultura brasileira. Este panorama nos coloca na importante função de contribuir para a mitigação e, quando possível, a extirpação de condutas que ainda contribuam para desigualdades de gênero.

¹³ A revista Carta Capital elaborou uma matéria refletindo sobre estes recortes em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/o-recorte-de-classe-genero-e-raca-na-pandemia-da-covid-19/>

¹⁴ Veja essa e mais informações através do relatório da Fiocruz pelo endereço eletrônico: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/noticias/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-gestantes-por-covid-19>

Mesmo a mulher mãe educadora sendo constituída como principal objeto de estudo dessa pesquisa, esse fenômeno não pode ser admitido como isolado da totalidade. Necessário pontuar de maneira contundente, que não vejo a possibilidade de luta pelo fim das desigualdades apenas por um critério, lutando por uma única dimensão: entendo a necessidade de que todo tipo de desigualdade seja destituída de nossa realidade, e isso só se dá quando compreendemos a imbricação dialética em que se relacionam os fenômenos na totalidade social em que se inserem.

Ou seja, dentro de uma sociedade que se move há milênios pela luta de classes, não basta se extinguir a desigualdade presente nas divisões de classes sociais através de uma revolução que não considere as explorações sobre outros vieses; aliás, não creio ser possível uma revolução que se configure de maneira unidirecional.

Não podemos nos deixar levar por lutas identitaristas, que pendem para uma das lutas apenas, como se isso fosse resolver o problema estrutural como um todo.

Ao mesmo tempo, entendo que a luta maior, fundamental, é a luta anticapitalista. O capitalismo, e toda a concepção de mundo que ele empreende, estimulando e valorizando a acumulação de capital, posturas meritocráticas, formas de exploração cada vez mais refinadas e mantidas pela forma social neoliberal é também alimentado pelo racismo, misoginia, intolerância religiosa, capacitismo, dentre outras formas de discriminação e opressão. A estrutura social de exploração se sustenta nestas bases, que se interseccionam, que coexistem na totalidade social.

É um sistema vivo, em movimento e engendrado, não é possível apartar a reflexão de gênero de todas essas outras mediações da questão humana histórica social.

Entendendo que o machismo se coloca então, como fenômeno estrutural, engendrado a essa dinâmica, podemos conceber a maternagem, o trabalho e a educação, tanto como elementos reveladores dessa realidade, como também possíveis caminhos de transformação.

O comprometimento com um devir de transformação nesse projeto, se expressa na intenção de trazer contribuição para a elaboração de projetos futuros de acolhimento, apoio e efetivação de políticas públicas, que permitam que essas mães tenham seus direitos garantidos, aperfeiçoados e ampliados, em vistas de um

exercício profissional de qualidade na educação e para a educação (formal, enquanto trabalhadoras, e informal, enquanto mães).

Em meu levantamento bibliográfico inicial, pude perceber que algumas pesquisas já estão sendo desenvolvidas sobre a relação maternidade e isolamento social como referido inicialmente, e sobre trabalho educativo em meio à pandemia.

Mas, em uma leitura mais atenta, mesmo no que se refere a notícias de jornal¹⁵ e reportagens de revista¹⁶, e grande parte do compilado que apresento nessa pesquisa, além de não encontrar o recorte específico de mães educadoras, também se destacou para mim o fato dos objetivos das pesquisas serem, em sua maior parte, relacionados aos possíveis danos sociais para as crianças e seu desenvolvimento.

A mãe, nesse sentido, acaba sendo vista e priorizada por se entender que ela é o principal caminho inicial de um melhor desenvolvimento das gerações futuras, ou seja, seu trabalho na maternagem é o foco das pesquisas; essa mãe deve estar saudável, ativa e equilibrada para cumprir sua função social de mãe, mantendo assim o sistema como um todo.

Nas discussões de aulas sobre método, muito falamos sobre “a serviço de que está a nossa produção”. Afinal de contas, o olhar Materialista Histórico-dialético, por si só, em seu âmago, não se pretende uma descrição factual simples e objetiva, e este olhar se apresenta como fundamento da Psicologia Sócio-histórica, linha de trabalho que orienta este estudo.

Nosso objetivo, considerando a base teórico-metodológica, é ir para além da aparência, buscando encontrar os conjuntos de contradições existentes, as mediações presentes nas dinâmicas, para então analisar a síntese das múltiplas determinações visando à transformação da sociedade.

A pandemia acirrou ao extremo as contradições, desde as questões mais fundantes (o modo de produção capitalista – a sociedade de classes cujos interesses são antagônicos), até as expressões das desigualdades sociais, em especial as de raça-etnia, gênero, religiosidade etc.

¹⁵ A exemplo: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/maternidade-segura-covid-19-requer-que-futuras-mam%C3%A3es-fiquem-mais-atentas-%C3%A0s-indica%C3%A7%C3%B5es-m%C3%A9dicas-1.782713>

¹⁶ A exemplo: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55606056?fbclid=IwAR13lo8oIJimBE-lyJDosAjKyWP83MNk0srSbGaHg9YnGbnumlGBfZon4R0>

Mas também trouxe à tona o que estava hipocritamente e propositalmente oculto, incluindo as ações de negacionismo e genocídio de governos fascistas.

Para além de toda a tragédia elencada, este é um momento para se dar grandes saltos de conhecimento e, como consequência, de planejamento e ação revolucionária efetiva.

Nessas conjunturas é que grandes revoluções podem acontecer, anunciando um novo bloco histórico. Deste modo:

A radicalização promovida pela perspectiva sócio-histórica impõe considerar o fenômeno social como processo, como realidade constituída de sujeitos, como algo que só pode ser compreendido plenamente quando se considera os sujeitos e suas possibilidades de agir, relacionar-se, produzir bens necessários à sua vida e produzir e registrar representações do objeto e de sua relação com ele. [...] as vivências, os registros, a comunicação, a utilização das experiências, são elementos da subjetividade e também eles configurados e delimitados a partir da realidade objetiva, do fenômeno social constituído historicamente. (FURTADO e GONÇALVES, 2001, p.28).

Partindo desse conjunto complexo que compõe de maneira dinâmica a realidade, me proponho nesse projeto a buscar elementos dessa realidade com o propósito de contemplar ao máximo minhas companheiras de luta, eu mesma e, se possível, as mulheres mães como um todo.

Para tanto, os capítulos teóricos que antecedem a elaboração das análises desta proposta de pesquisa, partem inicialmente de três grandes eixos temáticos que estão nas lutas e centros de debates feministas: sobre direitos reprodutivos, maternidade e divisão social e sexual do trabalho estarão contempladas inicialmente no capítulo teórico intitulado “Mãe: o dilema feminino da reprodução e suas implicações sociais, culturais e individuais”, mas perpassarão por toda a estrutura móvel desse projeto.

Chegamos à questão do trabalho na educação, tema esse que vai ser refletido sobre sua perspectiva histórica e contemporânea no recorte de gênero.

De acordo com levantamentos feitos pelo Censo e apontados pela ADURRJ (Associação dos Docentes da Universidade Rural do Rio de Janeiro), as mulheres são 97% da força de trabalho na educação infantil e 81,5% no magistério da Educação Básica, mas apenas 45,6% no Ensino Superior do Brasil. E, em se tratando de ensino superior, elas são mais frequentes nas instituições privadas (46,3%) do que nas públicas federais (42,6%). Os dados demonstram que a

sociedade brasileira ainda imputa à mulher o papel de “cuidadora”, além de reservar para os homens os melhores salários do mercado de trabalho.

Mulheres são maioria na educação infantil e ensino fundamental, mas este número vai diminuindo consideravelmente quando se trata de educação superior: onde reside a justificativa, ou o conjunto delas, sobre a limitação profissional, financeira e acadêmica que acaba sendo uma realidade acerca desse fato?

Finalizamos esta introdução do escopo geral do trabalho, pontuando que sua totalidade pretendeu abarcar, não somente o objeto de pesquisa, os objetivos, justificativas, referenciais e metodologia, mas também nosso posicionamento enquanto produtoras e produto desse projeto de mestrado (feito como todos, a muitas vozes e mentes em constante relação).

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

Este capítulo pretende situar esta pesquisa em face de alguns elementos centrais de sua base teórico-metodológica, e esse caminho será desenvolvido inicialmente pontuando brevemente sobre aspectos importantes acerca de algumas das muitas contribuições relevantes de Vigotski enquanto referência central da Psicologia Sócio-histórica.

Falaremos também sobre a sua relação e apropriação do método Materialista Histórico-dialético e enunciaremos as principais categorias que servirão de orientação/procedimento para as apreensões que aqui se propõem.

É importante destacar que esse trabalho foi desenvolvido em meio ao caos pandêmico dos anos de 2020-2021, e que apesar de muitos esforços, até mesmo pela limitação de tempo agravada pela atual conjuntura, e a urgência no elencar de prioridades, o que se apresenta tanto neste capítulo quanto no capítulo sobre as significações da maternidade, são os itens essenciais.

Entendemos que a produção da área é extensa, complexa e não existe aqui a pretensão de sintetizar todos os elementos importantes dessa formulação histórica, mas sim, trabalhar com elementos imprescindíveis ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa proposto, tomando como norte a essência do Método.

Estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança; esse é o requisito básico do método dialético. Numa pesquisa, abranger o processo de desenvolvimento de uma determinada coisa, em todas as suas fases e mudanças - do nascimento à morte - significa, fundamentalmente, descobrir sua natureza, sua essência, uma vez que "é somente em movimento que um corpo mostra o que é". (VIGOTSKI, 1991, p.46).

3.1 Vigotski e a Psicologia Sócio-histórica: um pensador inquieto e a elaboração de uma perspectiva crítica

Se se entende o conhecimento como construção histórica e social, engendrado nas relações que se estabelecem entre os homens, determinadas nas sociedades de classe por interesses antagônicos, a compreensão da Psicologia em sua historicidade implica identificar e compreender as contradições inerentes à sua produção no fluxo da História. (ANTUNES, 2012, p.46).

Quando Lev Semionovitch Vigotski (1896-1934) inicia a sua investigação na área do desenvolvimento humano, ele percebe que a ciência em questão vive uma

crise, e se dedica de maneira muito detalhista na busca pelo desenvolvimento de um caminho teórico-metodológico que desse conta de superar essa crise resultando em uma nova maneira de se entender e analisar os processos psíquicos humanos.

Vigotski acreditava que a “verdade sobre a sociedade foi dita pelo marxismo” e que os princípios explicativos dessa filosofia – o historicismo e o sistematicismo, a unidade da teoria e da prática – aliados à primazia da existência em relação à sua imagem psíquica, levaram o autor, juntamente com o coletivo de psicólogos soviéticos, a transformar os fundamentos do estudo sobre o desenvolvimento humano (VIGOTSKI, 2004, p.513 – impressões escritas na obra por M.F Iarochovski e G.S. Gurguenidze).

É sob o bojo dessa perspectiva que se ampara este projeto, sob a proposição científica da psicologia sócio-histórica, tendo o Materialismo Histórico-dialético como método. Uma proposta calcada em uma lente focada na criticidade e promovida pelo estudo, compreensão e elaboração de categorias teórico-metodológicas que colaboram na compreensão e apreensão do real para além de formas descritivas, na perspectiva da transformação social.

A teoria então se propõe até hoje em dar conta da concreticidade do objeto de pesquisa da psicologia, e em garantir respaldo para as especificidades da área, dentro de uma ótica contrária à neutralidade e manutenção do sistema capitalista:

Seu objetivo não consiste em acumular ilustrações psicológicas em torno de conhecidos princípios da dialética materialista, mas em aplicar esses princípios como instrumentos que permitem transformar a partir de dentro o processo de investigação, descobrir na realidade psíquica certas facetas diante das quais são impotentes outros procedimentos de obtenção e organização dos conhecimentos. (VIGOTSKI, 2004, p.471-472).

Nesse sentido, Vigotski requiriu à psicologia “o seu Capital”, buscando iniciar a formulação de um novo caminho teórico-metodológico, dando início juntamente com sua equipe, que compunha a *Troika*, Alexei Leontiev (1903-1979) e Alexander Luria (1902-1977), a uma nova e necessária corrente de pensamento dentro da psicologia.

Partimos então de um aspecto central, tanto no pensamento de Vigotski, Leontiev e Luria, quanto no de Marx (1818-1883) e Engels (1820-1895), assim como vem se constituindo como meu também desde minha primeira aula de “Estudos Sociais” na educação fundamental quando a professora nos mostrava fotos de

macacos e varas, explicando a principal diferença que nós tínhamos em relação a esses mamíferos tão similares: a história.

A referência de Vigotski aos dois sentidos de história revela também sua preocupação em articular os dois planos: o ontogenético, história pessoal, e o filogenético, história da espécie humana. Tal parece ser o sentido da afirmação que encerra a nota introdutória do "Manuscrito": "A singularidade da mente humana está no fato de que os dois tipos de história (evolução + história) estão *unidos* (síntese) nela. O mesmo é verdadeiro na psicologia da criança" ². A história pessoal (desenvolvimento cultural), sem deixar de ser obra da pessoa singular, faz parte da história humana. A transformação que ocorre no plano ontogenético é um caso particular da que ocorre no plano filogenético. Não ter entendido isso ou o ter ignorado constitui, segundo Vigotski, um dos maiores equívocos dos trabalhos em psicologia do desenvolvimento da criança (1997, pp. 1-26). (SIRGADO, 2000, p.51).

Na proposta da psicologia sócio-histórica, (mesmo nos entendendo por pesquisadoras situadas em nossas limitações históricas, temporais e materiais) buscamos cumprir um compromisso com o devir, isto é, partindo do desvelamento das complexidades que envolvem a apreensão do real, encontrar a síntese que possibilite a superação, em vistas de contribuir com a transformação social.

Vigotski entende que para se apreender o real das manifestações psíquicas humanas, é necessário reproduzir o conjunto de contradições existentes. Nessa feita, imprescindível considerar também a sua historicidade e as multideterminações sociais e culturais, que engendradas aos aspectos materiais, biológicos, factícios e aos contextos simbólicos, podem nos garantir um percurso que não só nos leve ao movimento do real, como também nos dê subsídios para a transformação social.

Entendemos que a realidade que nos gesta, da qual nós somos também gestores, é um complexo de complexos, em constante movimento e reformulação, de maneira que para produzir um material de pesquisa que se dedique a essa complexidade é necessário superar os conceitos fixos e trabalhar com o suporte das categorias de análise baseadas no Materialismo Histórico-dialético (MHD).

Estes constructos intelectivos surgem com Marx e Engels, são desenvolvidos por Vigotski em busca de uma realocação temática para a psicologia e continuam em reformulações e criações constantes por cada cientista que se propõe a trabalhar com o método. As categorias centrais norteadoras de nossa perspectiva serão enunciadas no último e terceiro tópico deste capítulo.

O desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie e assim deve ser entendido. A aceitação dessa proposição significa termos que encontrar uma nova metodologia para a experimentação psicológica. [...] A abordagem dialética, admitindo a influência da natureza sobre o homem, afirma que o homem, por sua vez, age sobre a natureza e cria, através das mudanças provocadas por ele na natureza, novas condições naturais para sua existência. Essa posição representa o elemento-chave de nossa abordagem do estudo e interpretação das funções psicológicas superiores do homem e serve como base dos novos métodos de experimentação e análise que defendemos. (VIGOTSKI, 1991, p.43).

Partindo da concepção materialista histórico-dialética para se entender o mundo que nos cerca e suas relações, Vigotski afirma que seu intuito não é ser “simplista” ou “padecer de mania de grandeza” em seus esforços de contestação das correntes teóricas que estavam postas até então.

Ele explica que para se realizar a Psicologia como ciência, devemos nos situar em nosso papel histórico, nos considerando assim “unidos e relacionados com o que é anterior a nós” porque até mesmo no processo de negação desse anterior “nos apoiamos nele” (VIGOTSKI, 2004, p.405).

Usamos o MHD trazendo a compreensão sobre: materialista (por crer que o social, a atividade humana, compõe a consciência) histórico (por entendermos, como Marx, que a única ciência é a História, pois que seres humanos fazem sua história, ainda que sob condições adversas) e dialético (por assumir uma lógica que contemple esse movimento de contrários que se compõem mutuamente).

Para o materialismo histórico-dialético, o mundo empírico representa apenas a manifestação aparente da realidade em suas definibilidades exteriores. Os fenômenos imediatamente perceptíveis, [...] desenvolvem-se à superfície da essência do próprio fenômeno. [...] a essência do fenômeno não está posta explicitamente em sua manifestação sensível, não se revelando de modo imediato, mas sim pelo desvelamento de suas mediações [...]. (PASQUALINI; MARTINS, 2015, p.363).

Para falarmos então sobre a psicologia, sob uma perspectiva materialista histórica e dialética, temos que compreender que, para além da natureza biológica e seus fenômenos, existe uma gama de complexos que determinam a realidade psicológica dos seres humanos:

A questão da história é fundamental porque nos remete à matriz que constitui o contexto do pensamento de Vigotski. É o caráter histórico que diferencia a concepção de desenvolvimento humano de Vigotski das outras concepções psicológicas e lhe confere um valor inovador ainda nos dias de

hoje, sete décadas após a redação do "Manuscrito". Podemos portanto afirmar que a questão da história, tal como aparece em Vigotski, permite definir os contornos semânticos do social e do cultural e é uma questão-chave no debate da relação entre natureza e cultura. (SIRGADO, 2000, p.48).

De acordo com essa citação de Sirgado que se refere ao Manuscrito de Vigotski de 1929, analisado em seu texto "O social e o cultural na obra de Vigotski", o homem é um ser social, um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo.

Quando Vigotski fala que o homem adapta o meio a si mesmo, que esse homem é composto e se compõe por uma experiência histórica, uma experiência social, e uma experiência individual de mútuas elaborações, ele já situa que na elaboração dessa nova Psicologia, o foco deixa de ser a apreensão do sujeito individual (e apartado da totalidade) e passa a ser a apreensão do sujeito histórico.

E então, caminhando nessa reflexão sobre as composições da proposta Vigotskiana para a superação da crise na Psicologia, delinearemos a seguir suas elaborações sobre as questões centrais que principiam a sistematização sobre esse novo olhar epistemológico e metodológico.

3.2 As três questões centrais para o novo método em Psicologia

Vigotski, em sua obra "Formação Social da Mente", elege três questões centrais como princípios para a elaboração desse novo método proposto para a Psicologia, que no momento de sua escrita ainda se punha como "abordagem de análise das funções psicológicas superiores", mas que atualmente se mantêm como centrais nas preocupações metodológicas da então cunhada Psicologia Sócio-histórica, e são elas:

-Analisar processos e não objetos: acredito que neste ponto, o autor se compromete com a busca pela apreensão do movimento real. Quando ele fala sobre as análises de objetos, ele critica o equívoco de tratar processos como objetos, pois para ele uma análise voltada para o processo "requer uma exposição dinâmica dos principais pontos constituintes da história dos processos" (VIGOTSKI, 1991, p. 44), enquanto analisar objetos fixos tomados como estáveis, reduziria a análise a uma simples separação e adequação a seus respectivos componentes.

- Explicação versus descrição (Aparência versus Essência): nesse aspecto Vigotski aponta para as diferenças entre pontos de vista fenotípicos (descritivos) e genotípicos (explicativos), enquanto o primeiro se pauta nas características externas para a análise, o segundo se volta para a origem do fenômeno, sempre levando em consideração o movimento.

- O problema do "comportamento fossilizado":

O terceiro princípio básico de nossa abordagem analítica fundamenta-se no fato de que, em psicologia, defrontamo-nos frequentemente com processos que esmaeceram ao longo do tempo, isto é, processos que passaram através de um estágio bastante longo do desenvolvimento histórico e tornaram-se fossilizados. Essas formas fossilizadas de comportamento são mais facilmente observadas nos assim chamados processos psicológicos automatizados ou mecanizados, os quais, dadas as suas origens remotas, estão agora sendo repetidos pela enésima vez e tornaram-se mecanizados. Eles perderam sua aparência original, e a sua aparência externa nada nos diz sobre a sua natureza interna. (VIGOTSKI, 1991, p.45).

Com relação a este último componente/princípio, tomarei maior atenção no decorrer desta elaboração, pois suponho que ele está intimamente ligado com raízes ideológicas do processo de exploração patriarcal, ponto importante para a discussão posterior nas análises das entrevistas. De maneira nenhuma o tomo como item mais importante, pois esse tipo de hierarquização aqui não cabe, mas devido ao seu grau de complexidade, pretendo dedicar mais tempo para a aplicação da “atenção redobrada” ao problema do comportamento fossilizado.

3.3 Das Categorias: Enunciando a mútua constituição entre Totalidade, Historicidade e Mediação

De acordo com Aguiar e Ozella (2013) categorias são construções teóricas que tem por objetivo permitir que se apreenda o movimento do fenômeno estudado, a sua materialidade, suas contradições e sua historicidade.

Para tanto, esse construto se propõe de acordo com Aguiar (2001) a nos orientar na apreensão do real, do concreto, ou seja, das sínteses das múltiplas determinações.

Como afirma Aguiar, as categorias “[...] carregam o movimento do fenômeno estudado, sua materialidade, suas contradições e sua historicidade” (Aguiar, 2001, p.95). [...] E é na compreensão dessas

relações que repousa a relevância do processo de produção do conhecimento. (AGUIAR; MACHADO, 2016, p.263).

Essa relevância do processo de produção do conhecimento, citada no excerto acima, fala sobre a utilidade e a intenção da pesquisa e das produções teórico-metodológicas da área, que embasam nossa metodologia no trabalho com os núcleos de significações, que serão mais bem delineados no próximo tópico deste capítulo.

Acreditamos que o uso das categorias nos serve como guia no processo de apreensão da realidade; além disso, criam possibilidades para que possamos compreender o sujeito e sua subjetividade historicamente constituída.

Entendemos, a partir dessas pontuações, as categorias herdadas do Materialismo Histórico-dialético como Historicidade, Mediação e Totalidade, e as principais categorias da Psicologia Sócio-histórica - Pensamento-Palavra, Sentido-Significado (Significações), Subjetividade-Objetividade - como de intensa importância para esta pesquisa.

As categorias são construções teóricas que se pretendem ser reprodução do movimento do real, precisam conter a história de acordo com seus impactos, contradições e seu conjunto de múltiplas constituições.

Iniciando com a categoria Historicidade, é fundamental compreender, de acordo com Aguiar, Penteado e Alfredo (2020) que ela nos permite “deixar de ter como principal questão aquilo que a realidade é para dar lugar à questão de ‘como surgiu’, ‘como se movimentou e se transformou’ e o que as contradições apreendidas, num determinado momento histórico, indicam como devir”.

Nesse caminho destacamos também a mediação como categoria fundamental, pois ela, em sua natureza, define a relação de pares dialéticos como parte-todo, objetividade-subjetividade, pensamento-palavra, entre outros.

De acordo com os autores Aguiar *et al.*, a categoria mediação se efetiva como constitutiva e organizadora das funções psicológicas superiores, assumindo sua essencialidade no processo de produção do pensamento e da linguagem.

Aqui é imprescindível destacar a não dicotomia presente nesses pares.

Na busca pela apreensão do sujeito, a categoria Mediação ajuda na compreensão de que não existem relações diretas, imediatas. Mesmo aquelas que aparentam ser assim, contêm, em sua essência, múltiplas determinações as quais, na e pela relação de contradição que mantêm,

engendram o processo de constituição em que cada fenômeno, ao realizar-se, cria o outro. (MARX, 1857/1999, p.93).

Quando pensamos em Mediação enquanto categoria, entendemos que existem dois elementos que não são a mesma coisa, mas que só existem, mediados um pelo outro, num movimento contínuo.

E é essa relação, do conjunto de mediações existentes, que a ferramenta de núcleos de significações, fundamentada nas categorias de análise, visa apreender e identificar, para compor os fundamentos teórico-metodológicos e os procedimentos da pesquisa.

Todas essas categorias e suas relações estão embricadas à categoria Totalidade. É importante, ao situar esse imbricamento, explicitar que as categorias se compõem em suas relações, portanto, para se falar sobre esse movimento de mútua constituição é necessário conceituar uma a partir da outra, tomando atenção para as especificidades que marcam cada uma delas.

Com relação à Totalidade é imprescindível destacar de Aguiar *et. al.*:

Conhecimento de todos os fatos não equivale à compreensão da totalidade dialética, ou melhor, da totalidade entendida pelo pensamento orientado pela dialética geral das coisas. Apreender a totalidade dialética do objeto em estudo significa depreender sua própria essência. Por isso, reiteramos que a totalidade é mais que o conhecimento de muitas particularidades, ou da sua somatória. (AGUIAR *et al.*, 2020, p.11).

4 FEMINISMOS: DA LUTA À LABUTA, MÚTUA CONSTITUIÇÃO NA RESISTÊNCIA FEMININA

4.1 Justificando a escolha da temática

É importante introduzir este capítulo com a justificativa relacionada à escolha do tema como um dos eixos centrais: trabalhar o feminismo e não diretamente a história da família (o que com certeza será usado para compor aspectos relevantes da análise das entrevistas).

Acreditamos que faz sentido trabalhar com a temática, por entender que os movimentos de mulheres em sua expressão política dentro dos feminismos, tem um lugar fundamental nas conquistas da mulher em sociedade, ao mesmo tempo em que os movimentos feministas revelam elementos importantes da história e luta das mulheres. A luta feminista e o papel do feminismo, em suas contradições e movimentação histórica, é uma dimensão que contribui para revelar as mazelas da sociedade de classes¹⁷.

E não só isso: as correntes feministas, suas ondas, fases e desdobramentos locais, também expressam a resistência coletiva contra a opressão patriarcal e a potencialidade realizadora da ação política feminina.

As autoras do feminismo marxista trabalhadas nessa pesquisa vêm trazer luz a essa realidade de sobrecarga compulsória da mulher dentro do sistema capitalista, o que de muitas formas compõe o objeto de pesquisa e foi de extrema relevância no processo como um todo.

4.2 Reflexão sobre a mulher e a sociedade atual: conquistas passadas e retrocessos presentes na luta por igualdade

Para falarmos de mulheres mães, educação e políticas públicas, elegemos como um dos caminhos possíveis partir da história do feminismo em linhas gerais, pontuando alguns tópicos mais relevantes para o objeto deste trabalho.

¹⁷ Foi inclusive essa trajetória histórica que “abriu alas” para que hoje eu possa ter desenvolvido esta pesquisa, por ter tido acesso à educação e ao mercado de trabalho (conquistas feministas!) e mesmo enquanto mãe, poder continuar meu desenvolvimento intelectual nesta Pós-graduação e para além dela em todas as esferas da vida cotidiana.

Acreditamos que compreender a história do feminismo, e algumas das discussões teóricas elaboradas por feministas marxistas, nos ajuda a pensar a composição através dos tempos da situação da mulher no mundo.

Achamos pertinente partir de uma breve perspectiva sobre como o feminismo se deu na história (ontológica), para percebermos o movimento das lutas políticas e as mudanças sobre como a mulher constitui e é constituída pela sociedade na qual está inserida, especificamente as mulheres enquanto mães e enquanto educadoras no Brasil.

Para tanto, precisamos pontuar previamente que a mulher, na História da humanidade, vem sendo concebida como indivíduo de direitos há relativamente pouco tempo.

No Brasil em especial, foi só no ano de 1962 que a Lei 4.121, conhecida como estatuto da mulher casada, liberou a mulher da tutela masculina que antes era feita por pai ou cônjuge, controle esse justificado por sua “incapacidade civil”.

E mesmo após a efetivação da Lei, um longo caminho judicial foi percorrido com relação aos direitos das mulheres e sua inserção como cidadã livre e com direitos iguais aos homens. (Esses direitos iguais existem na teoria legislativa atualmente, mas na prática isso ainda não ocorre, basta ver os números que refletem as representações políticas femininas em relação às masculinas, a ocupação por mulheres de cargos de alta responsabilidade e até mesmo o número alarmante de feminicídios).

Por séculos, mulheres intelectuais tiveram que produzir suas obras, tanto acadêmicas, como artísticas sob pseudônimos masculinos¹⁸, muitos homens levaram os créditos por descobertas e conquistas femininas¹⁹.

Nesta última matéria, que inicia com a fantástica descoberta sobre as artes rupestres terem autorias femininas, ao contrário do que se reproduzia até então²⁰, termina com um acontecimento recente de uma nadadora húngara Katinka Hosszú, recordista nas olimpíadas de 2016, cujo crédito de suas conquistas esportivas foi quase que totalmente direcionado ao seu marido e treinador.

¹⁸ Ver a matéria em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>

¹⁹ Ilustrado na matéria pelo link: <https://claudia.abril.com.br/cultura/10-vezes-mulheres-foram-incriveis-homens-levaram-credito/>

²⁰ Vide: <https://www.nationalgeographic.com/adventure/article/131008-women-handprints-oldest-neolithic-cave-art>

Ou seja, a mulher vem ocupando espaços e tomando, através de muita luta, o direito à expressão e igualdade de direitos. Fica claro o quanto ainda precisamos percorrer em termos gerais, mais especificamente no que se refere às lutas de classe e raça, e o quanto esses espaços ocupados e direitos conquistados ainda não nos possibilitam ter condições equânimes dentro e fora de nosso ambiente familiar.

Nosso acesso ao mercado de trabalho, à educação formal e inserção nos cursos superiores, ao direito à participação política (tanto ao voto quanto aos lugares de representação oficial dentro do sistema político) não foram processos “naturais” do desenvolvimento social.

Todas essas e outras conquistas se devem à luta feminista, à reflexão e prática de mulheres envolvidas com a crítica sobre opressões e desigualdades que compõe, há séculos, a existência da mulher.

Por mais que o movimento tenha se desenvolvido de maneira difusa, especialmente no Brasil, devemos a ele muitas de nossas liberdades individuais e coletivas.

Na atualidade, essas liberdades estão sendo postas à prova, não só pelos impactos causados pelo isolamento, mas como um todo político mundial que vem se movimentando de maneira muito peculiar no que diz respeito ao aumento das desigualdades.

Dentre as muitas involuções que vêm aumentando essas desigualdades no Brasil, podemos pontuar: as ameaças aos direitos das minorias²¹, a falta de cuidados com o meio ambiente e os ataques à ciência e aos direitos humanos²².

É dentro dessa conjuntura e compondo-a, que o objeto dessa pesquisa se situa.

Esse capítulo se dedica especialmente a retomar de maneira breve alguns aspectos-chave da história do feminismo, que nos trarão mais perspectivas sobre

18 Aqui minoria se refere à perspectiva de Rifiotis (1997), que compreende as minorias como grupos que poderiam, em circunstâncias específicas, correr o risco de perder a própria identidade por serem vitimizados por processos de controle e homogeneização.

²² “De 1º de janeiro de 2019 até o momento: mil dias de Jair Bolsonaro na presidência. O relatório da Anistia Internacional, divulgado nesta sexta-feira (24), levanta 32 ações do governo que resultaram, segundo o documento, em perdas de direitos dos brasileiros. A Anistia começa pela condução da pandemia e cita o pronunciamento que o presidente fez em março do ano passado, minimizando o risco da Covid-19.” <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/09/24/anistia-internacional-lista-32-violacoes-de-direitos-humanos-e-retrocessos-nos-mil-dias-do-governo-bolsonaro.ghtml>

como a mulher mãe educadora vem sendo percebida e constituída sob um viés político.

Mesmo após grandes conquistas dos movimentos políticos feministas além das supracitadas, lidamos atualmente, tanto em termos de representações e programas políticos, como em ideologias engendradas nas vivências brasileiras contemporâneas e latino-americanas, com retrocessos no que diz respeito a conquistas básicas para as mulheres.

Retrocessos esses que puderam ser revelados pela pandemia e pela experiência do isolamento social, especialmente para a classe trabalhadora, que sofreu com seus múltiplos desdobramentos.

De acordo com a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), em um relatório especial publicado no início de 2021²³, o retrocesso de mais de uma década gerado pela pandemia da COVID-19 nos níveis de participação no mercado de trabalho das mulheres, trouxe grandes impactos para a diminuição da igualdade de Gênero na América Latina e no Caribe.

Entre vários impactos analisados, destacam-se os dados que relatam uma expressiva saída das mulheres da força de trabalho, que por terem que atender às demandas de cuidados em seus domicílios, não retomaram a busca por emprego e novas recolocações de trabalho no mercado formal – as repercussões desse processo são inúmeras, pois parte significativa desse grupo feminino é provedora desses núcleos familiares.

A questão aqui é que além dos impactos expressos na perda dos rendimentos que essas mulheres tinham antes de terem que se dedicar apenas ao ambiente doméstico, também existe um desgaste generalizado da economia no Terceiro Mundo gerando altos índices de desempregos também para os homens, traduzidos em quedas do PIB, economia inflacionada, e aumento da fome e da quantidade de mulheres latino-americanas em situação de pobreza (os dados recentes trazem a marca de cerca de 118 milhões, 23 milhões a mais do que em 2019).

Além desses marcos na perspectiva latino-americana, lidamos também concomitantemente com a ameaça à democracia não só no Brasil, como também no Afeganistão com o retorno do grupo fundamentalista Talibã, o que já

²³ Maiores informações através do relatório disponível no link: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-covid-19-gerou-retrocesso-mais-decada-niveis-participacao-mercado-trabalho>

representa um retrocesso de 20 anos para as mulheres afegãs, e tem rendido protestos em função dos relatos atuais de violência e repressão. (Jornalistas e ativistas trazem a informação do medo instaurado na população feminina, que volta a esconder sua identidade, a deixar os estudos e os cargos de liderança, além de relatos sobre casamentos forçados e do dobro de mortes de meninas e mulheres só no primeiro semestre de 2021 comparado a 2019).

Esses fatos levantados mostram apenas uma parte muito pequena da aparência do fenômeno da atual problemática social, onde as mulheres estão sendo altamente prejudicadas pelas ondas extremistas das políticas contemporâneas e o avanço de uma grande massa negacionista e reacionária de homens no poder.

Vamos então apresentar alguns elementos importantes da teoria acerca dos movimentos feministas no que diz respeito às esferas familiares, políticas e educacionais que possam nos dar um subsídio inicial para compreender os movimentos que nos trouxeram até a presente realidade.

4.3 Os feminismos: considerações sobre os movimentos históricos

O feminismo é um movimento plural por guardar em sua história algumas fases, ondas e tipos de lutas, de maneira que resumi-lo como um movimento único e generalizado que busca a igualdade de direitos entre homens e mulheres na sociedade é ser simplista, idealista, e não fazer jus à complexidade presente no movimento real (mesmo pontuando que essa busca constitui, sim, uma das grandes pautas dos movimentos).

Entendemos que por mais que existam vários tipos de feminismos, divididos pelas contradições presentes na sociedade e pela busca de identidade e contemplação das demandas específicas de cada agenda dos diferentes movimentos (na atualidade alguns dos principais exemplos de expressão do feminismo em grupos: movimentos estudantis, defesa das comunidades LGBTQIA+, lutas antirracistas), existem também grupos que se autointitulam antifeministas, em sua maior expressão embasados na ideologia religiosa cristã fundamentalista.

Assim como existem movimentos de mulheres que não se definem como feministas, nem como antifeministas, como é o caso do mulherismo africana²⁴, onde

²⁴ Vide: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ltaca/article/view/31961>

na crítica ao feminismo branco e ao feminismo negro, não encontram lugar de representação, estabelecendo novas questões e trazendo mais perspectivas à existência feminina em diferentes grupos étnicos e sociais de mulheres negras.

De uma forma geral, mesmo considerando as questões e conflitos entre os diferentes grupos, cada um à sua maneira, visa conferir legitimidade à existência de mulheres e à busca pelo respeito e pela liberdade de ser e estar no mundo sob suas próprias percepções e histórias individuais-coletivas.

A questão nesse sentido é compreender que dentro da estrutura capitalista, a conquista da liberdade de um grupo, muitas vezes se deu e se dá, à custa da apropriação da liberdade de outro.

Um exemplo bem característico desse ponto é pensar que o feminismo clássico, que trazia uma concepção universalista de mulher, tinha seu paradigma na mulher branca ocidental, o que excluía especificidades contraditórias a essa concepção, no que diz respeito às mulheres negras e indígenas.

Por termos sido um país construído economicamente à base de um regime colonialista e escravista, sabemos que para que as mulheres brancas pudessem desenvolver sua trajetória como cidadãs, a terceirização dos cuidados do lar e das crianças se deu através da mão de obra da mulher negra.

Não podemos deixar de considerar que cada luta, mesmo dentro de sua legitimidade, afeta o todo coletivo em diversas proporções, e muitas vezes de maneira desigual, e é por essa razão que entendemos o feminismo marxista como o mais coerente para analisar criticamente a composição da totalidade.

Essa escolha se deve ao fato que, dependendo da maneira e da teoria-prática na qual as lutas se amparam, podem tanto reafirmar cisões e desigualdades dentro dos próprios grupos minoritários (contribuindo assim para a manutenção da lógica exploratória capitalista), como, em contrapartida, podem também ser a base das lutas revolucionárias contra essa mesma manutenção.

Nas Ciências Sociais, o feminismo geralmente vem sendo delimitado por suas etapas históricas, e duas ou três grandes fases são comumente referidas: a fase universalista ou das lutas igualitárias, pela aquisição de direitos civis e políticos; a fase das lutas de afirmação das diferenças e da identidade, ou da mulher-sujeito e dos direitos específicos; e uma terceira fase, que algumas autoras denominam de pós-moderna (Collin, 1995). [...] Tais fases correspondem, grosso modo e respectivamente: aos séculos XVIII e XIX; à segunda metade e final do século XX até o início desse século. Embora possamos estabelecer essa relação temporal com períodos

e lutas distintos, essas fases não são fixas e dependem da situação histórica e política de cada sociedade [...]. (SCAVONE, 2004, p.17).

A autora também pontua que a segmentação histórica apresentada neste excerto não pode ser aplicada com rigor a todas as realidades, e ela cita Goldeberg (1989) que diz que na época da ditadura militar no Brasil, por exemplo, constitui-se um feminismo “bom para o Brasil”, que estava voltado para a luta pelas liberdades democráticas, enquanto também lutava pelos direitos das mulheres.

4.4 A escolha terminológica e sua referência marxista: o Patriarcado em foco

Entendendo o feminismo e suas lutas no Brasil como determinações de um processo material, histórico, e parte-todo da constituição da realidade acerca das mulheres, em especial nos recortes relacionados à educação e à maternidade, podemos pensar criticamente sobre os desvelamentos que serão possíveis a partir da pesquisa proposta.

Saffioti (2009) decide pesquisar sobre a ontogênese do gênero, por entender que quando o feminismo traz essa nova terminologia (gênero) para o centro dos debates, buscando combater o essencialismo biológico, acaba caindo na armadilha de produzir um essencialismo social.

É baseada nessa crítica da autora, que é o entendimento de que o ser humano constitui uma totalidade una e indivisível, composta tanto pelo biológico quanto pelo social e outra gama de elementos mediadores e definidores de sua constituição, que decidi eleger o termo patriarcado para discutir o processo de dominação-exploração das mulheres na sociedade capitalista.

Faço coro ao pontuar que Saffioti crê ser importante e relevante historicamente a elaboração das teorias de gênero. Ela admite que trazem, sim, contribuições ao debate da construção social dos papéis atribuídos aos indivíduos em sociedade, que têm seu lugar nas discussões.

O problema, para ela, se constitui na troca da centralidade do patriarcado enquanto determinante do sistema, pelos estudos que, ao se utilizarem do termo gênero, se voltam para teorias que “relativizam” diferenças entre homens e mulheres.

Mesmo quando as teorias de gênero não relativizam essas diferenças, sendo base apenas para um feminismo de cunho liberal, tiram do centro dos debates essa potência:

Este conceito [...] além de trazer estampada de uma forma muito clara, a força da *instituição*, ou seja, de uma máquina bem azeitada, que *opera sem cessar* e, abrindo mão de muito rigor, *quase automaticamente*. [...] Observam-se, por conseguinte, diferenças de grau no domínio exercido por homens sobre (ou contra) mulheres. A natureza do fenômeno, entretanto, é a mesma. Apresenta a *legitimidade* que lhe atribui sua *naturalização*. (SAFFIOTI, 2009, p.6 – grifos nossos).

Ou seja, diminuámos a relevância indiscutível da existência de um fenômeno mais amplo, ao qual toda a teoria de gênero está engendrada, a do movimento do machismo, usado aqui enquanto sinônimo da ordem patriarcal, onde a violência e a desigualdade operam de maneira naturalizada e legitimada.

Compartilhar do posicionamento de Saffioti nesse momento histórico, onde os retrocessos no que diz respeito especialmente a mulheres e suas conquistas políticas e sociais se põem de maneira contundente em cena, se faz obrigatório, não só por entender que necessitamos questionar essa “instituição patriarcal” como também resgatar que a parte biológica também compõe e se engendra aos processos de construções sociais que legitimam e mantêm “o azeitamento dessa máquina” e sua automatização compulsória.

A questão que se coloca é que, para além das construções sociais de gênero, e para além das determinações materiais fisiológicas que também determinam aspectos relevantes dentro da totalidade, para se existir esse todo complexo dentro das sociedades humanas é necessário existirem seres humanos.

E para que existam seres humanos, até o presente momento, mesmo que nos casos de manipulações laboratoriais, é a reprodução garantida pelo corpo da mulher mãe.

Por isso chegamos a um ponto crucial para este desenvolvimento, já que o tema aqui está desenhado a partir das significações de mulheres mães educadoras.

Deste modo, precisamos tanto compor o que configura uma construção individual-social dessa mulher, como também dessa trabalhadora.

Mas não só isso: também temos que compreender como a experiência da maternidade enquanto uma realidade biológica e uma vivência constituída

socialmente e significada individualmente, impactam a produção de suas vivências e os desdobramentos culturais e históricos.

O patriarcado, nesse sentido, se apresenta como fenômeno e como mediação para a proposta de buscar compreender as múltiplas determinações que compõem e constituem essas mulheres:

Desta sorte a base econômica do patriarcado, não consiste apenas na intensa discriminação salarial das trabalhadoras, em sua segregação ocupacional e em sua marginalização de importantes papéis econômicos e político-deliberativos, mas também no controle de sua sexualidade e, por conseguinte, de sua capacidade reprodutiva. (SAFFIOTI, 2009, p.11).

O feminismo também tem papel fundamental acerca desses desdobramentos, enquanto movimento de resistência às dominações/subjugações patriarcais, especialmente no que se refere à questão reprodutiva²⁵ e aos direitos de acesso/permanência aos estudos²⁶, que tanto se apresenta com o passar dos anos na pauta de lutas: seja na busca pela liberdade sexual, pela liberdade de escolha em conceber/gestar/parir/maternar, e todo o conjunto de políticas públicas e lutas legislativas para o acesso feminino aos lugares de representatividade em sociedade, em especial ao estudo e acesso ao mercado de trabalho.

Neste sentido vale retomar um dado posto na obra de Federici, que ilustra uma das tantas relações entre feminismo e maternidade/reprodução:

Há muito tempo acredito que a primeira manifestação do feminismo na década de 1960, nos Estados Unidos, foi a luta das mães por auxílios sociais. Lideradas por afro-americanas inspiradas no movimento dos direitos civis, essas mulheres se mobilizaram a fim de reivindicar do Estado um salário pelo trabalho de educar seus próprios filhos, estabelecendo as bases sobre as quais cresceram organizações como a Wages for Housework. (FEDERICI, 2013,p.24).

²⁵ Silva, Elaine França da Metodologia feminista e direitos reprodutivos no Centro de Saúde Santa Rosa, Niterói (RJ). Saúde em Debate [online]. 2015, v. 39, n. 106 [Acessado 28 Março 2022] , pp. 893-903. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201510600030027>

²⁶ Bruschini, Maria Cristina Aranha, Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Cadernos de Pesquisa [online]. 2007, v. 37, n. 132 [Acessado 28 Março 2022] , pp. 537-572. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>

5 MULHER E EDUCAÇÃO: DA PERDA DA MEMÓRIA À FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO – CONTRIBUIÇÕES À LUZ DA CATEGORIA HISTORICIDADE

5.1 A corda bamba entre o constante aumento da memória RAM e o esquecimento da História: notas introdutórias a serviço da categoria Historicidade

Pelo trabalho historiográfico, cabe-nos lembrar aos educadores e a toda a sociedade do país aquilo que, embora presente em sua prática cotidiana, tende a ser sistematicamente esquecido: que a situação na qual o trabalho educativo se processa, os avanços e recuos, os problemas que os educadores enfrentam são produtos de construções históricas. Nessa condição, sofrem, por um lado, as determinações do passado; mas, por outro lado, assim como a educação anterior foi produto da ação dos que nos precederam, nós, educadores atuais, também temos a prerrogativa de agir sobre o presente e mudar-lhe os rumos. (SAVIANI, 2008, p.152).

Esse capítulo trata dessa urgência em reconhecer nossa história da Educação, especialmente no que se refere ao lugar da mulher nesse movimento de ocupação da docência e dos precedentes que trouxeram a mulher mãe educadora até aqui.

Essa construção se preocupa também em amparar a reflexão sobre estas educadoras, em especial na busca pela compreensão histórica das determinações que foram se constituindo até o momento presente pandêmico, onde suas especificidades foram tão negligenciadas – de maneira contraditória, essas e outras negligências ocorrem/ocorreram em um momento em que a exposição das atmosferas íntimas e a possibilidade das reivindicações ganharam espaço com as redes sociais, as mídias e o próprio trabalho virtual em *home office*.

Quando usamos a palavra reconhecer, queremos nos utilizar de dois principais sentidos empregados ao escrevê-la. O primeiro é o de conhecer novamente, para que o ato de reconhecer seja o de olhar para uma história viva, que se movimenta, e conforme nos movimentamos também enquanto estudiosos, nos permitimos novas percepções acerca dos fatos já conhecidos.

O outro sentido do termo reconhecer que empregamos, é o de assumir. Precisamos assumir a relevância da História, mais ainda nos tempos atuais, onde as tecnologias e a efemeridade da comunicação rápida e imediata nos alienam em redes sociais e realidades virtuais que têm sido entendidas já como grandes ladras da memória.

Essa contradição entre “podermos encontrar arquivos em um clique e não conseguirmos lembrar o número de telefone da nossa mãe”, que tem gerado muita controvérsia dentro das discussões sobre limites entre utilidade e prejuízo dessas novas dinâmicas virtuais, tem grande papel no aumento significativo da perda de interesse nos processos mais complexos históricos e no próprio desenvolvimento da sociedade e do trabalho educativo.

“A internet não esquece, mas a cultura digital não nos deixa lembrar” (BEIGUELMAN, 2014, loc. 336). Assim, com essa frase lapidar, Giselle Beiguelman inicia uma coletânea recente sobre a preservação da arte digital e o caráter dos arquivos dedicados a conservá-la. Extrapolando seu assunto imediato, essa sentença corrobora a impressão paradoxal de uma cultura na qual a obsessão pela memória é proporcional à acusação de amnésia (HUYSEN, 2003, p. 18), como se a preocupação com a memória fosse tão grande que se houve esquecido de recordar. (SILVEIRA, 2021).

O trabalho em *home office* ofereceu uma imposição de ajustamento em práticas docentes, especialmente no que se refere ao ensino básico, o que trouxe uma série de questões que tem seu recorte de classe bem definido: ao pensar sobre a perda de memória e a necessidade de proteção dos arquivos na realidade globalizada, nos deparamos entre dois cenários durante a pandemia – a escola pública, onde a exclusão digital foi realidade expressiva²⁷, e a escola privada, onde a busca incessante por novos métodos e tecnologias de ensino virtual que pudessem suprir as faltas presenciais, geraram uma duplicação de jornadas de trabalho não reconhecidas financeiramente e tidas pela lógica liberal como “empenho necessário à adaptação ao novo cenário”.

Neste sentido, entre as angústias das participantes com relação às suas trocas educativas, tendo como seu único instrumento de trabalho e relação profissional a conexão virtual, propomos também neste capítulo uma busca política por compreensão acerca da trajetória da mulher dentro das perspectivas que transmutaram a sua “função” na educação, como contribuição para as posteriores análises acerca das significações das sujeitas da pesquisa.

²⁷ <https://jornal.usp.br/atualidades/exclusao-digital-pandemia-impos-mais-uma-lacuna-aos-estudantes-de-baixa-renda/>

5.2 Fases históricas da educação Brasileira e o lugar da mulher: a feminização do magistério e a hierarquização de gênero na atuação profissional docente

O primeiro período (1549-1759) é dominado pelos colégios jesuítas; o segundo (1759-1827) está representado pelas “aulas régias” instituídas pela reforma pombalina como uma primeira tentativa de instaurar uma escola pública estatal inspirada nas ideias iluministas segundo a estratégia do despotismo esclarecido; o terceiro período (1827-1890) consiste nas primeiras tentativas, descontínuas e intermitentes, de organizar a educação como responsabilidade do poder público representado pelo governo imperial e pelos governos das províncias; o quarto (1890-1931) é marcado pela criação das escolas primárias nos estados, na forma de grupos escolares, impulsionada pelo ideário do iluminismo republicano; o quinto (1931-1961) se define pela regulamentação, em âmbito nacional, das escolas superiores, secundárias e primárias, incorporando crescentemente o ideário pedagógico renovador; finalmente, no sexto período, que se estende de 1961 aos nossos dias, dá-se a unificação da regulamentação da educação nacional, abrangendo a rede pública (municipal, estadual e federal) e a rede privada, as quais, direta ou indiretamente, foram sendo moldadas segundo uma concepção produtivista de escola. (SAVIANI, 2005, p. 150).

Partindo dessa sistematização de Saviani, podemos desenvolver algumas reflexões sobre o lugar da mulher no trabalho educativo. É importante destacar que, neste momento, nos limitamos a refletir sobre a base ideológica e as contradições presentes no processo de feminização do magistério que teve seu início e consolidação nos idos finais do século XIX; portanto, as reflexões que se seguem partem do final do terceiro período para o quarto, de acordo com a categorização presente no excerto acima.

Nosso foco é entender de forma geral as determinações materiais engendradas às ideologias da época que fomentaram a feminização do magistério, e o que tais prerrogativas ainda representam para a educação brasileira e para as mulheres mães professoras.

[...] a existência de ao menos duas grandes maneiras de entender o fenômeno da feminização: uma perspectiva fundamentalmente quantitativa, preocupada em descrever e mensurar o fenômeno que denominamos como feminilização, e uma perspectiva fundamentalmente qualitativa, que procura compreender e explicar os processos, a qual denominei feminização propriamente dita. A nosso ver, mesmo quando as expressões feminilização e feminização são até hoje, indistintamente, utilizadas na literatura especializada, sua diferenciação é cientificamente pertinente e politicamente relevante. Sem dúvida, os aspectos quantitativos são intrínsecos aos processos de transformação da composição sexual das profissões. De outro lado, os aspectos qualitativos da transformação das profissões, que dizem respeito à adstrição de certas características generificadas, não são tão evidentes e requerem um pensamento analítico mais completo, complexo e sofisticado. (YANNOULAS, 2011, p.273).

A autora também traz o conceito de divisão sexual do trabalho para que possamos compreender melhor em que bases se situam o fenômeno da feminização, e ela diz que essa divisão se funda em antagonismos entre mulheres e homens que se estabelecem nas relações sociais.

Nesse sentido, diferentes atividades passam a ser desenvolvidas por essas relações – e não por determinações biológicas - e essas divisões são fundamentadas não somente em ideologias, mas também em bases materiais.

Dessa forma, Yannoulas explicita: “são passíveis de periodização e comparação intercultural [...] Trata-se de uma relação de poder, de dominação, não neutra ou complementar, mas, sim, contraditória.”

Posta a questão da divisão sexual do trabalho, onde homens vão se colocar em funções sociais e de trabalho que lhes permitam sempre estar no domínio, as mulheres podem em determinado momento, de acordo com as demandas vindouras, começar a ocupar espaços e funções de trabalho externo ao ambiente doméstico, contanto que não mudem o sentido dessa hierarquia.

Para compreender a exceção realizada com relação ao magistério, podemos apelar ao conceito de espaço social, conforme definição de Arendt (1983). O espaço público entre os gregos era o espaço do plural e heterogêneo por excelência, o único igual era o direito à palavra e à ação dos cidadãos. A capacidade humana de organização política se opunha à associação natural no lar (ôikia). O espaço privado era o espaço das mulheres e dos escravos, o reino da necessidade. A esfera social, que para Arendt não é privada nem pública, constitui fenômeno relativamente recente, associada à modernidade europeia e à conformação do Estado-Nação. O social seria a forma de coletividade humana na qual as pessoas perdem seu poder de aparecer, de falar e agir, em uma confusão anônima, onde já não existe o público e o privado (a sociedade de massas seria seu ápice). No social tudo é exibido, porém ninguém aparece. Tudo é dito, porém ninguém fala. A aparição do social significou, para Arendt, a perda da pluralidade pública e da desigualdade privada, estabelecendo-se a lei da igualdade entendida como homogeneização. (YANNOULAS, 2011, p.277).

Temos registros que apontam que a institucionalização da escola se deu com base no trabalho dos primeiros “professores formais” do Brasil: os jesuítas.

Estes, que através da Companhia de Jesus, ofereceram um trabalho crucial no período colonial como um braço dos interesses da Igreja Católica, e consequentemente da Coroa Portuguesa, em ocupar e doutrinar os que aqui viviam, para a expansão e manutenção de uma dominação ideológica e exploratória da Corte para a Colônia:

No âmbito do aparato ideológico, a Companhia de Jesus assumiu importante função, mantendo sua influência mesmo após sua expulsão de Portugal e de suas colônias no quadro das reformas pombalinas. Muitos jesuítas ocuparam-se de produzir e difundir conhecimentos que tinham como função organizar e manter a empresa colonial. A mais conhecida tarefa jesuítica no Brasil, porém, relaciona-se com a educação, mais precisamente, com a educação dos filhos dos colonos portugueses, com base em seu programa de estudos, o *Ratio Studiorum*, que tinha a finalidade de prepará-los para o seguimento dos estudos na metrópole, e a educação elementar e a catequese para os filhos dos nativos da terra. O processo catequético e a educação das primeiras letras para os indígenas têm sido vistos como expressão de uma pedagogia repressiva, baseada em castigos, com vistas à disciplinarização e controle, com base na psicologia moral da época. (ANTUNES, 2012, p.47).

No decorrer do processo de ocupação - apropriação do território (tanto por parte dos europeus quanto por parte dos negros e imigrantes que chegaram ao país, ou pelo tráfico negreiro ou advindos de um fluxo populacional de repulsão), algumas mudanças no crescimento populacional, na realidade socioeconômica e nas demandas educacionais foram com o passar dos anos, modificando as estruturas dessas escolas e desses “docentes”.

Inicialmente, homens ocupavam essa figura de autoridade juntamente com os jesuítas. Nesse período, a mulher ainda não tinha o direito ao estudo e ao letramento, o que fazia da instituição escola um ambiente apenas dedicado ao desenvolvimento dos homens.

Com o início da participação da mulher nos ambientes escolares, surge uma diferenciação entre escolas para meninos e para meninas, o que oportuniza o surgimento de professoras para as meninas. Esse processo insere a mulher no mercado de trabalho formal, mesmo ainda sob a égide da diferenciação dos propósitos educativos para homens e mulheres em sociedade (essas diferenças eram muito bem determinadas e expressas em currículos, salários, didáticas e propósitos formativos).

O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade permitida e, após muitas polêmicas, indicada para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de resignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar. (LOURO, 2007, p.95).

Dentro desse movimento, a feminização do magistério não acontece apenas como uma luta por oportunidades de emprego e/ou formação para as mulheres, mas

também é usada como artifício para ampliar a continuidade de um projeto “catequizador” e “disciplinador” da sociedade como um todo, especialmente no que se refere às hierarquias patriarcais.

Tomando a professora como uma representante da moral e dos bons costumes da época, representação essa que estava alicerçada em padrões dicotômicos e naturalizantes, onde mulheres e homens tinham papéis muito diferentes e “aptidões naturalmente concedidas pelo sexo biológico”, foi possível garantir a divisão sexual do trabalho de maneira mais contundente, e especificamente, à serviço da lógica patriarcal e escravista do período:

Era necessário um corpo docente a baixo custo, para realizar a grande “cruzada pedagógica” de transformar os súditos coloniais em cidadãos das novas repúblicas: as mulheres latino-americanas passaram a ser consideradas “educadoras por excelência”, visto que eram uma mão de obra barata, eram dóceis e, sem outras oportunidades laborais “decentes”, se tornam mais atrativas. A professora possuía vantagens comparativas em relação aos professores, pois políticos e pedagogos da época afirmavam que “as mulheres instruem menos, porém educam mais”. Além disso, se as mulheres tinham sido definidas como as responsáveis pelas crianças no lar, nada mais razoável do que encomendar a elas a transição para o mundo do público com a transferência de responsabilidade sobre o ensino das primeiras letras. [...] Institucionalizar as práticas pedagógicas mais ou menos espontâneas em práticas pedagógicas organizadas nas escolas implicou um processo de definição profissional que estabeleceu os limites e maneiras da circulação e apropriação dos saberes, de estudantes e professoras. Também significou excluir a escola e as professoras da produção de saberes válidos socialmente. (YANNOULAS, 2011, p.279).

É importante ressaltar os limites claros de atuação entre mulheres e homens na educação, especialmente porque a “maternidade” se desponta enquanto justificativa natural para o discurso de que as mulheres devem ser responsáveis pela educação infantil, por serem através do seu papel de mãe, naturalmente responsáveis integralmente pelos filhos e pela família.

Quando Yannoulas traz nessa referência que o pensamento da época enunciava que “as mulheres instruem menos, porém educam mais”, ela está sinalizando o lugar de subordinação que a educadora ocupava no início de suas funções nas escolas, ou seja, por terem dons naturais que as qualificam ao trabalho de cuidados iniciais e letramento, ficam subjugadas às escolhas teóricas e papéis de decisão cuja ocupação também por “dons naturais e biológicos”, estava direcionada aos homens atuantes no cenário educativo e político.

Esse processo é resultado de um movimento histórico, dentro de uma sociedade em que mulheres e crianças ainda eram vistas/tidas como propriedade do homem, de maneira similar às pessoas escravizadas. O homem – branco – era quem estava no ambiente público, ocupando todos os lugares na sociedade, enquanto mulheres – brancas - e crianças tinham apenas o espaço doméstico como ambiente de existência e ocupação.

O magistério feminizado passa a ser então uma formulação bem posterior que permite um “prolongamento” das dinâmicas de ensino doméstico para o ensino formal. Tanto é que, de acordo com Saviani:

Vê-se que, contrariamente ao que é sugerido pela lógica da organização institucional, a implantação dos sistemas educacionais nos diferentes países não se desenvolveu da base para a cúpula, ou seja, da escola primária, passando pela média ou secundária para atingir o nível superior. Na verdade, o caminho histórico foi percorrido em sentido inverso, pois as universidades se organizaram em primeiro lugar, já a partir da Idade Média, desde o século XI. Posteriormente, foram organizadas, a partir da segunda metade do século XVI e ao longo dos séculos XVII e XVIII, as escolas secundárias, das quais são exemplos característicos os colégios jesuítas. E foi somente no decorrer do século XIX que se pôs o problema da organização da escola primária que se procurou resolver mediante a implantação dos sistemas nacionais de ensino. (SAVIANI, 2008, p.164).

Quando focamos nas mulheres latino-americanas e no desenvolvimento dessa profissão de educadora nos territórios explorados por países europeus, em especial no Brasil, refletimos sobre os motivos que levaram à ocupação feminina nessa profissão, ou, melhor dizendo, nessa etapa de ensino que compreende o letramento e as temáticas iniciais de estudo voltadas para a fase da infância. Se as mulheres já estavam subalternizadas em suas relações familiares e seus domínios íntimos, o que representou ou estimulou tanto a sua ocupação nas escolas, quanto o posterior processo de majoração feminina que está presente ainda nos anos atuais?

Diversos fatores agiram nesse sentido: (a) um discurso político que fomentava a incorporação de mulheres aos incipientes sistemas educacionais como guardiãs da cidadania, (b) um discurso da administração científica do trabalho que identificava nas mulheres mão de obra barata e disponível e, finalmente, (c) um discurso pedagógico que cientificamente destacava as habilidades femininas para lidar com crianças nas novas perspectivas educacionais que fundamentavam o ensino na persuasão e não na imposição. As mulheres poderiam “suavizar” as técnicas pedagógicas, disciplinar e ensinar sem castigar corporalmente. Socialmente, era mais fácil admitir que crianças de ambos os sexos ficassem encomendadas às mulheres (já que, nos lares, as crianças eram cuidadas também por mulheres). Assim, as mulheres saíam de casa para

transitar em espaços escolares sem riscos de corrupção moral por estarem em contato direto com a infância (já purificada, sacralizada). (YANNOULAS, 2011, p.285).

5.3 Representatividade política na educação: uma discrepância entre o chão da escola e o MEC, alguns questionamentos

Com relação à “função” da mulher educadora no Brasil nessa trajetória, optamos por refletir criticamente sobre algumas linhas do tempo e seus marcadores, geralmente legalistas e posicionados pelo MEC (Ministério da Educação)²⁸, que se iniciam a partir do decreto nº 19.402, de 14 de novembro de 1930 com a criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, e até o presente momento terminam no marcador do ano de 2020 com o último programa baseado na Política Nacional de Alfabetização.

Pudemos estabelecer uma reflexão importante: poucos nomes femininos ilustram esses momentos mais relevantes elencados pelo MEC como composição essencial da trajetória da Educação Brasileira.

Isso quer dizer que as mulheres não ocuparam posições de liderança política e institucional no decorrer do desenvolvimento das formulações para as diretrizes do sistema de educação formal nacional? Não, houve representatividade feminina, sim.

Mas existe, como em todo registro histórico baseado numa estrutura patriarcal, um apagamento dos nomes, biografias e relevância das personalidades históricas femininas, e no nosso país isso não é diferente.

Analisaremos alguns fatos com relação à ocupação feminina na representatividade política no que se refere à Educação, pois uma grande contradição já se apresenta à primeira vista: dentro de um magistério feminizado, onde o ensino Infantil e fundamental I contam com a maioria da sua docência feminina, e mesmo com maior representatividade masculina no Ensino Fundamental II e Médio²⁹, mulheres são maioria no ensino básico brasileiro. Como podemos

²⁸ Pode-se ver as listagens e manuais organizados pelo Ministério através do link de acesso: <http://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>

²⁹ “Brasil é um país de professoras: elas são 81% dos docentes de escolas regulares, técnicas e EJA, de acordo com dados do Censo Escolar de 2020. Apesar disso, as mulheres sofrem com a desigualdade de gênero. Em média, os docentes homens recebem 12% a mais que as mulheres. A disparidade de salários é causada principalmente pelo fato de as mulheres estarem mais presentes em níveis escolares mais baixos e regiões com salários menores. A presença de mulheres diminui à medida em que avança o nível das etapas de ensino. Mulheres correspondem a 96% dos professores da educação infantil. No ensino fundamental I e II, elas representam, respectivamente, 88% e 67% dos docentes. No ensino médio, o percentual diminui para 58%.” <https://piaui.folha.uol.com.br/brasil->

conceber tantas décadas de trabalho feminino na educação sem nenhuma representatividade em cargos de decisão altos como um Ministério da Educação?

Na busca por entender um pouco melhor onde estavam as mulheres que compuseram esses momentos marcantes de transformação e ordenação das prioridades quando a pauta era educação, chegamos a uma triste constatação: dos nossos 58 ministros da Educação, apenas uma foi mulher, e foi durante a ditadura Militar.

Esther de Figueiredo Ferraz³⁰ teve uma longa trajetória na Educação, não foi mãe, e apesar de ter iniciado a sua experiência profissional na Escola Normal Caetano de Campos, advogou e se voltou para a área do Direito, e sua expressiva contribuição foi voltada à área de direito criminal e da família.

Sem nos alongar em biografias, trouxemos a Esther como marca importante não só por ela ter sido a primeira Ministra da Educação do Brasil, como também por ter sido a única. E aí vem a indagação: por que em um país como o Brasil, cuja educação básica é largamente ocupada por profissionais do sexo feminino, não vemos a representação dos interesses políticos nacionais no âmbito da educação também largamente ocupada por mulheres?

Quando pensamos em outras esferas de poder dentro das organizações e propostas para as diretrizes nacionais, estaduais e municipais também vemos um cenário muito parecido de ocupação majoritariamente masculina das representatividades ao passar dos anos, e especialmente no ano de 2020 os quadros estavam dispostos dessa forma: mesmo com a Presidência do Conselho ocupada por uma mulher, Maria Helena Guimarães de Castro, atualmente a composição do colegiado para Conselheiros da Câmara de Educação Básica é de 3 mulheres e 9 homens, enquanto a composição do colegiado para Conselheiros da Câmara de Educação Superior é de 1 mulher e 11 homens.

Essas proporções foram retiradas das informações atuais com base no ano de 2020 e 2021³¹, e estão presentes à título de ilustração para embasar uma

[tem-mais-docentes-mulheres-do-que-homens/#:~:text=O%20Brasil%20%C3%A9%20um%20pa%C3%ADs,a%20mais%20que%20as%20mulheres](#). (dados retirados do Censo Escolar 2020, disponibilizados em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>)

³⁰ Dados retirados da Biografia presente no acervo biográfico da FGV: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ferraz-ester-figueiredo>

³¹ Mais dados e complementos sobre os conselheiros e as poucas conselheiras em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/cne-quem-e-quem>

importante reflexão atual: Por que as mulheres educadoras não estão ocupando as cadeiras responsáveis pelas grandes decisões políticas dentro da área que tanto dominam profissionalmente e intelectualmente? Será que a maternidade tem relação com essa disparidade? Como essa ausência repercutiu na experiência analisada por esta pesquisa?

Se vimos que do início do processo da feminização do magistério, sob suas determinações materiais e impulsos ideológicos, a educadora afirmava as diferenças entre os gêneros, como estamos agora?

Que progressos foram feitos apesar da retrógrada questão da “maternalização do magistério”, cuja contradição entre o ranço da naturalização feminina para os cuidados infantis e a profissionalização da educação básica nos assola ainda nos tempos atuais³²?

Se não tivemos nenhuma representação ministerial que desse conta das demandas femininas, ou que pelo menos, as trouxessem para a discussão com seriedade, durante um período tão terrível e inseguro como a pandemia de COVID-19, podemos entender a política brasileira enquanto mediação de um sistema que não tem intenção de diminuir desigualdades e, até mesmo, que projeta ampliar as desvalorizações históricas da mulher mãe educadora?

O processo de crítica à perda da memória como sintoma e mediação de um contexto social e político que camufla a proporção dos prejuízos causados pela “virtualização” da vida e do trabalho, posto no início desse capítulo, faz jus ao processo de precarização da presença feminina, não só no magistério e na educação de forma geral, mas em todos os setores produtivos da sociedade.

A maternidade como “desculpa” para a diminuição de salários e de condições pautadas nas demandas reais femininas em uma sociedade de base patriarcal e capitalista, é apenas um dos elementos que vão se perdendo de sua origem histórica, e, atrelado a essa desconexão com nossa própria capacidade de apreensão das informações passadas de geração em geração, vão confluindo para uma grande lacuna nos processos de emancipação feminina.

³²Aprofundar a questão em NEDER, 2005, “ Ser Professora: entre os ranços da maternagem e a profissão
https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11927/1/Dissertacao_%20Rosa%20Maria%20Neder.pdf

Por isso devemos lutar para proteger essas grandes bases de nossa humanidade, que estão sendo corroídas pela capitalização de nossas existências: a história, a reprodução da vida e a educação.

Para não concluir esta reflexão, faço coro a um trecho do artigo jornalístico da colunista Alessandra Nilo para o site Congresso em foco:

[...] hoje aqui não faz sentido gritar que “machistas não passarão”, porque eles passaram, todos, um a um, como uma boiada. Na (indi)gestão do governo Bolsonaro, mulheres que defendem os direitos das mulheres não têm espaço: as que estão em instâncias decisórias no governo federal nunca foram tão poucas, e tão ruins, principalmente no que diz respeito aos direitos das meninas e mulheres, em toda sua diversidade. O grito que faz sentido hoje, o grito que precisamos gritar com muito mais força, é o de “machistas não ficarão”. E que não fiquem por muito tempo. A liderança das mulheres na vida política é um dos compromissos que o Brasil assumiu ao assinar a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (meta 5.5), mas que, desde 2017, vem sistematicamente descumprindo. Com apenas duas ministras entre 23 pastas, Jair Bolsonaro nos colocou em um dos piores lugares no ranking de participação feminina no Executivo entre todos os países do mundo. Enquanto a média internacional é de 20,7%, aqui temos apenas 8,7% dos ministérios ocupados por mulheres – lembrando que entre 2005 e 2016 esse índice era de 27%.” (NILO, 2021, s/p).

6 A PESQUISA

6.1 Produção de Informações

6.1.1 *A intencionalidade da pesquisa e pressupostos fundamentais*

Sobre o Método desta pesquisa é fundamental explicitar que ele está presente em todo o processo de construção e de elaboração, não só do que se apresenta aqui, como também daquilo que constitui o trabalho como um todo.

A elaboração do problema e do método se desenvolvem conjuntamente, ainda que não de modo paralelo. A busca do método se converte em uma das tarefas de maior importância na investigação. **O método**, nesse caso, **é ao mesmo tempo premissa e produto, ferramenta e resultado da investigação**. (VIGOTSKI, 1995, p. 47).

Quando nos propomos a trabalhar com o MHD a partir da PSH, estabelecemos um compromisso com a lógica dialética. Isso quer dizer que não existe um momento único, que esteja apartado do processo, em que paramos para empregar o Método. O Método, como é apontado no excerto de Vigotski acima, é premissa e produto por estar engendrado continuamente ao processo.

Por permitir que a pesquisadora construa o Método (e aqui falamos sobre construir maneiras de se captar o real de acordo com as especificidades materiais, temporais e temáticas, entendendo que o Método MHD permite e requer a partir de suas bases epistemológicas tal movimento), ao mesmo tempo em que elabora o seu problema de pesquisa.

E sobre alguns dos aspectos dessa construção se destacam os limites do mirante dessa pesquisadora, representados pelo tempo cronológico, pelas demandas pessoais, pelas alterações do estado mental e físico dela e das sujeitas de pesquisa, incluindo expressivamente as superações e o desenvolvimento contínuo e mutuamente constituído por todas essas ações engendradas ao processo de pesquisa.

De acordo com Aguiar, Aranha, Penteado (2020), o pesquisador busca nas significações do participante as determinações entendidas como traços constitutivos dos fenômenos. E elucidam também que a localização, explicitação e explicação

dessas determinações ficam a encargo do esforço analítico e interpretativo do pesquisador.

Por pesquisarmos sob esse embasamento teórico e metodológico, a pesquisa se faz de maneira posicionada, fundamentada e nunca neutra. Buscamos caminhos que nos auxiliarão no percurso de concretização dos objetivos de pesquisa, entendendo sempre que devemos nos embasar em uma visão não dicotômica, não generalista e não meramente descritiva.

Isso quer dizer que nossa percepção crítica tem que se atentar continuamente desde a intenção temática inicial, para uma ação que se esforce na captação do movimento do real, partindo do pressuposto que nós somos constituintes desse processo formulador da realidade, e que a realidade também nos constitui contínua e mutuamente.

Partimos das significações dessas sujeitas da pesquisa, e o que nos cabe enquanto pesquisadoras é analisarmos o processo de constituição dessas significações.

Isso quer dizer que as significações são nosso ponto de partida e de chegada, mas que nosso empenho analítico e interpretativo, amparado pela metodologia dos núcleos de significação, tratarão de nos capacitar a explicar o fenômeno posto em foco.

A apreensão do homem, como nos lembra Vigotski (2001), dar-se-á pela compreensão da gênese social do individual, "pela compreensão de como a singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação. (OLIVEIRA, 2001, p.1 *apud* AGUIAR; OZELLA, 2006, p.225).

Essa gênese, como expressa no excerto, só é possível de ser encontrada se nos utilizarmos da dialética singular/particular/universal, se levarmos em consideração esse movimento contínuo e complexo de mútua constituição.

As sujeitas dessa pesquisa são constantemente admitidas enquanto seres singulares e sociais, que nas relações com o universal, constituem essa singularidade por meio das mediações, que são as particularidades, (como, por exemplo, classe social, religião, origem familiar).

Assim sendo, pretendemos fazer uma análise que não tome o fenômeno como algo estático e isolado, pois a realidade em si é movimento. Esse movimento

se dá em decorrência das relações de contradição entre os diferentes fenômenos na totalidade, e, só quando o pesquisador se coloca em movimento, junto com a realidade, se torna possível analisar o processo.

6.1.2 O caminho da busca pela explicação, superando a aparência

*A essência do homem não é uma abstração
que pertença a um indivíduo específico.
Em sua realidade ela é
o conjunto de todas as relações sociais.*

(Marx K. e Engels F.)

Para explicarmos as significações das participantes e assim chegarmos a um caminho analítico que supere a aparência, necessitamos empreender esforços em direção à sua essência, buscando por meio de suas significações a apreensão da síntese das múltiplas determinações que constitui essa mulher.

Quando falamos aqui em superação de aparência para enfim explicar/alcançar/entender a essência, é dessa percepção de Marx e Engels que estamos falando.

Uma essência humana que se forja na dialética das experiências e relações sociais.

O conjunto dessas relações não é abstrato, e não é individual.

É fomentado histórica e culturalmente de maneira coletiva.

Como pensar uma professora, sem pensar a relação dela com suas turmas de estudantes, seus colegas de trabalho, seu ambiente de trabalho, seu gênero, classe social?

E como pensar nessas relações, sem levar em consideração como esses indivíduos se formaram ao longo de sua trajetória - suas vivências particulares, suas dinâmicas afetivas - até esse encontro em sala de aula?

E como pensar nessa composição de seres nessa dinâmica educacional, sem pensar nos recursos materiais presentes ou não para esse desenvolvimento?

Superar a aparência é adentrar nesse complexo de complexos que são as relações humanas e, portanto, sociais, para de fato compreender o que gerou/gera/gerará as significações analisadas.

É olhar sob uma perspectiva histórica para aquele ser humano que se apresenta em suas falas, é entender a relevância das mediações que compõem esse mesmo ser humano e suas vivências.

É transitar entre o movimento que nos constitui e que constitui o outro, nos entendendo como parte do todo, mas sabendo que não somos a mesma coisa, mesmo quando estamos em lugares de fala muito parecidos.

Pensa não o pensamento, pensa a pessoa. Este é o ponto de partida da visão [às margens] Feuerbach: Deborin – Hegel, XXVI.19 O que é o homem? Para Hegel é o sujeito lógico. Para Pavlov é o soma, organismo. **Para nós é a personalidade social = o conjunto de relações sociais, encarnado no indivíduo (funções psicológicas, construídas pela estrutura social).** [Às margens] O homem é para Hegel sempre a consciência ou autoconsciência XXXVII.20 (...) Mais para frente. **Uma vez que a pessoa pensa, perguntamos: qual pessoa** (Kaffir, romano com omenii = sonho, o racionalista Bazarov, o neurótico de Freud, artista etc., etc.). **Com as mesmas leis de pensamento (compare Geufding: leis da associação e o pensamento), o processo será diferente, dependendo de em qual pessoa ele acontece.** (VIGOTSKI, 1929/1995, p.33).

É a pessoa que encarnou as funções psicológicas que foram construídas pela estrutura social, que pensa. É a pessoa que elabora e explana suas significações.

E cada mulher mãe educadora, como sujeita de pesquisa, vivencia seu processo único e individual que não pode ser tomado como geral. Ao mesmo tempo em que todas são parte de uma mesma estrutura que compõe a realidade material que afeta e é afetada pelo conjunto de significações dessas mulheres.

Ser mãe é um fator material na vida dessas educadoras que estão compondo este trabalho de investigação científica. E só se torna um aspecto material tão relevante a ponto de ser colocado em foco na temática aqui apresentada, por estarmos inseridos em uma sociedade machista e misógina. Se assim não fosse, a maternidade não precisaria estar no cerne dos questionamentos que impulsionaram essa pesquisa.

Esse machismo juntamente ao capitalismo reforça uma sobrecarga “naturalizada” para essas mulheres no cumprimento das demandas cotidianas e materiais dos cuidados da casa, dos filhos e do trabalho formal na educação. Ainda promovem – o machismo e o capitalismo - essa mesma sobrecarga nas demandas

psicológicas e emocionais³³, cultivadas pelas relações sociais, presentes desde o início do desenvolvimento de cada uma das sujeitas da pesquisa e de cada um dos indivíduos que formaram essa rede de relacionamentos.

6.1.3 A escolha do perfil das mulheres mães educadoras

Como descrito na Introdução, essa pesquisa surgiu a partir da realidade posta, especialmente do isolamento social e seu inicial desdobramento: a junção entre ambientes privados e públicos no espaço doméstico.

Antes desse momento histórico caracterizado pelas repercussões da Pandemia, muitas das grandes questões sociais-individuais se mascaravam na dinâmica intensa cotidiana, que “fazia ser possível” a tripla, ou quádrupla jornada feminina³⁴.

Já é sabido em larga escala nas produções das áreas de humanidades através de levantamentos estatísticos³⁵, que a mulher brasileira se dedica em média três vezes mais para os trabalhos domésticos (e suas atribuições de organização, tarefas do lar e cuidado com os filhos e idosos do núcleo central familiar) do que o homem.

Pensando nessa conjuntura foi que definimos alguns afunilamentos no perfil proposto para as participantes da pesquisa, por entendermos que as demandas pessoais e profissionais se apresentam de maneiras diferentes de acordo com a fase em que a pessoa se encontra.

A síntese do perfil se caracterizou assim:

Mães e educadoras (cuja maternidade possa ser solo ou compartilhada), com filhos de até 6 anos de idade (de ambos os sexos), que vivenciaram o trabalho na educação à distância (tanto na rede pública como na rede privada de Ensino) e em isolamento, durante todo o ano de 2021.

Seguem as escolhas e as respectivas justificativas:

³³ Mesmo entendendo que as demandas cotidianas e psicológicas são parte de uma mesma elaboração interna-externa que produz as significações, aqui se separam apenas para critério de diferenciação de seus domínios.

³⁴ Quando pensamos nessa mulher mãe que assume a gestão do ambiente privado e precisa/ deseja/ é afetada pelas demandas do trabalho formal e do estudo muitas vezes, no ambiente público.

³⁵ Verificar essas e outras informações em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=37963#:~:text=Os%20indicadores%20mostraram%20que%20as,%2C1%25%20para%20os%20homens.

- A primeira escolha foi elaborada por desejar que estivesse presente no perfil das participantes, **tanto mulheres que vivenciam a maternidade solo, quanto mulheres que vivenciam a maternidade compartilhada.** No entanto, só foi possível entrevistar uma mãe solo, em comparação a outras três que vivenciam a maternidade compartilhada (gerando um total de 4 entrevistas). Esta informação será devidamente analisada mais adiante, pois já denuncia algumas características vividas por estas mulheres.
- A segunda escolha foi que cada uma das sujeitas deveria **ser mãe de pelo menos uma criança que tivesse entre 0 e 6 anos.**

Essa questão da idade dos filhos não foi posta por acaso, e sim porque entendemos que a dependência material cotidiana é diferente entre os ciclos. Um bebê lactante e um adolescente requerem a mãe de formas diferentes, e, no segundo caso, a terceirização desses cuidados se coloca de maneira mais facilitada do que no primeiro.

Alimentar (amamentar ou gerir e preparar as refeições), trocar fraldas ou acompanhar ao banheiro, higienizar (banho, escovação de dentes, cuidados com as unhas, mãos), tutelar, orientar (pedagogicamente ou cotidianamente), cuidar das vacinas, medicações, consultas médicas, entre tantas outras demandas que existem no cotidiano de mães, pais e responsáveis, são feitas de diferentes maneiras de acordo com as necessidades e a particularidade de cada caso.

Portanto, para entender como esse nível de demanda material foi vivido durante o isolamento social, nas dinâmicas familiares, e o quanto isso significou para essas sujeitas da pesquisa em termos de autopercepção profissional e individual-coletiva, fizemos esse recorte de idade para pelo menos um dos filhos/filhas das sujeitas.

- A terceira escolha foi que dentre as participantes houvesse **pelo menos duas mulheres brancas e duas mulheres negras. O que não foi possível.**

Alguns limites se apresentaram ao processo, e, sobre eles, falarei neste momento, como parte constituinte daquilo que não está na aparência do trabalho, mas que precisa ser documentado como expressão do processo.

Na organização prévia para início da seleção das sujeitas de pesquisa, já levamos em consideração a possibilidade de recusa, e, pelas indicações, tínhamos

separado exatamente 8 participantes (4 mulheres brancas e 4 mulheres negras).

Nosso intuito no decorrer do primeiro ano do projeto, era trabalhar com apenas duas entrevistas, mediante a complexidade do método e o nível de aprofundamento que intentamos atingir no processo de produção das informações.

Dentro das tentativas para entrevistar as quatro mulheres mães negras ocorreram as seguintes situações: a primeira (mãe de três crianças e professora de artes no ensino fundamental) não pôde participar da pesquisa pois não encontrou momento na agenda (chegou a sugerir que eu enviasse perguntas em forma de texto que ela me responderia quando desse, ao passo que eu expliquei que não era assim que funcionava nossa forma de produzir as informações).

A segunda (pedagoga) recebeu meu contato de um coordenador pedagógico de sua unidade (um amigo entre os colegas de trabalho que pedi indicações) e ficou de me retornar, não liberou o seu contato para que eu pudesse enviar mensagens e não deu nenhum retorno para prosseguirmos com as explicações e agendamentos.

A terceira era uma amiga minha da época da faculdade (cientista social e mãe solo), mas que teve seu contrato descontinuado no início da pandemia, o que inviabilizou sua participação, e a colocou infelizmente nas estatísticas de mulheres mães desempregadas durante a pandemia.

A terceira contatada quis, mas após reagendarmos algumas vezes ela me pediu desculpas, pois estava com afastamento psicológico, tinha perdido parte importante de sua rede de apoio, e além de lidar com o luto estava tendo que dar conta de muita coisa da vida prática cotidiana sozinha (era também mãe solo).

A saúde mental de docentes foi largamente afetada durante os tempos de isolamento social e teletrabalho - já temos alguns estudos e apontamentos estatísticos comprovando esse impacto³⁶.

Nas próprias entrevistas que foram realizadas nesta pesquisa aparecem as preocupações com o estado mental, a busca por apoio psicológico ou pelo menos a sensação constante de estresse e cansaço.

³⁶ Fontes: <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/05/27/insatisfacao-com-ensino-remoto-puxa-adoecimento-mental-de-professor-na-pandemia/> ; Dados também presentes na pesquisa online “A situação dos professores no Brasil durante a pandemia” que foi realizada entre os dias 16 e 28 de maio de 2020, ouviu 8,1 mil professores e se propôs a capturar o cenário vivenciado pelos docentes usuários do site de NOVA ESCOLA. A Saúde mental de 72% dos educadores foi afetada durante pandemia, afirmou o estudo: ansiedade, estresse e depressão são os maiores distúrbios relatados, segundo dados.

É importante destacar também que não conseguimos em tempo hábil encontrar novas participantes, pois precisávamos de uma negativa da possível participante, para então buscar uma nova indicação e reiniciar todo o processo de tentativas, especialmente por serem entrevistas densas.

Esse aspecto nos dá um importante indicativo: existem motivos muito concretos para que uma mulher mãe educadora não consiga participar de uma entrevista de cerca de 1 hora de duração.

E dizemos não conseguir, pois sabemos que a questão é justamente essa: desejar, mas não conseguir encontrar tempo nem disponibilidade, tamanha a sobrecarga que essas mulheres vêm carregando e que foi amplificada pelo isolamento social.

Iremos discutir de maneira mais aprofundada essa questão nas análises dos núcleos de significação, pois elas aparecem em todas as entrevistas, nos mostrando algumas justificativas históricas e grandes pontos de reflexão.

Após a qualificação do projeto, a professora Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, também conseguiu gentilmente a indicação de uma mãe educadora indígena, mas como estávamos com nossos cronogramas atrasados, tivemos que concluir os processos de análise com o material que já tínhamos.

- E a última escolha foi relacionada a trabalharmos com **educadoras advindas tanto de vínculos empregatícios privados, quanto servidoras públicas da área.**

Essas escolhas foram feitas para que a pesquisa pudesse abarcar elementos amplos da temática, e para que pudéssemos apresentar, mesmo que em menor escala, sem a pretensão de generalizar, pontos importantes para a compreensão das mediações constitutivas do fenômeno estudado e de suas implicações.

6.1.4 A escolha da entrevista enquanto procedimento

Para o tema em questão optamos pela entrevista como procedimento de produção de informações, pautada nas diretrizes da entrevista reflexiva, proposta pela autora Heloísa Szymanski.

Dentro desta concepção de entrevista, a ação da entrevistadora se baseia na busca por igualdade, no entendimento de ambas como partes do processo, com um olhar consciente que postula a horizontalização das relações de poder. E não só considerar a participação das duas como igualitárias, como “incluir as subjetividades no processo de interação social”.

Ou seja, entendemos que não existe “nulidade” na participação da entrevistadora, e ela não funciona como um mero reproduzidor de questões, a troca ocorre de maneira íntegra, a partir da intencionalidade da pesquisadora e pelas formulações conjuntas, que são definidas pelas emoções das participantes.

Conforme a interação que se estabelece entre entrevistador e entrevistado, tem-se um conhecimento organizado de uma forma específica. Daí percebe-se a participação de ambos no processo final. (SZYMANSKI, 2000, p.195).

Nesse sentido, podemos perceber nas transcrições no APÊNDICE B que existia um sentimento expresso de “honra” e de “importância-relevância” dados pelas participantes ao se falar sobre suas participações na pesquisa.

Esse indicativo fala sobre a temática ser de mútuo interesse, e dessa interação ocorrer de maneira intencional das duas partes: é uma mulher mãe educadora pesquisando mulheres mães educadoras.

Existe no decorrer do processo de entrevista um tom de cumplicidade e afetividade, no sentido de ampliar as possibilidades das “especificidades formadas por esse conhecimento organizado”.

Szymanski também fala sobre as etapas desse tipo específico de entrevista que são: : (a) contato inicial; (b) a condução da entrevista, que é subdividida em: aquecimento; a questão desencadeadora; a expressão da compreensão; produção de sínteses; elaboração de questões de esclarecimento, focalizadoras e de aprofundamento e (c) devolução.

No contato inicial (a) das entrevistas, optamos por apresentar a pesquisa para as participantes – citar que era parte da composição da pós-graduação na PUC-SP na linha da Educação: Psicologia da Educação, explicar rapidamente sobre o embasamento metodológico e os objetivos, solicitar permissão para gravação e posterior transcrição dos encontros – ressaltando que a forma da entrevista seria

muito mais parecida com uma conversa informal e que não requeria nenhum tipo de formalidade na fala ou expressão acerca dos temas propostos.

Já na condução em seu momento inicial do aquecimento, solicitamos às sujeitas que falassem sobre seu perfil – dados gerais como idade, com quem mora, quantos filhos tem e quais idades, entre outros – e, em seguida, tentamos ir por linhas temáticas já organizadas previamente em um questionário semiestruturado.

E os processos de questionamentos, síntese, elaboração de esclarecimentos foram acontecendo de maneira orgânica, de acordo com o desenvolvimento da conversa e de acordo com a sensibilidade da entrevistadora, sem uma ordenação pré-estipulada.

E a entrega do material produzido (transcrições das entrevistas) foi feita juntamente com a documentação solicitada pelo Comitê de Ética, e com o convite para a participação na defesa pública desta tese de mestrado.

6.2 Das entrevistas

As entrevistas foram realizadas de acordo com agendamento prévio e disponibilidade das participantes, entre o período de 15/10/2020 até 15/04/2021, através de duas plataformas virtuais: *Zoom* e *Microsoft Teams*, gravadas e armazenadas, transcritas de maneira fiel e detalhada, e autorizada mediante permissão por escrito de cada participante para uso total dos dados documentados.

O compromisso de preservação da identidade foi assumido integralmente, o que nos levou a substituir ou excluir nomes de pessoas e Instituições nos dados aqui apresentados, que pudessem desempenhar qualquer função de exposição inadequada.

Mesmo considerando a pouca quantidade de encontros (fizemos apenas um com cada participante, com duração entre 1h00min e 1h40min), por termos limite de tempo, por ser um projeto de mestrado, e pela conjuntura pandêmica, conseguimos produzir um material denso, que ao ser analisado sob os critérios da metodologia dos Núcleos de Significação, renderam contribuições acerca da reflexão sobre o tema.

Todas as participantes se prontificaram a verificar uma nova data mediante disponibilidade individual, caso fosse necessária nova entrevista/intervenção para composição da pesquisa, o que acabou ocorrendo.

Foi sugerida a realização de uma etnografia dos espaços onde essas sujeitas vivenciaram o período em questão, o que não foi possível de ser realizado na íntegra por ainda mantermos o isolamento social e isso impedir o preenchimento dos critérios que compõem uma análise etnográfica, em especial a presença física e de observação no cotidiano desses lares.

Mas, a partir desta ideia, foi possível propor às participantes que nos enviassem fotografias dos espaços das residências, juntamente com relatos escritos por elas sobre as lembranças de suas vivências no ano de 2020 e como ocorreu a reorganização da ocupação desses espaços domésticos que também viraram ambientes de trabalho.

Esse material foi organizado de maneira a compor a apresentação das sujeitas da pesquisa dentro das análises e interpretações formuladas.

6.3 Dos instrumentos e dos encontros

Para a efetivação das entrevistas foi elaborado um instrumento: um roteiro temático organizado conjuntamente com um questionário semiestruturado no mesmo documento, que estará disponível após os quadros comparativos.

Essa junção foi feita com dois propósitos específicos: o primeiro foi de, a partir das questões, poder captar uma caracterização das participantes em seu conjunto de determinações materiais e históricas (localizar essa participante para a pesquisa em sua história pessoal, entendendo um pouco sobre suas origens, sua realidade socioeconômica, presença ou ausência de rede de apoio, idade, raça (cor), quantidade de filhos, casada ou mãe solo, trabalhadora da educação pública ou privada entre outros); e o segundo foi de orientar para que no decorrer do fluxo da entrevista, não se deixasse de lado nenhum dos temas ou pontos mais relevantes na busca por atingir os objetivos delineados na proposta, para que se pudesse desenvolver ao máximo as nuances acerca das significações individuais-coletivas sobre a experiência vivida pela pandemia e pelo isolamento.

É importante destacar que esse roteiro-questionário era um material nosso que servia como um ponto de partida central para a organização da produção dos

dados, mas que, de maneira nenhuma, ele era de uso obrigatório ou deveria servir como leitura-resposta durante a entrevista.

Esse ambiente de descontração, além de ter garantido a livre expressão por parte das sujeitas, também colocou os temas em ordens diferentes: eles aparecem em cada entrevista de acordo com o seu surgimento, ou até mesmo com as aberturas que surgiam no próprio diálogo para entrarmos, ou aprofundarmos sobre algo significativo que havia surgido.

Quadro comparativo Pessoal

As participantes estão nomeadas pela ordem em que foram realizadas as entrevistas (primeira entrevista realizada: E1 – e assim sucessivamente), e por uma inicial subsequente.

Participante	Idade	Religião	Classe social	Perfil dos filhos (quantidade, gêneros e idades)	Casada ou mãe solo
E1 – F	35	Ateia	Classe Média	1 Menina (3 anos)	Mãe solo
E2 – M	42	Espírita	Classe Média	2 Meninos (9 anos – 5 anos)	Casada
E3 – V	36	Católica	Classe Média	2 Menina e Menino (7 anos – 4 anos)	Casada
E4 – F	43	Católica	Classe Média	2 Meninos (9 anos – 6 anos)	Casada

Participante	Quanto tempo de trabalho na educação	Formação	Instituição	Atende que público/ faixa etária
E1 – F	Mais de 5 anos	Mestrado Ciências Sociais	-Privada	Ensino Superior: Acima de 18 anos
E2 – M	Mais de 20 anos	Mestrado História	-Pública	Ensino Fundamental I: Entre 6 e 10 anos
E3 – V	Mais de 15 anos	Magistério Pedagogia	-Pública	Ensino Infantil : entre 0 e 5 anos
E4 – F	18 anos	Mestrado Educação	-Privada	Ensino Fundamental I – Entre 6 e 10 anos

Dos eixos temáticos e roteiro com possibilidades de questões orientadoras:

- 1) Levantamento de dados pessoais:

Nome, idade, autodeclaração de cor, perfil profissional (onde atua, com qual público, há quanto tempo), realidade socioeconômica, com quem mora.

2) Histórico familiar:

Relacionamento com o pai da criança, rede de apoio.

3) Escolha profissional:

Foi uma escolha ser professora?

A maternidade impactou algum aspecto da sua conduta profissional?

Se pudesse mudar de profissão, após essa experiência de isolamento e trabalho à distância, mudaria? Se sim, para qual e por qual/ quais motivos? Se não, por qual/ quais motivos?

4) Apreensões sobre a experiência de trabalhar em isolamento durante a Pandemia:

Quais foram seus desafios durante o processo do trabalho à distância?

Quais foram as facilidades e/ou conquistas durante o processo?

Seu trabalho tinha qualidade antes do isolamento?

Essa qualidade se manteve ou sofreu alterações?

Você acredita que teve condições adequadas para realizar as demandas profissionais exigidas? Se sim, elas foram criadas por quem? Se não, quais seriam as condições adequadas e quem ou qual instituição você acredita que deveria ter atendido a essas demandas?

Faça uma análise geral dos impactos pessoais e profissionais gerados pelo isolamento.

A maternidade tem alguma relação com os desafios ou conquistas do período?

Você acredita que exista diferença de gênero no que diz respeito ao trabalho na educação?

5) Domínio doméstico:

Você é quem faz os trabalhos domésticos ou terceiriza?

Quem é responsável pela manutenção financeira da casa?

Quem é responsável pelos cuidados gerais da criança? De que forma isso é organizado?

6) Identidade profissional:

Como você se identifica enquanto profissional?

Como você vê sua função na sociedade a partir de sua formação e atuação na educação?

Quais são seus sentimentos sobre a educação brasileira?

7) Diferenças entre o trabalho remunerado e o não remunerado:

Quanto tempo você se dedica em média para sua atuação profissional remunerada?

Quanto tempo você se dedica às atividades não remuneradas?

6.4 Apresentação das participantes da pesquisa sob diferentes enfoques

6.4.1 *Leitura poética das observações e registros nas entrevistas*

Essa foi uma maneira encontrada para revisitar impressões sobre as participantes e ao mesmo tempo presenteá-las com uma figura artística de linguagem. Os escritos poéticos aparecem aqui como uma forma de composição das sujeitas, também como parte da análise.

[...] nos textos literários é possível perceber uma organização da linguagem diferente da organização da linguagem usual [...], além disso, sobretudo na poesia, a linguagem aparece integrada de um modo que todas as palavras, estruturas e sons aparecem em uma relação complexa sobre a qual é preciso refletir a fim de se produzir um sentido para o todo. (MENEGASSI, 2005, p.182).

6.4.2 *Relatos escritos por elas sobre as ocupações dos espaços domésticos e suas impressões pessoais sobre o ano de 2020*

Os relatos foram solicitados gentilmente após a qualificação, por entendermos que seria mais um importante elemento para adentrarmos as complexidades das significações analisadas nas entrevistas, fora do ambiente gravado e considerando-se a rapidez com que se ponderam as questões no momento da entrevista. Uma outra forma de produção de informações onde essas sujeitas pudessem expressar de maneira mais refletida suas impressões, e revisitar nos seus momentos de livre escolha o ano vivido e suas relações com o ambiente físico que as acolheu.

6.4.3 *Imagens dos ambientes de trabalho e doméstico enviado por elas*

Como parte dessas composições acerca do vivido, e com a intenção da aproximação com a documentação historiográfica, pedimos também registros que

pudessem refletir o ambiente de trabalho (eleito na residência) em que essas educadoras desenvolveram suas experiências virtuais no período. Algumas das participantes enviaram registros complementares de momentos importantes, os quais estão disponibilizados no APÊNDICE B dessa pesquisa.

6.5 E1: Sobre F.

A primeira vez que vi F. senti uma sensação nova: seus olhos pareciam os olhos que eu havia imaginado como os de Capitu, com aquele desenho diferente da curva sutil dos cantos e um tom de mel, eram os verdadeiros olhos de ressaca idealizados por Machado e transmutados por mim durante minhas leituras adolescentes. Seus cabelos bem longos e ondulados lembravam a praia, inclusive umas mechas mais claras naturalmente iluminavam seu rosto arredondado e faziam referência a um dia de sol e calmaria. Sua risada era despretensiosa e invadia sempre com uma nota rouca que antecedia a surpresa alegre de gargalhar. Seus olhos afiados, de cigana oblíqua, não tinham nada de dissimulados, era só a forma e a cor mesmo que me levavam ao romance de Casmurro. A cada balançada atenta de cabeça com suas concordâncias, e a cada torção muscular facial com suas dissonâncias, F. é profundamente verdadeira ao expressar seu coração.

Que bom que mulheres como F. nos inspiram força, generosidade e revolução.

Relato:

Vivi em dois espaços diferentes durante o período de trabalho remoto.

Primeiro momento - De 13 de março de 2020 a 20 de setembro de 2020 - Meu apartamento de 50 m² em Osasco.

Sobre a ocupação dos espaços e moradores: em um primeiro momento, até meados de abril, fiquei sozinha com minha filha L. que acabara de completar 3 anos de idade. O apartamento tem 50 m², dois quartos, com uma sacada. Então não havia muito espaço para a L. brincar. Liberei todas as paredes da casa para ela pintar. Tentei fazer cabanas. Fizemos um isolamento rigoroso, saía apenas para o mercado.

Com relação ao trabalho: Eu gravava minhas aulas durante a noite/madrugada – revivi os momentos sombrios da amamentação – em que L. acordava, em média, sete vezes por noite – agora eu ficava, em média, 20 horas

acordada. Dando conta das tarefas domésticas e da maternidade durante o dia e trabalhando a noite e madrugada. Mas, após duas semanas, comecei a fazer LIVES, tentava explicar para a L. o que seria aquele momento. Ela ficava brincando, perto de mim, mas era começar a aula e falar com os estudantes, ela entrava na frente da câmera, subia no meu colo e disputava atenção. Após um tempo, meu namorado ficou com a gente para ajudar, tive uma melhora com a divisão das tarefas.

Dinâmica doméstica: eu cuidava de tudo. A casa vivia uma zona.

Comentários Extras: foi um período muito difícil. Fui convidada por um amigo a escrever um relato para uma revista a qual ele faz parte. Vou reproduzir o relato aqui:

Da entrega completa à frustração completa

Sou uma mulher de classe média, branca e carteira assinada, minhas reflexões e relatos apontam privilégios que outras mulheres em condições sociais diferentes não experimentam, ainda assim, denunciam as marcas de uma sociedade caracterizada por desigualdades. Sou professora e mãe de uma criança maravilhosa que completou três anos de idade durante a pandemia. Sou mãe solo, quando começou o isolamento, fiquei algum tempo sozinha com minha filha. Minha profissão me garante, além da questão financeira, a realização “de um tempo só meu”, de completa autonomia, em que a mãe e dona de casa saem de cena e me entrego ao que me move profundamente: pesquisar e lecionar.

Minha rotina estava bem-organizada: apenas duas tardes e três noites de trabalho, o que me garante bastante tempo com a minha filha e períodos de qualidade para preparar minhas aulas combinado ao momento “sagrado” em que a porta da sala de aula se fecha - um espaço exclusivo meu e dos alunos. Com a pandemia isso foi arrancado. Misturar vida pública e privada é perigoso e exaustivo.

Não há mais a entrega completa à minha filha ou ao trabalho, e sim uma frustração completa em tentar dar conta de tudo e falhar.

A primeira e ingênua reflexão foi: “vou ajeitar muitas tintas e massinhas para a L. brincar e explicar que alguns momentos a mamãe irá trabalhar ali em casa mesmo, ela é fofa e superinteligente, vai ser ok”. Não foi ok, foi o oposto de ok.

Minha filha, obviamente, exigia minha atenção, não entendia por que eu ficava na frente do computador tanto tempo, ao invés de brincar com ela. Eu perdia a paciência, mais do que gostaria ou deveria, em um esforço vão e estúpido de fazer

uma criança, que iria completar três anos, entender que ela deveria respeitar meu tempo de trabalho.

Comecei a ficar mais com ela e me dedicar ao trabalho durante as sonecas da minha filha e as madrugadas, voltei a dormir quase nada, revivendo os primeiros meses da maternidade em que L. não dormia. L. começou a passar mais tempo em frente às telas, ela “regrediu”, parou de se alimentar sozinha e imitava bebê. Quanto a mim: frustrada por sentir-me uma péssima mãe. Mas a frustração não era só essa, também comecei a sentir-me péssima professora. Havia criado meu estilo em sala todo baseado no afeto e na “presença real”, denunciando os absurdos de uma educação EaD, mas fui rendida pelas circunstâncias.

Vi-me trabalhando muito mais, porém consumida pela certeza de que os alunos não estavam aprendendo. Preocupada se eles possuíam condições materiais e emocionais para aquilo tudo (quando nem eu mesma possuía). Por sorte, a instituição em que trabalho garantiu as condições materiais aos alunos durante o ensino remoto, já as questões emocionais vinham à tona, tanto as dos alunos quantos as minhas: o vazio completo de falar com uma tela, mesmo com câmeras e microfones ligados, a ausência da tensão peculiar de uma sala de aula, aquele feed back imediato feito pelos olhares e gestos dos alunos, a empolgação, a boa ansiedade antes de entrar na sala, o suor cheio de mérito típico do fim de uma aula com reflexões, debates e risadas. Agora, no EaD, a sensação de não fazer mais nada direito me consumia.

Na realização de uma aula síncrona, uma “live”, explicava o conteúdo aos meus alunos, enquanto a L. estava sentadinha no sofá, ficou assim por alguns minutos, até que pulou em mim, agarrou a minha cabeça e gritava “mamãe” e ria muito, puxando meu cabelo e cantando. Eu segurava o celular na tentativa de explicar o conteúdo, enquanto caminhava com a L. pela casa pendurada na minha cabeça, fiz isso por um longo tempo. Pedi desculpas aos alunos e encerrei. Fui dar banho nela e comecei a chorar desesperadamente, coisa que assustou a L., até então ela nunca havia me visto chorar, pelo menos, não daquele jeito. Senti-me péssima, envergonhada e humilhada, não há consciência feminista que dê jeito naquele sentimento horroroso de se sentir uma merda como mãe e profissional.

Coloquei a L. para dormir, tomei meu banho e fui checar o celular. Havia mensagens das alunas mulheres, algo esperado, afinal elas sabem na pele o que passei. Curiosamente me emocionei profundamente com duas mensagens de dois

rapazes com seus vinte e poucos anos, Raul e João, palavras generosas e empáticas me elogiando enquanto mãe e professora, palavras inimagináveis aos homens - historicamente cegos aos seus privilégios. Assim, uma pontinha de alegria e esperança me tomou aquela noite, pensei que, ao menos, um tímido reconhecimento do trabalho “invisível” das mulheres tem sido notado e todos os esforços do movimento feminista na sua mais ampla gama de lutas, incluindo a árdua tarefa de conscientização dos homens, esteja dando frutos e abrindo caminho para que um dia, nenhuma mulher se sinta um lixo enquanto mãe e profissional, que exista todas as condições sociais e materiais para que isso aconteça e nos garanta a tão sonhada e necessária igualdade. Por enquanto, tento internalizar que não está fácil, mas é temporário.

Não vejo a hora de voltar para o presencial. É terrível ouvir de figuras políticas desonestas que os professores não querem “voltar a trabalhar” (estamos trabalhando muito mais!). O que mais quero: voltar para a sala de aula presencial e reorganizar meus tempos e espaços de professora e mãe, mas apenas quando tiver a certeza de que minha filha e meus alunos não correm nenhum risco.

Segundo momento - De 20 de setembro de 2020 a 20 de junho de 2021:

Chácara dos meus pais. 1000m2 em Cotia.

Sobre a ocupação dos espaços e moradores: em setembro de 2020, “me mudei” com a L. e meu namorado para a chácara dos meus pais. As coisas melhoram muito! Pois meus pais se dedicavam aos cuidados com a L., dividíamos as tarefas domésticas, além de me sentir muito segura em um espaço reservado, com muito verde, uma piscina, um rio, um pula-pula, balanço, gira-gira e quatro cachorros! Foi o paraíso para a L.: os quatro adultos que ela mais ama cuidando dela. A casa é espaçosa. Em um quarto ficavam meus pais, em outro meu namorado e no maior: eu e a L.. No nosso quarto, além de dormirmos, eu tinha uma mesa de trabalho.

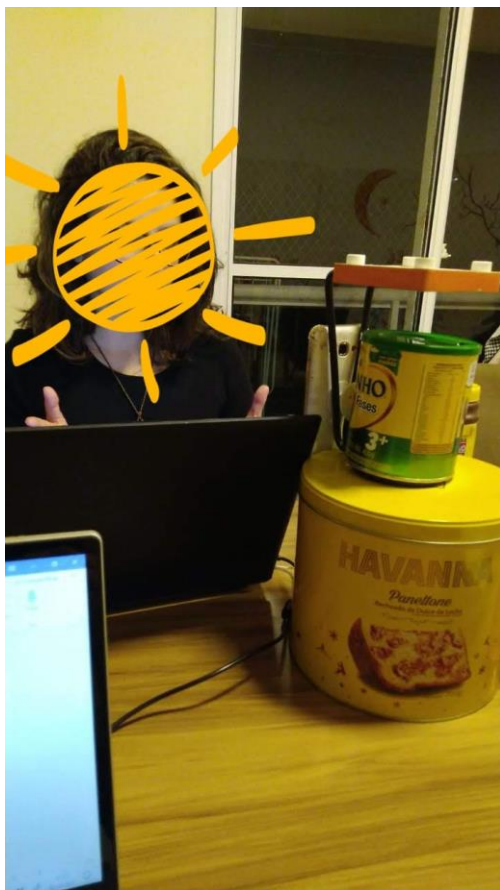
Com relação ao trabalho: consegui me organizar mais em relação ao trabalho. Acordava cedo e preparava as aulas. Durante a noite fazia minhas Lives com tranquilidade, pois a L. brincava com meus pais, meu namorado e os cães.

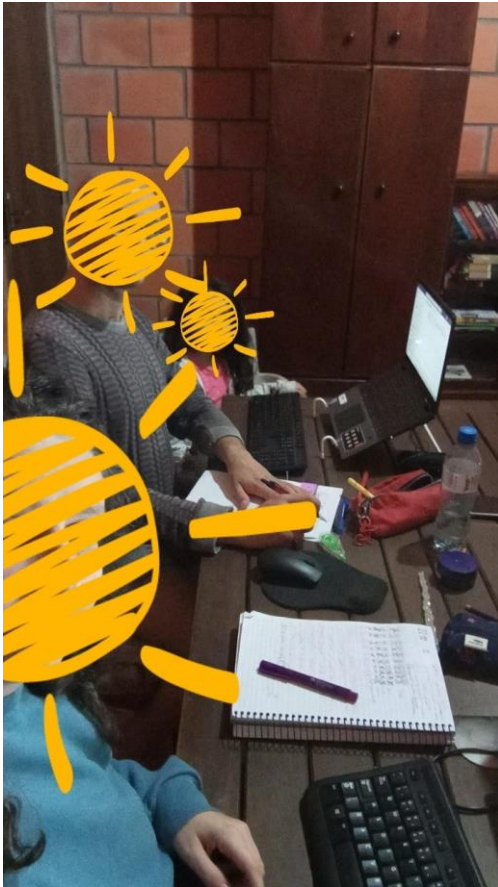
Obviamente o regime de teletrabalho é “puxado”, muito mais que o presencial, então trabalhava, praticamente, o dia todo. Porém, dormia durante as madrugadas com a tranquilidade que L. estava feliz e bem cuidada.

Dinâmica doméstica: *dividíamos as tarefas do lar. Quando minha mãe estava (porque algumas vezes ela foi embora e voltou para Osasco), ela cozinhava. Eu e meu namorado limpávamos. Meu pai cuidava do quintal. Todos se dividiam para cuidar da L..*

Comentários Extras: *esse momento foi de bastante privilégio “material”, com as condições que uma chácara e mais adultos permitiam. Porém, tenho uma relação complicada com a minha mãe, então brigávamos muito e, por muitas vezes, ela ia embora, ficando mais de um mês longe, e tínhamos que nos reorganizar em relação às refeições, principalmente. Creio que se tivéssemos uma relação melhor, esse período teria sido muito mais tranquilo.*

Fotografia do espaço de trabalho:





6.6 E2: Sobre M.

Quando vi M pela primeira vez, não consegui deixar de admirar seus olhos castanhos bem escuros. Desde criança que tenho encantamento por tons escuros de olhos, especialmente se acima desses olhos havia sobrancelhas grossas bem desenhadas...

Assim como seu olhar, a cor de sua pele e suas mãos firmes, com dedos lindos e longos, me davam a impressão de que ela era uma grande artista, dessas que esculpem no barro por dias a fio, as peças mais detalhadas e preciosas.

Engraçado foi perceber, que apesar de minhas fantasias, M. era capaz de transformar o barro em vida.

Como mãe, como mulher, como mestra, seu destino se alinha com os fios de ouro de seu intelecto e a permitem criar, entender e desbravar, com astúcia ancestral de seu dourado indígena, e a delicadeza pastel de um floral oriental.

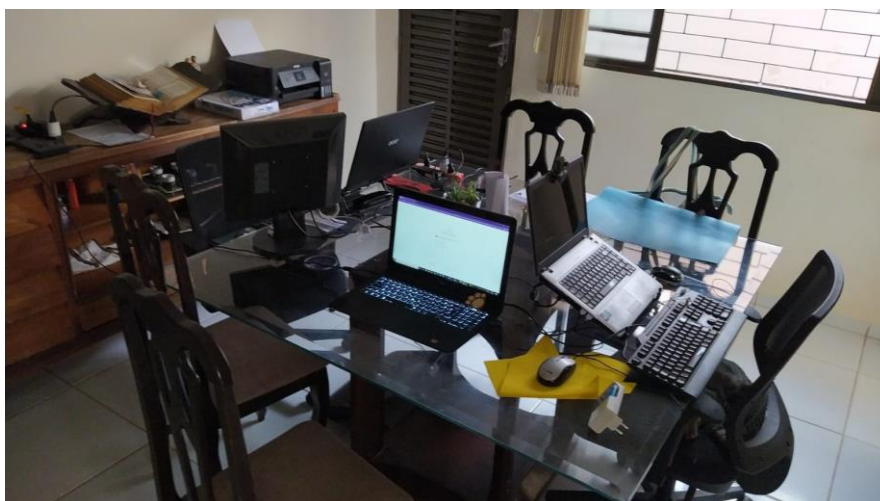
Como uma mistura de gueixa tupi-guarani, ela contempla sua complacência servil e sua arte marciana, por onde passa, nunca aceitando as violências, mas servindo continuamente em busca de suas redenções.”

Relato:

Durante a Pandemia a rotina da casa onde vivo com meu marido, filho e dois gatos foi bem complexa. Não havia uma divisão coerente da rotina da casa, barulhos, ruídos eram constantes. A limpeza, por exemplo, foi o primeiro impacto, com as crianças e marido em casa o ambiente ficou mais desorganizado e ao mesmo tempo não havia mais um momento específico para que a limpeza mais profunda fosse realizada. O sinal de internet é melhor no centro da casa o que transformou minha copa num escritório aberto e sujeito a barulhos da televisão, miados dos gatos, brincadeiras das crianças. Usar a câmera nas aulas são um desafio, porque dar aulas online de mindfulness durante a Pandemia transformou-se em uma forma de complementar a renda e auxiliar as despesas com medicamentos e cirurgia de minha mãe, que reside em outra cidade. Quantas vezes me peguei constrangida pedindo desculpas a diferentes alunos por estar com o som com ruídos ou por ter que interromper a explicação para auxiliar um de meus filhos. Sinto-me muito mal porque para aprender a manusear ferramentas digitais para oferecer meu trabalho tive que redobrar o tempo de estudo, fato que implicou redução para atender as minhas necessidades enquanto pessoa, como mulher e como mãe. A sensação era de estar em casa porém completamente ausente aos que de fato precisavam de mim. A pior situação foi a de perceber que não conseguia desempenhar o papel de alfabetizar meu filho, que recusava as atividades. O relacionamento de todos foi afetado pela falta de silêncio, privacidade. A sensação é de ver minha família transformada num produto capitalista. Deixamos de viver para apenas sobreviver diante do medo e do caos psicológico, e o pior cobra-se do professor uma tranquilidade e conhecimento que muitas vezes não damos conta. Somos humanos, não somos robôs. Romantizar é um erro, devemos perceber que vidas importam e que falar sobre este momento histórico e resgatar nossa integração com a natureza, escrevendo e relatando como foi difícil e desumano passar por situações de manobras políticas que sempre fazem mais estrago aos com menor poder social e financeiro. Vemos um cenário de desvalorização docente, incentivo a homeschollin, num país onde não se tem comida na mesa é um ato político de retrocesso, que pretende restringir o acesso do conhecimento científico a

poucos aristocratas que pretendem manter a estrutura “escravocrata” com um negacionismo histórico. O pior é que a tal flexibilidade do trabalho induz a falta de percepção de si e do outro, numa competição ampliada pela comparação e ideal de vida pelas redes sociais, algoritmos, fakenews, etc. Todo este cenário de “guerra” me faz sentir em alguns momentos um cansaço e uma falta de perspectiva. A fé e a rede de apoio para o diálogo na comunidade mindfuness funcional é o que tem sido uma luz, o exercício de perceber a vida na sua positividade em pequenas ações tem reduzido a sensação de imobilidade e insegurança divulgada maciçamente em nossa sociedade.

Fotografia do espaço de trabalho:



6.7 E3: Sobre V.

Quando vi V. pela primeira vez, não consegui entender como aquela menina mulher espolleta já era mãe de duas crianças tão lindas e amorosas. Seu sorriso radiante apertava as covinhas dos olhos e das bochechas de um jeito tão honesto, que parecia aquela brincadeira na piscina em um dia de verão.

Seu corpo esbelto bem desenhado, e seu cabelo liso, o bom gosto de suas vestes e a empolgação da sua voz rouca, me lembrava um livro muito querido do Vinicius chamado, “Para uma menina com uma flor”.

Quem vê V. não se atenta a uma grande lágrima de saudade que ela não deixa cair pra não abrir a represa de sua história, tampouco percebe o leve curvar dos ombros que carregam grandes decisões, momentos difíceis e um punhado de trabalho.

Não se atentam pela maestria de seu caminhar, por ter sempre uma boa nova pra te contar, e porque ela é assim, é uma menina, e tem sempre uma flor.

Relato: *Meu nome é V., sou professora de educação infantil, da rede pública do município de São Paulo. Moro em uma casa com 2 quartos, sala, cozinha, 1 banheiro, garagem e uma área grande como lavanderia e lazer.*

O ano de 2020 foi uma mudança na vida de todos. Entramos em uma pandemia mundial e nos vimos trabalhando de forma remota.

Foi um grande desafio, pois tivemos que aprender, de forma autodidata, a mexer com tecnologias.

Além disso, sou mãe de 2 crianças, na época com 7 e 4 anos.

Meu trabalho, como professora, se resumia em reuniões diárias com minha coordenadora e planejamento, produção e edição de vídeos com atividades para as crianças.

Meu trabalho, além da profissão, era cuidar da casa, assistir aulas com minha filha e ajudá-la com suas lições, ela estava em processo de alfabetização. Apesar de ser formada em pedagogia e lecionar desde meus 18 anos, não tenho experiência com alfabetização e me senti muito insegura.

Meu esposo também é professor, de ensino fundamental 2 e médio, leciona na disciplina de História. Quando foi decretado o ensino remoto, ele comprou uma mesinha para todos usarmos, mas somente ele e minha filha usaram. Nossas reuniões eram no mesmo horário e ele ficava em nosso quarto concentrado enquanto eu executava todas as tarefas ao mesmo tempo. Durante minhas reuniões, colocava fone de ouvido e ao mesmo tempo fazia comida, organizava a casa, dava atenção ao filho menor e ajudava a mais velha. Eu não tinha um ritual de me concentrar em algum cômodo da minha casa para focar em uma atividade só. E esta correria me deixou bem estressada, senti minha privacidade invadida e o ambiente de trabalho e pessoal misturados.

Fizemos um isolamento bem rígido e nossa rotina era sempre somente nós 4. Nossa relação familiar oscilou bastante e senti muita dependência de todos aqui em casa, por mim, o que aumentava a sensação de cansaço. Durante a pandemia, tivemos muitos momentos próximos, exploramos nossa casa com brincadeiras diversas e que todos participavam, assistíamos filmes todos juntos na sala. Porém, houve momentos de discussão e distanciamento.

Superamos todos os obstáculos e continuamos juntos. Houve bastante conversa e divisão de tarefas, para diminuir a pressão que eu sentia.

A pandemia nos trouxe vários aprendizados!



6.8 E4: Sobre F.

Quando vi F pela primeira vez, me derreti pelo seu sorriso gentil. Com sua pele alva rosada, e os fios loiros delicados que caíam um pouco sob seu olhar azul mais parecia uma fada daquelas histórias mágicas que me envolviam compenetrada na infância.

Prestava atenção nos seus trejeitos, e quando ouvi sua voz suave tudo parecia tão encaixado, que era muito agradável percebê-la no mundo. F. por mais que pareça à primeira vista uma doce donzela, guarda uma sabedoria no fundo de sua poesia que surpreende o leitor mais ingênuo.

E foi incrível perceber o quanto de magia existe na força visceral de F., tão bem disfarçada em seu meio sorriso de Monalisa.

Acredito que ela tenha muita lama nas botas que percorreram essa travessia até aqui, e que provavelmente foi limpa ao trocar as botas por dois sapatos brilhantes que ela mesma se deu de presente.

Além de uma grande guardiã de si e dos seus, F. é daquelas boas surpresas da vida, como aquele livro que você pega pra ler sem pretensão, e se descobre incorrigivelmente apaixonado até os dias finais dessa passagem.

Relato:

Eu não tenho nem como começar este relato sem contar um pouco o processo em que minha vida se encontrava quando a pandemia chegou. Sou mãe de 2 meninos de 7 e 10 anos; sou professora e sou estudante. Em março de 2020 eu estava iniciando uma nova fase em minha vida: estava voltando a estudar, um sonho muitas vezes adiado por diversas situações comuns a muitas mulheres: a sobrecarga de trabalho dentro e fora de casa, a responsabilidade com a maternidade que geralmente é maior para as mães, principalmente quando algum dos filhos apresenta uma demanda maior de acompanhamento com terapias, consultas médicas e outras necessidades por estar em quadro de transtorno de espectro autista. Além disso, eu havia iniciado 2020 com um novo estado civil: estava me separando do pai dos meus filhos após passar por um período bem conturbado. Enfim, a ilusão era de que eu estava finalmente tomando as rédeas da minha vida.

Com o início do período de isolamento, todos os planos tiveram de ser revistos. De repente tudo havia virado de cabeça para baixo: a separação se tornara inviável, não teríamos condições financeiras de mantermos a rotina dos meninos sem continuarmos sob o mesmo teto. A alegria em adentrar novamente uma sala de aula como estudante foi vivida apenas nas duas primeiras aulas, em seguida uma plataforma no computador, fria e quadrada substituiu presenças, abraços, conversas. A minha sala de aula como professora migrou para aplicativos, plataformas, videoaulas, em uma rotina extenuante de tentativa de aproximar, de manter o vínculo e a aprendizagem dos meus alunos. Eu também precisava equilibrar nesse quadro caótico em que me vi de repente, a adaptação dos meus filhos a um novo cenário de estudos, de convivências, de crescimento.

Foi nesse cenário que vivi os últimos 21 meses.

Fizemos um isolamento bem restrito em um apartamento de 70 metros quadrados, 2 adultos, 2 crianças, um medo insano do mundo lá fora e uma necessidade urgente de espaço, ar e liberdade. Os espaços da casa passaram a ser preenchidos com trabalhos e estudos. O quarto dos meninos era dividido entre eles para brincar e estudar. Consegui um tablet emprestado na escola deles para que

pudessem assistir às aulas e fazer os trabalhos escolares. Também consegui um notebook emprestado da escola onde trabalho para lecionar de forma on-line e usei-o para assistir minhas aulas. Transformei a mesa de casa em local de trabalho e estudo e as aulas aconteciam enquanto eu cozinhava ou lavava a louça, tudo junto e ao mesmo tempo. Nem preciso dizer que minha atenção e concentração foram imensamente prejudicadas, e era nas madrugadas, quando todos dormiam e a casa finalmente ficava em silêncio que eu conseguia assistir à gravação das aulas, reler os textos e fazer os trabalhos exigidos em meu curso, além de preparar material para as aulas on-line com meus alunos. O pai dos meus filhos, a princípio dormia em um outro cômodo e conseguiu montar ali um local de trabalho para ele. Com a demanda da casa, do meu trabalho e dos meus estudos aumentando cada dia mais, o cansaço me vencia nas madrugadas e eu já não conseguia dar conta de estudar e preparar as aulas. Muitas e muitas vezes eu quis desistir de tudo, inclusive do meu papel de mãe. Eu me sentia cansada o tempo todo e culpada por não ser aquela mãe da pandemia que cozinhava com os filhos, que inventava mil e uma atividades para mantê-los em uma rotina mais ou menos saudável, que conseguia estudar com os filhos. Ao contrário, eu não tinha forças nem sanidade mental. Eu era professora, mas meus filhos não estavam aprendendo nada nesse novo formato de escola. Eu sentia raiva por ter de conviver com o pai deles, e me culpava porque as vezes deixava transparecer essa raiva. Eu sentia medo de ter de ficar sozinha com eles e não dar conta e me achava fraca por essa dependência emocional que eu pensava que tinha. O que eu mais lembro de sentir em 2020 inteiro foi raiva, culpa e cansaço.

Em 2021 eu busquei forças no fundo do útero para não enlouquecer e fizemos alguns ajustes nos locais de trabalho dentro de casa: eu mudei para o cômodo onde o pai dos meninos trabalhava e ele foi para a sala, assim, minha atenção e concentração eram maiores no quarto e ele passou a ficar responsável por cozinhar. Revezávamos na limpeza e organização da casa. Esses ajustes foram acontecendo aos poucos, mas sinto que consegui me impor um pouco mais em relação às demandas da casa. O pai dos meninos foi se envolvendo mais com as atividades da casa e mesmo com as atividades escolares deles. Consegui respirar. Consegui mais tempo para estudar. A sobrecarga de tomar conta de uma casa é tão grande, que as divisões nas tarefas aliviam muito. Em 2021 os períodos de raiva e cansaço foram menores. Bem ou mal, sinto que vou conseguir concluir meus estudos e saio muito mais fortalecida como mulher desse caos todo. A ideia da separação foi arquivada

por enquanto. A turbulência toda que passamos ao longo da pandemia também foi nos reaproximando.

Não há expectativas, mas há uma mulher, que é mãe, professora e estudante que finaliza um período pandêmico podendo afirmar: sobrevivi, em todos os sentidos!

Fotografia do espaço de trabalho:



7 ANÁLISE

Na realidade, a psicologia nos ensina a cada instante que, embora dois tipos de atividades possam ter a mesma manifestação externa, a sua natureza pode diferir profundamente, seja quanto à sua origem ou à sua essência. Nesses casos são necessários meios especiais de análise científica para pôr a nu as diferenças internas escondidas pelas similaridades externas. A tarefa da análise é revelar essas relações. Nesse sentido, a análise científica real difere radicalmente da análise introspectiva subjetiva, que pela sua natureza não pode esperar ir além da pura descrição. O tipo de análise objetiva que defendemos procura mostrar a essência dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis. (VIGOTSKI, 1991, p.45).

Vigotski inicia com grande maestria a organização metodológica dessa nova Psicologia proposta. Ele pontua acerca da necessidade da superação da aparência, e entende que para se atingir esse objetivo a análise deve revelar as relações entre as diferenças internas ocultas pelas similaridades externas (encontrar as contradições e trabalhar a partir delas).

Mas mesmo a importância de seu trabalho sendo indiscutível, e graças a ele pudemos avançar nas reflexões e elaborações metodológicas, a partir da Psicologia Sócio-histórica até os dias atuais, novas propostas se desenvolveram para a concretização dos objetivos elencados pelo autor.

[...] quando escreveram sobre o assunto, o objetivo de Aguiar e Ozella (2006, 2013) consistia fundamentalmente em instrumentalizar o pesquisador, com base nos fundamentos epistemológicos da perspectiva sócio-histórica, para o processo de apreensão das significações constituídas pelo sujeito frente à realidade com a qual se relaciona. (AGUIAR *et. al.*, 2015, p.59).

Partimos das significações, pois nosso entendimento é de que tal categoria sintetiza sentidos e significados. Este é um desdobramento metodológico que projeta a não dicotomização do sujeito.

Aquilo que é social, compartilhado, constitui os significados, ao mesmo tempo em que as especificidades dos sentidos estão compostas pelo aspecto pessoal.

Os autores destacam que a ideia de significação remete à dialética que configura a relação entre sentidos e significados (já descritos no início do capítulo sobre o arcabouço teórico-metodológico), e pontuaram também que a justificativa inicial para a elaboração desse procedimento específico se pauta na ideia de que

essas significações não estão postas à primeira vista, portanto requerem para seus desvelamentos de um processo que dê conta dessa apreensão.

Isso quer dizer que essa instrumentalização se embasa na constatação de que o real não se resume em sua aparência, e como citado anteriormente, Vigotski (2004), a partir de Marx e Engels, explicita que “se as coisas fossem diretamente o que parecem, não seria necessária nenhuma pesquisa científica. Essas coisas deveriam ser contadas, registradas, mas não pesquisadas”.

Esse ponto de partida pelas palavras não se reduz, nem à dimensão linguística do pensamento, nem à dimensão intelectual da fala: as palavras “são a unidade constitutiva da contradição entre pensamento e linguagem”, como definem os autores, embasados na teoria vigotskiana (AGUIAR *et. al.*, 2015, p.59).

Posta a intencionalidade geral dessa metodologia, juntamente com os dois passos centrais - que, de acordo com Aguiar *et al.* (2015), reside em primeiro lugar “no trabalho de análise” e, em seguida, mas não de maneira desconectada ou dicotômica, “no trabalho de interpretação” - podemos colocar que o foco, em linhas gerais, é compreender o sujeito histórico.

E na busca por essa compreensão, trabalhamos com a utilização de três etapas para a construção dessa proposta: o levantamento de pré-indicadores, a sistematização de indicadores e a sistematização dos núcleos de significação.

Sobre a primeira etapa, que parte da aparência presente na documentação do dito, das palavras, do que é possível ser percebido à primeira vista para a efetivação do levantamento dos pré-indicadores, os autores frisam:

Ao destacarmos a importância da palavra no levantamento de pré-indicadores, referimo-nos não a qualquer palavra, e sim, conforme pontua Vigotski (2001), à unidade do pensamento verbal e da fala intelectual, isto é, à palavra com significado. Além disso, cabe ressaltar que não se trata de palavras isoladas. De acordo com Aguiar e Ozella (2013, p. 309), os pré-indicadores referem-se a “trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado.(...) É importante frisar que nessa etapa de levantamento dos pré-indicadores também ocorre, de forma simultânea, o movimento de síntese; afinal, o pensamento é mediado o tempo todo pelo movimento dialético de análise e síntese. Por tratar-se de um processo dialético, um movimento não existe sem o outro. (AGUIAR *et al.*, 2015, p.66).

Resgatamos aqui, que mesmo existindo três etapas para o desenvolvimento desse processo, ele é dialético, e nele são tomados os princípios presentes nas categorias centrais de análise descritas anteriormente.

Ou seja, o pesquisador sempre tem que considerar o movimento (incluindo conceber que sua própria ação em pesquisa tem que estar sempre buscando reconhecer e reproduzir o movimento presente no real), a não estaticidade das elaborações, levando sempre em conta que as significações constituídas pelo sujeito se transformam na atividade da qual esse sujeito participa.

Sobre as especificidades da segunda etapa, a de articulação dos pré-indicadores, podemos destacar a priori seu embasamento sob os critérios da “similaridade”, “complementariedade” e/ou “contraposição” (AGUIAR; OZELLA, 2006, 2013). Seguindo esses critérios, de acordo com os autores, é possível atingir o resultado da sistematização dos indicadores, encaminhando o processo para sua finalização na sistematização dos núcleos de significação.

Na terceira etapa, nos distanciamos da aparência na medida em que apreendemos as mediações constitutivas e elaboramos sínteses explicativas, teorizamos. Todo esse movimento a partir das significações, as falas dos sujeitos entendidas como a objetivação de sentidos e significados. (livre transcrição de aula)

É nesse fluxo que a dimensão desses elementos empíricos vai sendo *superada* pela dimensão concreta, e não *suprimida*, especialmente por considerar a articulação parte/todo na análise final que também estabelece o movimento de síntese.

Tabela de Indicadores e suas cores de referência:

Indicador 1	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe
Indicador 2	<i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i>
Indicador 3	<i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i>
Indicador 4	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento

Indicador 5	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>
Indicador 6	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
Indicador 7	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
Indicador 8	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem

Trechos de pré-indicadores que correspondem a mais de três indicadores ficaram sem coloração, e a tabela completa com todos os pré-indicadores está disponível no Apêndice B.

Núcleos de Significação e suas organizações:

Agrupamento 1 - Palavras-chave: Relações parentais, demandas familiares, divisão de tarefas.

Proposta de nome: “Demandas dos filhos e relações parentais: a “ajuda” ou a ausência paterna e as “funções” maternas, desafios de antes modificados pelo isolamento?”.

Indicadores:

- *A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe;*
- *Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?*

Agrupamento 2 - Palavras-chave: Educadora em pandemia, relações entre o trabalho na educação e a maternidade, o projeto neoliberal e seus impactos.

Proposta de nome: “Educadora em pandemia: a experiência educativa em isolamento e seus desvelamentos”.

Indicadores:

- *Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?*

- *Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.*
- *O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores.*
- *Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem.*

Agrupamento 3 - Palavras-chave: A dicotomização mulher mãe - idealista, autopercepção, lazer e sobrecargas.

Proposta de nome: “A dicotomização idealista, mulher ou mãe: autopercepção, sobrecargas e ausência do lazer (maternidades capitalistas)”.

Indicadores:

- *A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe.*
- *Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade.*

7.1 Núcleo de significação I - Demandas dos filhos e relações parentais: entre a ajuda ou a ausência paterna e as funções maternas, antes e durante o isolamento E3 (V). Eu até brinco aqui que quando o R entra em reuniões – ele também faz pelo Teams – ele se tranca no quarto, e ali ele fica, você não consegue nem conversar com ele, porque se ele tá com fone e você começa a falar, ele fala: peraí, eu tô ouvindo aqui. E eu não, eu tô no Teams, eu tô ajudando a I com a lição, eu tô dando brinquedo pro C pra se distrair, e de repente o R vem e conversa, e eu consigo administrar essa conversa... olha o tanto. Não é à toa que eu tive os meus dias de surto.
[00:42:53]

Esse núcleo pretende problematizar e relacionar o fenômeno historicamente, a partir das significações acerca das relações parentais e demandas cotidianas (casa, contas, filhos), como que se deu a divisão de tarefas após a supressão das creches, escolas e cuidados terceirizados, como por exemplo os da própria rede de apoio da família.

Ele está diretamente ligado ao objetivo específico: “Perceber as repercussões causadas pelo isolamento social nas relações familiares e profissionais”, mas também promove debates complementares para o objetivo específico: “Entender como se deu o processo de trabalho formal dessas mulheres educadoras mediante

a supressão de escolas/creches/cuidadoras(es) terceirizadas(os) (rede de apoio)”, que será desenvolvido de maneira mais completa no Núcleo 2.

Os indicadores utilizados na composição deste núcleo foram:

- A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe;
- Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?

Também refletimos neste núcleo sobre como que sentem, pensam, fazem essas mulheres mães com relação aos desafios de antes do isolamento a respeito dessa temática, durante esse período adverso.

No decorrer das entrevistas foi possível perceber o quanto existiu, nos relatos sobre este momento estudado, uma relação de sofrimento e sobrecargas mentais e materiais para essas mulheres, tanto para as que compartilham as demandas com seus companheiros como para a mãe solo.

O que nos levou a refletir sobre uma questão importante: Como essas participantes vivenciaram o trabalho de cuidado familiar, aqui sintetizado enquanto demandas dos filhos?

Entendemos que existem mediações diferentes para cada caso analisado, e mesmo assim conseguimos selecionar falas muito semelhantes entre todas. Os critérios de similaridade e complementariedade foram muito usados na elaboração dos indicadores porque realmente existiam muitas falas que traziam indícios muito parecidos sobre as questões debatidas, vindas de diferentes participantes.

Vamos além disso! As contradições começam a ser reveladas, compondo essas significações, como, por exemplo, as diferenças entre experiências profissionais e recursos materiais para o trabalho entre as sujeitas que atuavam em instituições privadas ou instituições públicas.

A maternidade solo aqui neste núcleo é representada pela primeira entrevistada, e algumas falas inclusive geraram o indicador: “A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe”, por ser perceptível a diferença entre “a ajuda” e “a ausência” paterna nas demandas familiares.

Mas um entendimento inesperado desta temática foi de que, apesar das especificidades de cada tipo de maternagem, todas as entrevistadas compartilhavam o sentimento de sobrecarga.

Isso nos trouxe um indicativo importante: as sobrecargas das demandas familiares (nos casos aqui analisados) não se suavizaram pela existência e presença paterna, mesmo aparecendo nos discursos que sim, havia “ajuda” por parte dos pais com as demandas gerais.

Partindo do entendimento de que o isolamento social foi imposto para todos, e que pelo menos entre os pais relacionados aos núcleos familiares dessa pesquisa não houve necessidade de se expor para o trabalho externo - como sabemos que houve para famílias de baixa renda no Brasil que não tiveram essa oportunidade - fica a indagação:

Porque as mães casadas, com a mesma condição de trabalho remoto que os pais, dividindo as despesas, os filhos, a rotina, externaram relatos muito similares à participante que é mãe solo sobre a sobrecarga física e mental vivenciada no período?

Compreender as significações que compuseram esse núcleo nos indica caminhos para entender essa questão destrinchando alguns aspectos que dela surgem: Quem faz o que? E por quê? E de que forma? E como essa divisão repercute nas atividades cotidianas dessas mulheres mães educadoras?

Desde Durkheim, sabe-se que o casamento prejudica as mulheres e beneficia os homens. Um século depois, a afirmação deve ser entendida em suas nuances, mas a injustiça doméstica permanece: a vida conjugal sempre teve custo social e cultural para as mulheres, tanto no que diz respeito à divisão das tarefas domésticas e à educação dos filhos, quanto à evolução da carreira profissional e à remuneração. (BADINTER, 2011, p.25).

O trecho destacado é da obra “O conflito: a mulher e a mãe” de Elisabeth Badinter. Ele está situado no primeiro capítulo da obra e é a primeira estrofe do subtítulo: A maternidade aumenta a desigualdade do casal.

Esse título merece destaque, primeiramente por já deixar explícito que o casamento ainda é uma instituição de desigualdade apesar de estar se movimentando para esta desconstrução.

As reflexões acerca de alguns pré-indicadores destacados para a elaboração deste núcleo nos ajudam a perceber que a pandemia e especialmente a

necessidade do trabalho remoto e do isolamento social, nos mostraram que essa desigualdade ainda permanece nos seios familiares estudados aqui, sejam nos compostos pela presença dos pais, seja no composto pelo abandono à função paterna, representado pela maternidade solo:

E1 *É, o começo foi difícil, eu fiquei sozinha, só eu e a L no apartamento, então **preparava aula nas madrugadas, porque ela exigia minha atenção.** Realmente é uma criança que não tinha nem três anos quando começou a pandemia **e ela queria a mãe dela ali**, e foi muito difícil cuidar da casa, da L, e trabalho sozinha.*

O pré-indicador em destaque poderia ser analisado em todos os núcleos de significação, pois nele está presente os impactos da maternidade solo e dessa ausência paterna – ser a única no apartamento para dar conta da filha e de seus cuidados básicos ao longo do dia -, e tem relação também com suas condições de trabalho e de lazer - tendo seu sono e descanso comprometidos pela necessidade funcional da elaboração das aulas como componente central de seu trabalho formal.

O trecho em destaque “ela queria a mãe dela ali”, também poderia representar as questões que envolvem a autopercepção dessa mãe.

Sabemos pela entrevista que a separação foi uma escolha da participante, mas que ela sofre com relação à ausência da paternidade do seu ex-companheiro, e de maneira contraditória se sente aliviada por não expor a filha ao convívio de um pai que não quis assumir essa responsabilidade.

A mãe em questão relata sofrer por:

- Não ter escolhido ser mãe também, logo no início da entrevista ela pontua sobre a gestação ter sido não planejada, não desejada;
- Não ter auxílio do pai da criança nas demandas centrais de cuidados e desenvolvimento;
- Fisicamente por ter que se desdobrar para dar conta dos aspectos financeiros, cotidianos, emocionais e profissionais;
- Mesmo a sujeita em questão se entendendo enquanto “privilegiada” por ser pertencente à classe média, ser uma mulher branca e de carteira assinada, e entendendo que seus problemas “são de outra ordem”, ela escolheu assumir a responsabilidade da maternidade (ao contrário do genitor).

O que procuramos aqui é entender: esse conjunto de sofrimentos relatados foi ocasionado pelo isolamento e suas características específicas, ou já existiam antes no cotidiano típico dessa família?

A condição financeira que ser professora de uma Faculdade privada confere a esta participante, de acordo com ela, possibilitava uma terceirização mesmo que não frequente dos trabalhos domésticos da casa e dos cuidados com a filha única pela escola e pela rede de apoio familiar.

Ela expressa que a tranquilidade para trabalhar, sabendo que sua filha estava feliz e sendo bem cuidada, com suas necessidades atendidas nos momentos pré-pandêmicos, seja pela escola ou pelos pontuais cuidados por parte de seus pais, tinha lhe sido “roubada” pela pandemia e pelo isolamento social.

Esse roubo da tranquilidade na rotina, essa aglutinação/exposição íntima de ambientes pelo trabalho virtual, a impossibilidade da terceirização dos cuidados com a filha e a casa, além do cenário político nacional e internacional, foram as principais razões relatadas para o aumento do sofrimento mental e das sobrecargas físicas do período.

Uma das questões que se apresentam aqui é:

A ausência paterna nas divisões das demandas da filha só é citada uma vez, e ainda é preenchida pelo discurso de contradição entre dificuldade e alívio. Toda a conjuntura pandêmica é muito mais relevante para a participante do que a maternidade solo em questão (inclusive quando ela passa para a segunda etapa do isolamento, onde juntamente com seu namorado, pais e a filha se mudam temporariamente para a chácara da família, onde as divisões domésticas e de cuidados com a filha se ampliam e onde o espaço restrito do apartamento dá lugar ao ambiente aberto, amplo e repleto de natureza), ela relata a diminuição do estado de desespero e exaustão em que se encontrava na primeira fase quando sozinha no apartamento com a filha.

Essa pouca relevância da ausência paterna pode ser um indicativo importante da questão central da qual se trata esse núcleo: porque mulheres mães trabalhadoras da educação estiveram tão cansadas e sobrecarregadas, tendo pais e maridos presentes ou não?

E1 (F): [...] é muito óbvio que as mulheres estão mais cansadas, porque elas, nós, sempre tivemos [uma sobrecarga de trabalho maior], e agora as coisas pioraram e estamos mais cansadas ainda. E os homens estão [só]

um pouquinho mais cansados e estão assim, super estressados, né. (risos sarcásticos). Engraçado, na hora que divide ali as tarefas eles ficam enlouquecidos.

Essa obviedade do cansaço feminino é de se questionar, não sua existência factual, mas as diferentes percepções e relevâncias atribuídas a ele. É em uníssono que as participantes relatam as sobrecargas e as exaustões mediadas e promovidas pelas demandas maternas, profissionais e domésticas.

O que não percebemos no decorrer das entrevistas foi algum tipo de reclamação direta sobre as injustiças das divisões dentro das dinâmicas familiares.

Os pais, através dos relatos de suas companheiras, aparecem como “ajudantes prestativos”, “coitados”, “mais disponíveis para cozinhar”, “menos relapsos para administrar medicamentos”, “preocupados que a companheira não está descasando”, e ainda mais, às vezes nem aparecem em questões de máxima importância, como, por exemplo, no seguinte pré-indicador:

E4 (F): *Ele passou a ter tiques e aí eu já relacionava com alguma coisa minha; agora ele está com algumas alergias no rosto também, e eu percebo que é de fundo emocional [...] “eu tô transparecendo tanto assim?” E aí eu acabo achando que eu preciso ser aquela estrutura que não transparece tanto pra que ele não absorva tanto.*

Por que essa participante não citou o pai como parte desse todo que pode impactar as reações do filho com autismo? Por que ela tem que ser essa estrutura? Porque ela única e exclusivamente tem que ser “a culpada” pelos tiques e alergias do filho?

Quando comecei a estudar esse tema, pensei que encontraria reclamações acerca da ainda desigualdade nas distribuições das funções domésticas. Qual foi minha surpresa ao me deparar com tamanha “cobertura”, desmesurada minimização das agudas contradições existentes no seio familiar das entrevistadas.

Como se fala tanto das dificuldades com os processos de trabalho, as lidas tecnológicas novas, e sobre as sobrecargas emocionais ao mesmo tempo em que silenciam ou sintetizam informações, protegendo tanto a imagem do companheiro?

E se existe tanta divisão como aparece no discurso, e de forma tão igualitária, por que de tanta sobrecarga e sofrimento relatados?

Já disse Silvia Federici em “O ponto zero da revolução”, que o trabalho doméstico pode parecer uma problemática ultrapassada pela possibilidade maior

das mulheres jovens contemporâneas poderem escapar dele. Federici também fala na obra que hoje as mulheres conquistaram mais autonomia e independência em relação aos homens, mas que o trabalho doméstico não desapareceu e sua desvalorização tampouco.

Ela também contribui:

[...] depois de quatro décadas com mulheres trabalhando fora de casa em regime de tempo integral, não se pode sustentar o pressuposto das feministas da década de 1970 de que o trabalho assalariado seria um caminho para a "libertação". (FEDERICI, 2018,p.27).

Esse excerto conversa diretamente com as contradições presentes nesse trabalho: não estamos libertas, nem pelo trabalho fora de casa em tempo integral, nem pela divisão justa das demandas domésticas.

Não quero com essa afirmação desvalidar a importância da conquista feminista ao trabalho assalariado: sairmos do trabalho doméstico integral, desvalorizado e não remunerado para novas possibilidades de ocupação na sociedade, e com isso possível independência e autonomia financeira, especialmente para a mulher da classe trabalhadora, tem sido processo de extremo valor rumo à busca pela libertação.

Claro que nessa questão é necessário pontuar que esse processo de busca pela autonomia feminina estava voltado desde os anos 1970 para as mulheres brancas, inclusive elas só podiam sair do domínio doméstico rumo à essas possibilidades de trabalho externo, tercerizando essas funções à mulheres negras cujo trabalho era precarizado e continha ainda o ranço da exploração escravista.

Então, não podemos nos furtar da importante reflexão:

Se o trabalho integral assalariado não foi responsável pela libertação integral feminina, qual seria o caminho?

E enquanto mulheres educadoras - que atuam no ambiente interno familiar com sua prole³⁷ e no ambiente externo no regime de trabalho formal- não teriam um

³⁷ É importante deixar o registro sobre a etimologia e significado da palavra proletário pelo dicionário Michaelis : 1 Relativo a proletariado.; 2 Da natureza do proletariado.1 HIST Na Roma antiga, cidadão da **classe social mais pobre, isento de impostos, cuja única utilidade para o Estado era gerar filhos para engrossar as fileiras dos exércitos.**

2 Indivíduo que faz parte da classe proletária: "Tibério avistou o líder proletário Geminiano Ramos falando alto e gesticulando a uma esquina, no meio duns dez ou doze companheiros." (EV).

3 Pessoa cuja sobrevivência depende de remuneração que provém de sua força de trabalho.

papel de fundamental relevância nas reproduções sociais, tanto da ideologia repressora e à serviço do Capital, quanto do germe revolucionário que galgaria a libertação, não só às mulheres, como à todos os sistemas de minorias excluídos e oprimidos na lógica burguesa?

Essa questão, que evidencia as contradições sociais vividas pelas mulheres educadoras, nos acompanhará no decorrer dos três núcleos, cujos resultados e reflexões servirão como contribuição no sentido de entender quais são as possibilidades de transformação que podem ser pensadas neste âmbito.

E1 (F): É muito mais fácil trabalhar do que cuidar de um filho, muito mais. É muito mais satisfatório, intelectualmente pra quem pensa nisso, né? Então é muito mais fácil. É, e as mulheres é isso, tem que se virar nos trinta pra garantir a vida financeira, os cuidados emocionais e materiais daquela criança e dela. E ainda se virar nos trinta pra arrancar de si condições emocionais pra lidar com tudo isso.

Partindo deste pré-indicador podemos começar a refletir sobre a função materna, ou, melhor dizendo, as funções atribuídas às mães como “naturais” do processo de cuidados da família.

Em primeiro lugar, pontuar que as atividades de cuidados desempenhadas no ambiente doméstico ainda seguem de maneira vagarosa rumo à sua representatividade enquanto trabalho.

Prova disso é a expressão dita por essa sujeita da pesquisa, que mesmo mediada por sua classe, sua formação de altíssima qualidade com graduação e Mestrado efetuados em Universidade Pública Estadual, sua autodenominação feminista, mostrando livros durante a entrevista que abordam essa problemática em questão, ainda posiciona o “trabalhar” como algo mais “fácil e satisfatório intelectualmente” do que “cuidar de filho e muito mais”. O muito mais dessa frase está relacionado com demandas domésticas, emocionais, mentais relacionadas às demandas dos filhos e do lar.

Ou seja: mesmo com as tentativas de correções posteriores com relação à essa fala, todas as atividades de cunho doméstico e íntimo relacionadas à reprodução da vida ainda hoje não são entendidas como “trabalho”.

De acordo com Federici:

Descobrir a centralidade do trabalho não remunerado das mulheres no lar para a produção de mão de obra redefiniu não

apenas o trabalho doméstico, mas a natureza do próprio capitalismo e a luta contra ele.(...) Mostrou que esse trabalho, tão menosprezado, sempre aceito como algo natural e sempre rejeitado por socialistas como ultrapassado, tem sido, na verdade, **o pilar da organização capitalista do trabalho**. (FEDERICI, 2021, p.81-82 – grifos nossos).

É de extrema importância ressaltar essa conclusão de Federici neste excerto e de certa forma na totalidade de suas últimas três obras. Ela dialoga diretamente com esse núcleo, pois a relação íntima dessa desvalorização das demandas do lar e de cuidados com os filhos, com as diferenças entre “ajudas” paternas e “funções” maternas, parece ser ainda um “tabu” social.

Falo “tabu”, pois o silêncio das mulheres participantes com relação a essas desigualdades, assim como as naturalizações dentro das divisões citadas nas entrevistas, soam como um alerta vermelho para o caminho do desvelamento da essência do processo.

Vejam os seguintes exemplos:

E4 (F): *era quase 100% do tempo comigo, agora tá um pouquinho mais dividido pelas questões de isolamento mesmo, e porque a gente tá sem uma rede de apoio.*

Cuidados antes da pandemia 100% com a mãe, falta da rede de apoio, pai passa **a ajudar**, mas por motivos de **“isolamento mesmo” e “não ter outra rede de apoio”**. Nesse exemplo a participante quase diz que o pai foi a última alternativa para dividir as demandas domésticas e de cuidados com os filhos. Isso pode nos indicar, que se não fosse o isolamento, provavelmente esse pai não passaria a exercer um pouco mais essa divisão, que pelo tom da fala ainda indica que está “só um pouquinho mais dividido”.

E2 (M): *mas a gente se ajuda bastante, né, nesse momento e em outros também. Com relação à educação das crianças, então, é um trabalho bem organizado em termos de perceber: “nossa, cê precisa agora, né...” então, vai ficando...*

A ajuda mútua aqui está relacionada à percepção baseada no critério de necessidade, e só se pontua que ela ocorre com relação à educação. E com relação às demandas físicas, materiais, cotidianas? Como será que esse critério perceptivo

de necessidade se forma? Quais são as prioridades que são percebidas por quem, quando e de que forma?

E2 (M): *Tem uma canseira... que eu não tinha antes, ou eu tinha e não percebia. Uma canseira... , tava com o G, e: “Olha, não vai ali” – então você fica com medo, porque muita gente tá sem medo... parece que não existe COVID, então você **tem que ficar ali o tempo todo, porque você sai e você não tá seguro, então você fica... com um estado de stress, de alerta...***

As demandas objetivas-subjetivas que pesam nesse momento pandêmico: será que tinha esse tipo de “canseira” e não percebia? Ou será que a nova realidade trouxe à tona essa exaustão que ganhou mais pontos com as “proteções” contra a contaminação. E aí entra uma questão: será que tudo tem sido dividido mesmo? Ou a sobrecarga se mantém e amplifica na mãe? Se “cê tem que ficar ali o tempo todo” quer dizer que nessa maratona não dá pra “passar o bastão” pra sua dupla (pai) pra que você possa descansar para a próxima situação/demanda/momento.

E3 (V): *[...] eu tive... tenho ainda, muito medo [...] “o meu maior medo são meus filhos, acontecer alguma coisa com os meus filhos, eu não ligo de acontecer comigo.” Mas os meus filhos... eu cuido por eles. E eu não sei, por exemplo, se eu não fosse mãe, se eu estaria tomando essas atitudes agora também.*

Quase que todas as entrevistadas colocam em algum momento essa diminuição de si em prol desse aumento do outro (filhos). Mas nesse caso em específico, quando ela fala sobre os cuidados com relação ao vírus, ela questiona se seria tão prudente ou cautelosa caso não fosse mãe... Será que a maternidade, por trazer essa grande carga de responsabilidade que antes estava relacionada mais aos cuidados físicos, e hoje a eles se somam os cuidados emocionais e de desenvolvimento intelectual, tira o espaço do autocuidado materno?

E2 (M): *O A tá aqui do lado, coitado... daí eu tô falando com você, daqui a pouco eu tô falando com outra pessoa... **eu falo um monte, e falo alto, porque parece que a gente tá falando dando aula, atrapalha ele**, aí o outro tá jogando videogame ali na sala, aí dá um grito lá, e eu não posso gravar uma aula, que **se eu for gravar uma aula, vai sair o fundo dos meus filhos gritando, aí o aluno [vai dizer]: “ai, o filho da professora grita” (risos).***

Comentários: Nesse pré-indicador é possível adentrar a uma cena bem desenhada pela descrição da sujeita: caos, barulho, múltiplas tarefas e ela, além de

“não poder gravar uma aula” pela vergonha aparente de ter a exposição do ambiente real de sua casa para seu aluno, se preocupa com o “coitado” do companheiro que está sendo atrapalhado pela mesma dinâmica causada pela junção dos ambientes.

E3 (V): *sim, ele ajuda, principalmente com o mais novo, e... acredito até por conta de ser menino, né... tem essa divisão, ele ajuda até com as lições, as atividades que os dois têm da escola, ajuda aqui em casa, atividades domésticas, ajuda também no meu serviço, nesse trabalho remoto, e com os afazeres das crianças também. Sou aquela mãe assim: por mais que o meu marido me ajude a fazer as coisas eu sempre vou lá verificar.*

Comentários: Muito interessante como nessa frase a participante expressa as tensões presentes entre papéis de mãe e pai dentro dessa sua dinâmica familiar: o pai “ajuda” a fazer as coisas, e a mãe precisa verificar se a ajuda foi feita corretamente. O quanto que fala de como essa mulher enxerga esse homem e sua função na paternidade? A palavra “ajuda” já subentende que essa função é da mãe, e que o pai gentilmente oferece um auxílio dentro de atribuições e domínios que não são seus.

E3 (V): *Eu até brinco aqui que quando o R entra em reuniões – ele também faz pelo Teams – ele se tranca no quarto, e ali ele fica, você não consegue nem conversar com ele, porque se ele tá com fone e você começa a falar, ele fala: “peraí, eu tô ouvindo aqui”. E eu não, eu tô no Teams, eu tô ajudando a I com a lição, eu tô dando brinquedo pro C pra se distrair, e de repente o R vem e conversa, e eu consigo administrar essa conversa... olha o tanto. Não é à toa que eu tive os meus dias de surto. [00:42:53]*

E3 (V): *Fernanda: Então quando ele trabalha... quando ele trabalha, ele se fecha no quarto e você cuida de tudo. [00:43:32]*

V: *Isso. [00:43:37]*

Fernanda: *Quando você trabalha você continua cuidando de tudo... [00:43:37]*

V: *Isso. [00:43:41] Um exemplo foi hoje. A I tinha pediatra, eu estava com ela no consultório e o fone de ouvido na reunião, ao mesmo tempo. (risos).*

E1 (F): *os professores que são pais, conseguem se trancar no quarto pra preparar a aula e dar a aula, mas a mãe não e de alguma maneira isso é muito desigual.*

Escolhemos deixar essas duas passagens juntas, pois aqui o critério de complementariedade se expressou quase que organicamente. Parece que foi uma

entrevista em grupo de tanto que as falas da entrevistada 3 são sintetizadas pela entrevistada 1. Mas apenas a mãe solo expressa em suas significações o incômodo/revolta pela desigualdade entre os gêneros.

É possível perceber nos pré-indicadores da E3 que ela quase tem um “orgulho” pela sobrecarga, algo muito similar à satisfação do “Empregado do mês”, como se ela fosse uma “mãe”, “mulher”, “educadora” completa, competente e que não estranha em nenhum momento a ausência de uma maior divisão das demandas.

Essa naturalização, ou falta de estranhamento, ocorre também com relação aos relatos de prós e contras dicotomizados acerca das relações entre mães e filhos nas vivências de antes e durante o isolamento, como nos seguintes pré-indicadores:

E4 (F): *eu acho que isso vai ser uma lembrança muito boa, né, de estar presente mesmo. Agora ele veio aqui, a gente conversou, e o dente caiu e eu vi, o primeiro dentinho caiu, eu vi. Quando o mais velho perdeu o dentinho eu não vi. Então teve essa parte, isso foi bom.*

Essa parte da presença cotidiana em todos os momentos revela uma contradição. Ela e as outras participantes destacam “os prós e os contras” dessa dinâmica integral. Essa contradição se expressa no sentimento de satisfação em poder estar todo dia ao lado dos filhos a partir do isolamento, mas ao mesmo tempo verifica-se a presença do sentimento de pouca dedicação em termos de tempo de qualidade, gerando a sensação relatada por quase todas as participantes de “estou fazendo tudo ao mesmo tempo, mas nada está indo bem”.

Existe uma mistura entre gratidão por poder proteger a si e suas crianças do perigo da contaminação, e desespero por não conseguir proteger o cotidiano da família das sobrecargas e dores advindas das significações do período, como expresso no seguinte pré-indicador:

E4 (F): *E se não fosse num período de pandemia, seria diferente porque eu teria momentos mais meus, mais isolados, em que talvez eu fosse chorar e ele nem visse. Mas agora não. Se eu choro ele vê, e aí ele quer saber, e enfim, tudo isso. Eu teria mais momentos só meus, em que eu não precisaria mostrar essa parte tão humana, né. Então, ao mesmo tempo que isso é difícil, por outro lado ele tá vendo a mãe como ela é, né.*

A Pandemia aparece então enquanto catalisadora das opressões e sobrecargas e dos desvelamentos da humanidade materna, que antes era

“disfarçada” pelos momentos individuais da mãe onde ela “escondia o choro dos filhos” – Será que isso é histórico na construção das significações maternas? Parte da opressão machista que oprime e ainda culpabiliza a oprimida?

Essas questões são imprescindíveis para localizarmos as contradições que estão presentes nas dinâmicas familiares, e a partir disto compreender também as contradições presentes nas atmosferas públicas de organizações comunitárias.

A desigualdade entre homens e mulheres começa em casa, e esse período de isolamento “obrigou” pais e mães a dividirem o território doméstico em tempo integral. Também expôs a realidade da maternidade solo, que, sem terceirização dos cuidados pela escola ou pela rede de apoio, se torna quase que insustentável especialmente nos cuidados iniciais como proposto na classificação etária das crianças filhas das participantes da pesquisa.

Com relação à “ajuda paterna” e à “função” materna, entendemos a partir das análises que reproduzimos de maneira compulsória uma divisão que aumenta a desigualdade de pais e mães: as atribuições dos cuidados da casa e dos filhos são entendidas como femininas e maternas pelas participantes, mesmo quando o discurso visa enaltecer os companheiros que “ajudam” e que são “preocupados e prestativos”, pois a sobrecarga e estafa mental e física estão mais do que nunca presente em todas as falas.

Enquanto a divisão sexual do trabalho for naturalizada e houver definições tão bem arquitetadas entre homens e mulheres, estaremos somando forças aos retrocessos que tanto tem assolado nossa sociedade, especialmente quando caímos na armadilha contraditória de nos entendermos como “exceção” ao fluxo normativo.

Retrocessos esses que não por acaso estão contundentemente alicerçados “na defesa da família de bem, heteronormativa e cristã brasileira”.

7.2 Núcleo de Significação II - Educadoras em isolamento: sofrimentos vividos, o abandono material das escolas públicas e a exploração desmedida das instituições privadas. *E 4 (F) É contínuo. Não... assim, a ponto de você acordar de manhã e ter dúvida se dormiu ou se trabalhou*

Esse núcleo tratou de desenvolver reflexões a partir das significações sobre as experiências vividas durante o isolamento social, relacionadas ao trabalho formal dessas educadoras.

Ele está diretamente ligado ao objetivo específico: “Refletir acerca da real condição de trabalho-atividade dessas mulheres mães e educadoras. (Sobrecargas – prazos de entrega – materiais e treinamentos para a nova realidade)”, mas também traz contribuições complementares ao objetivo específico: “Entender como se deu o processo de trabalho formal dessas mulheres educadoras mediante a supressão das escolas/creches/cuidadoras terceirizadas”.

Os indicadores utilizados na composição deste núcleo foram:

- Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
- Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
- O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores.

Trataremos aqui de analisar, baseados nas diferentes mediações de trabalho (escola pública – particular / faixa etária de atendimento / tempo de atuação na educação / formação acadêmica / condições materiais e treinamentos proporcionados), alguns importantes elementos constitutivos sobre o trabalho educativo e seus desdobramentos no período.

Para que não percamos de vista as determinações que constituem as participantes e, assim, considerar a historicidade como elemento essencial, tomaremos cuidado para apontar as mediações relevantes durante o percurso analítico, lembrando as diferentes composições de cada participante quando sua fala for utilizada.

Nesse núcleo também refletiremos sobre as mudanças proporcionadas pela maternidade no desenvolvimento dessas profissionais em questão, especialmente como elas sentem/percebem/enxergam a sua ação como educadora antes e depois da maternidade. E, para além disso, como estar ocupando concomitantemente as funções de mãe e professora (neste último, de seus alunos e de seus próprios filhos).

Esse último aspecto pode parecer simplista, mas veremos nas análises posteriores que a junção dos ambientes domésticos e laborativos nesse teletrabalho efetuado durante o isolamento, trouxe mais uma sobrecarga para as sujeitas: serem tutoras de seus filhos ao mesmo tempo que se deparam com demandas de trabalho

triplicadas pela necessidade de se reformularem nas suas práticas e trocas pedagógicas.

Um ponto de partida de nossas reflexões é uma questão muito importante: as entrevistadas não conseguiram elencar pontos positivos do trabalho em isolamento quando nos referimos à experiência relacional entre professora e alunos e a prática educativa.

Quando elas falam sobre aspectos proveitosos desse período, surgem poucas afirmações sobre como o convívio familiar integral trouxe mais proximidade e oportunidade de refeições em conjunto, por exemplo (E 3 (V)), ou sobre como foi importante poder ver o dente do filho mais novo cair (já que foi o tipo de momento que ela perdeu do mais velho, pois tinha seu trabalho externo como educadora, onde terceirizava os cuidados dos filhos na escola.) (E 4 (F)).

Todas essas expressões que buscavam ponderar algo positivo dessa experiência cheia de desafios que foi o isolamento social se relacionavam com os laços afetivos, familiares, a gratidão pelos privilégios relacionados a ter emprego e condições mínimas de proteção de si e de sua família durante a pandemia.

E isso aparece tanto nos relatos das professoras de ensino infantil e fundamental, como da professora de ensino superior.

Por mais que as sujeitas da pesquisa que tiveram experiências de trabalho subsidiadas por instituições privadas, tenham relatado que todo o amparo material foi promovido para as adaptações necessárias ao novo cenário, quando falavam sobre as trocas educativas (que ocorreram integralmente de maneira virtual) o sentimento expresso era o mesmo: nada que poderia se comparar ao trabalho presencial.

O ponto que queremos destacar dessa perspectiva é de que as educadoras se viram com suas jornadas amplificadas, tendo que se envolver em várias dinâmicas novas, aprender acerca de utilização de novas ferramentas e recursos tecnológicos, mas que o resultado geral significado por elas de todo seu empenho foi negativo/insuficiente/desanimador, como podemos ver nos seguintes pré-indicadores como exemplos:

E1 (F): *Sobre ser questionada se houve pontos positivos do trabalho remoto - Não, não consigo. **Acho que eu sou mais pessimista em relação a isso. Toda aula que eu termino eu penso, nossa, se tivesse sido presencial teria sido muito melhor. Então não tem como, eu sou bem crítica em***

*relação a isso, não é porque eu quero ser crítica, é porque não funciona pra mim. Pelo menos é **doloroso, é cansativo, eu estou exausta.***

E1 (F): *Eu falei: nossa, **eu tô trabalhando muito mais, muito mais pra saber que o aluno não está aprendendo muito mais; muito pelo contrário, está aprendendo bem menos. Então isso foi muito doloroso porque perde o sentido da aprendizagem.** Eu tive que ir me adequando, me reinventando, mudando o meu estilo.*

A participante da entrevista 1 é mãe solo, professora de faculdade privada, portanto atende o público adulto em formação de professores. Mesmo tendo todo o subsídio material e tecnológico promovido pela instituição, além de poder se comunicar diretamente de igual para igual com seus estudantes sem necessitar de intermédios de terceiros (como foi o caso das outras três sujeitas), ainda assim ela relata ter tido muito mais trabalho para muito menos resultado.

E2 (M): *As perdas são irreparáveis, é um retrocesso de mais ou menos **20 anos. A Educação Infantil desse país foi massacrada pela pandemia.** E as pessoas não tão percebendo isso. A violência doméstica, ela triplicou. E... a gente percebe né... que com o meu outro trabalho, com adultos, que você sabe que eu faço, com a meditação, a gente só vê **os picos de ansiedade e depressão aumentarem. Então eu não consigo ver, nesse momento, os pontos positivos desse cenário.***

Aqui a sujeita é professora de escola pública, atende o ensino fundamental I, relata em outras de suas falas a dificuldade de acesso com os pais e alunos durante o período, além de repetir ideias durante sua entrevista sobre esse “retrocesso de 20 anos” que ela acredita ter tido no país como um todo.

Assim como a primeira participante destaca, se sente pessimista quanto aos resultados de trabalho e até mesmo dos vínculos afetivos das relações durante o ciclo vivido em isolamento. Ambas as participantes (1 e 2), relatam a profunda decepção com o governo e com os impactos do cenário nacional do período, não só no que se refere à educação, como em muitos outros âmbitos da vida pública, especialmente do trato com a questão da pandemia.

Pelas entrevistas, não houve apenas o massacre da Educação Infantil como significado por este pré-indicador: tanto meios privados, quanto meios públicos, indiferentemente de sua faixa etária de atendimento, tiveram grandes prejuízos neste período, difíceis de mensurar e compreender sua extensão.

Deste modo uma mediação que desponta como elemento constitutivo das práticas educativas/trabalho na educação, é a condição política e social em que os

grupos analisados estão inseridos. E essa condição interfere nas duas realidades analisadas (contexto de trabalho subsidiado por meio público ou privado) de maneira intrínseca.

Vivemos nesse momento a ascensão de um governo de direita que vem conduzindo a coisa pública de maneira vexatória perante o cenário internacional, com políticas genocidas e negacionistas durante a pandemia e com o agravamento em várias áreas da gestão nacional^{38 39}.

Somado a este quadro já crítico, tanto no governo estadual paulista como municipal da cidade de São Paulo, os representantes que têm atuado durante a pandemia mantiveram um expressivo direcionamento embasado na lógica liberal.

Deste modo, fizeram da experiência social pandêmica paulista uma promotora de agravamento do abismo social já existente, o que configurou diferenças relevantes nas áreas de saúde e educação, principalmente quando pensamos em instituições públicas e privadas e seus diferentes públicos de atendimento^{40 41}.

³⁸ Para entender de maneira mais aprofundada pela crítica médica sobre a condução sociopolítica da Pandemia no Brasil pelo governo Bolsonaro, e as expressões de descaso e desmando político abraçadas pelo Ministério da Saúde e o próprio CFM (Conselho Nacional de Medicina), veja o artigo intitulado: Tratamento precoce e kit covid: a lamentável história do combate à pandemia no Brasil.

"In Brazil, already from March 2020, largely spearheaded by president Bolsonaro, several actions that favour the spread of the new coronavirus were put into practice in the country, not only by public authorities but also by physicians [[5]]. These actions included, among others, the blatant promotion of unproven drugs against Covid-19, such as hydroxychloroquine, ivermectin, and nitazoxanide, on one hand, and the sabotage of established interventions, such as social distancing, mask-wearing, and vaccination, on the other hand [[5]]" : [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(21\)00085-5/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(21)00085-5/fulltext)

³⁹ "Uma análise feita pelo jornal Folha de S.Paulo mostra que o primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro trouxe retrocesso em 58 áreas das 108 que foram analisadas. **Assistência social, saúde, educação e meio ambiente foram as que mais sofreram com a política do ex-capitão.**

O levantamento destaca como marco do retrocesso a fila interminável do INSS, a volta da fila de espera do Bolsa Família e o aumento de quase 30% no desmatamento da Amazônia. Até mesmo em áreas que tiveram melhora, como o índice de desemprego, o jornal destaca que há a ressalva do aumento da informalidade." Veja mais em: <http://www.contratu.org.br/pesquisa-mostra-que-governo-bolsonaro-piorou-58-areas-como-educacao-saude-e-social/>

⁴⁰ Para aprofundar mais o debate leia o artigo "Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública" de Renata Mourão Macedo, onde se reflete sobre desigualdades digitais, privilégios sociais e direito à educação nas experiências e nos desafios enfrentados na transferência para o ensino remoto. O artigo aponta para a insuficiência de políticas públicas educacionais no período, que não garantiram a conectividade e o direito à educação no país em meio à crise. <https://www.scielo.br/j/eh/a/SGqJ6b5C4m44vh8R5hPV78m/?lang=pt&format=pdf>

⁴¹ "De acordo com a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, houve um aumento de 45% nas mortes nos 20 distritos mais pobres da cidade. Nos 20 mais ricos, o aumento foi de 36%. Em entrevista ao UOL, o presidente da Rede Nossa São Paulo relaciona a taxa de mortalidade a questões básicas de falta de higiene e habitação, escancaradas pela desigualdade social." <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/06/no-brasil-covid-19-nao-mata-por-idade-mas-por-endereco-sugere-estudo.htm>

Todo este cenário é apenas uma das grandes constituições das muitas formas de desigualdade social que geraram no contexto das significações analisadas, sentimento de insegurança, desânimo, falta de esperança e a percepção de um grande retrocesso. Um país, um estado e uma cidade geridos por governantes que não se dispuseram a um enfrentamento engajado nem aos princípios de bem-estar social (que poderiam melhor se aproximar de seus interesses político-econômicos), quanto mais a busca de promoção para a diminuição dos impactos causados massivamente à população pobre - negra, indígena e quilombola - que depende direta e unicamente da saúde e dos sistemas de ensino público.

Quando nos direcionamos para as significações das professoras de instituições públicas, podemos verificar apontamentos de angústia e preocupação pela ausência de notícias e de contato com parte significativa de seus alunos.

No caso específico da Educação Infantil representada pela E3 (V), não houve um único acesso às plataformas digitais e ao trabalho efetuado pela sujeita, para as famílias manterem as ações de desenvolvimento em casa com os bebês e crianças pequenas.

E3 (V): nós não paramos de trabalhar. A gente até fala que a gente tá trabalhando mais. Porque eu me vejo de final de semana, fazendo atividade, e o presencial de final de semana nem sempre a gente tá, né... e assim, será que a gente tá atingindo nossos alunos? Como que estão nossos alunos?

Em todos os seus momentos da entrevista sobre a experiência vivida profissionalmente em isolamento ela relata o “não contato” com seus alunos e familiares.

Sua questão central foi a ansiedade promovida pela ausência de notícias e acessos por parte das famílias de seu grupo de alunos. De todas as participantes ela foi a única a relatar que não teve nenhum acesso em suas atividades desenvolvidas no ambiente virtual, além disso, relatou repetidas vezes sobre sua preocupação com as crianças em todos os sentidos, especialmente sobre se os pais e cuidadores estariam desenvolvendo as crianças durante esse período.

A partir disso podemos refletir: quais foram as ações promovidas pela prefeitura de São Paulo para se mapear as famílias e suas situações vividas durante

o isolamento social que justificassem tantas ausências nas trocas educativas promovidas com frequência no ambiente virtual?

De acordo com o CNE (Conselho Nacional de Educação) em parceria com o MEC (Ministério da Educação), foram definidas algumas diretrizes no ano de 2020 para orientar as instituições de Ensino Público durante a Pandemia.

Sobre a Educação Infantil o documento define: “A orientação para creche e pré-escola é que os gestores busquem uma aproximação virtual dos professores com as famílias, de modo a estreitar vínculos e fazer sugestões de atividades às crianças e aos pais e responsáveis. As soluções propostas pelas escolas e redes de ensino devem considerar que as crianças pequenas aprendem e se desenvolvem brincando prioritariamente” ⁴².

Em 2021, para as diretrizes de retorno presencial gradativo, se teve um apontamento central sobre a evasão escolar durante o ano anterior e as próximas Políticas de Recuperação de Aprendizagens propostas. Entretanto, a única informação que consta na normativa da SME 29/2021 sobre a busca ativa foi nos artigos Art. 47. Compete ao Coordenador Pedagógico e Art. 48. Compete ao Diretor de Escola:

VII desenvolver ações para a identificação e acompanhamento de bebês, crianças e adolescentes **que apresentem condicionantes de risco à evasão**;

VIII - organizar relatório, em conjunto com toda a equipe educacional, **com todas as ações desenvolvidas para a busca ativa escolar, identificando os estudantes com os quais a unidade não conseguiu nenhuma forma de contato**.

Ou seja, dentro das funções já múltiplas dos Coordenadores e Diretores, que já atuaram em extrema precariedade, sem nem ao menos terem equipamento tecnológico promovido pela rede, todo o sistema de mapeamento e busca ativa ficou ao encargo desses profissionais, que muitas vezes pegavam seus próprios carros para ir até as residências das famílias que não haviam aparecido nas escolas nem para pegar as cestas básicas⁴³.

⁴² Brasília, MEC/SEF (2020). **Diretrizes** Curriculares Nacionais para a Educação durante a pandemia. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>

⁴³ “Cidade Solidária recebe mais 440 mil cestas básicas do Governo do Estado para famílias em situação de vulnerabilidade. Mantimentos serão entregues às Escolas Municipais para distribuição às famílias de alunos da rede de educação em extrema situação de vulnerabilidade. Programa já entregou mais de 330 mil cestas e 60 mil itens de limpeza e higiene em toda cidade.” <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/licenciamento/noticias/?p=297983>

Ponto importante é destacar essa face da escola pública do acolhimento, que não conseguia muitas vezes contato com estudantes e famílias para a troca educativa virtual, mas que ao tornar a escola um ponto físico de prestação de serviço social ao distribuir alimentos básicos para a população carente da comunidade atendida, por vezes conseguiam contato somente mediante essa disponibilização divulgada amplamente pelas mídias sociais.

Os problemas da escola pública brasileira não são novos, mas há décadas desafiam órgãos públicos, pesquisadores nas áreas das ciências humanas e sociais, movimentos sociais ligados à educação e sindicatos. No entanto, nos últimos anos, também no Brasil os discursos sobre as funções da escola vêm manifestando um raciocínio reiterativo, a saber: o insucesso da escola pública deve-se ao fato de ela ser tradicional, estar baseada no conteúdo, ser autoritária e, com isso, constituir-se como uma escola que reprova, exclui os malsucedidos, discrimina os pobres, leva ao abandono da escola e à resistência violenta dos alunos etc. (LIBÂNEO, 2012, p.21).

A exclusão de que se trata este texto do Libâneo já era a base sistêmica para o recrudescimento da evasão escolar por parte das comunidades mais carentes brasileiras que se deu neste período de isolamento. Quando a escola deixa de ser um local onde os filhos estejam enquanto os pais trabalham, onde exista alimentação e ocupação do tempo, e passa a ser um ambiente virtual “apenas” para a troca educativa, ela rompe o contrato de dispositivo de acolhimento social para a classe trabalhadora.

E os governos de direita que percebem o potencial que se desdobra dessa desconexão entre escola e aluno na criação extensa de um exército de reserva desprovido do mínimo de educação formal de qualidade, não buscam alternativas que impeçam o livre desenvolvimento da lógica nefasta deste grande projeto de sucateamento das instituições públicas.

Assim, a escola que sobrou para os pobres, caracterizada por suas missões assistencial e acolhedora (incluídas na expressão educação inclusiva), **transforma-se em uma caricatura de inclusão social**. As políticas de universalização do acesso acabam em prejuízo da qualidade do ensino, pois, enquanto se apregoam índices de acesso à escola, agravam-se as desigualdades sociais do acesso ao saber, inclusive dentro da escola, devido ao impacto dos fatores intraescolares na aprendizagem. **Ocorre uma inversão das funções da escola: o direito ao conhecimento e à aprendizagem é substituído pelas aprendizagens mínimas para a sobrevivência**. Isso pode explicar o descaso com os salários e com a formação de professores: para uma escola que requer apenas necessidades mínimas de aprendizagem, basta um professor que apreenda um kit de técnicas de sobrevivência docente (agora acompanhado dos

pacotes de livros didáticos dos chamados sistemas de ensino). (LIBÂNEO, 2012, p.23 – grifos nossos).

Por mais que a participante tenha relatado que toda a pesquisa e trabalhos desenvolvidos serão levados de volta para a sala de aula, podemos fazer uma reflexão: durante o período de isolamento ela trabalhou muito, mas para quem? E por quê? Apenas se consolando de que levaria seu empenho para quem lhe é de direito (alunos)? Ou por ter sido imputada à lógica capitalista de produtividade, mesmo que o sentido da ação educativa tenha se perdido com a desconexão da outra parte do vínculo (os estudantes e seu núcleo familiar no caso da Educação Infantil)?

Tanto no baixo rendimento relatado sobre as/os estudantes de ensino superior atendidos no período pela E1 (F), quanto nas dificuldades de comunicação e de resultados das/dos estudantes de ensino fundamental I atendidos pelas participantes E2 (M) e E4 (F), pudemos perceber essa relação inversamente proporcional entre o empenho profissional das educadoras e o baixo desenvolvimento dos alunos atendidos.

Mesmo com tamanha contradição, nossas participantes seguiram trabalhando cada vez mais, ocupando suas noites e finais de semana, em prol daqueles que estavam no outro lado da tela do computador, mesmo quando a professora em aula remota/virtual se via falando sozinha para alguns ícones mudos e com câmeras desligadas:

E2 (M): e esse silêncio é doído pra quem tá ouvindo... e ele também pode ser normatizado... ele pode ser... sabe? "ah, eles não vão falar, vou continuar falando." E essa normatização me preocupa. De a gente, de repente, não se preocupar se alguém tá escutando.

Esse receio da participante sobre essa normatização dos silêncios dialoga diretamente com esse outro pré-indicador da participante **E1 (F)**:

Penso que as profissões em que já é escritório assim, talvez faça sentido home office. Professor, não. Nossa, não tem sentido nenhum isso daqui, e não tem troca, né? Uma troca muito fraca, né? Uma troca muito pequena, pobre. Então eu não consigo, acho que perde vitalidade, porque o sentido da sala de aula é essa construção. E isso (ambiente virtual) é um monte de coisa automatizada, todo mundo sozinho.

Essas significações de ambas trazem indícios para uma questão de extrema relevância para essa discussão: a suposta “perda” de sentido da ação educativa em *home office*.

Outro aspecto importante que faz parte desse mesmo movimento e foi relatado em algumas das falas nas entrevistas: a “perda” da autonomia e da segurança do ambiente em sala de aula, mediante o trabalho em ambientes virtuais.

Não só isso, a realidade dispersiva e cheia de interferências das novas formas de se relacionar para o trabalho educativo (o distanciamento afetivo das redes e das tantas plataformas para atuação que ao simples problema de sinal da internet tudo se paralisa e perde a conexão e a continuidade do trabalho).

E1 (F): *Isso foi arrancado (falando sobre a tranquilidade da rotina com os horários das aulas e a L. em uma escolinha), **quando mistura o ambiente público/privado vira uma zona! Então, foi muito difícil pra mim no começo porque fechar a porta da sala de aula significa pra mim minha completa autonomia.** Então eu sei que minha filha está aos cuidados de pessoas que a amam, que vão atender todas as necessidades dela.*

E1 (F): *Eu ia antes pro trabalho pra poder preparar minha aula, um momento só meu; esse momento não existe mais, ou eu estou com a minha filha ou com a bagunça da casa...[...] E aí é isso, ou eu estou preparando a aula muito cansada nas madrugadas enquanto ela dorme, ou com muito barulho. Então não tem aquela questão do silêncio, em que o trabalho, que o cérebro funciona a nível ótimo assim né, pra pensar.*

E4 (F): *porque antes era um ambiente nosso, era professor e aluno, então tinham certas coisas de professor e aluno; agora tem outros intermediários ali, tem pai, tem mãe, e as vezes eles não se sentem à vontade também [...] que tem essa tela, você percebe algumas expressões mas não dá pra saber direito o que que tá acontecendo.*

Aqui partindo desses três pré-indicadores, podemos juntar as duas noções de “perda” (perda de sentido no trabalho educativo “empobrecido pelas trocas fragilizadas e sem vitalidade dos ambientes virtuais” e a perda da autonomia da professora, que ao fechar sua porta da sala de aula presencial, estabelece os vínculos afetivos e o ambiente seguro necessário para o desenvolvimento das relações e dos objetivos educacionais) para que possamos levar em consideração que houve drásticas mudanças nas práticas desenvolvidas por elas, que inevitavelmente gestaram transformações nas significações sobre as atividades laborativas nesse período.

Houve, sim, uma ruptura material e estrutural de grande amplitude, que não pode ser negada: saímos da convivência social e dos espaços físicos onde essa convivência se dava. Tudo que envolveu essa ruptura que pôde ser assimilado pelas participantes, compuseram essa mudança nas significações vividas por elas como “perdas”.

E tem que ser pontuado neste momento o fato de não ser uma ruptura temporária planejada como ocorre em um mês de férias, por exemplo, que sabemos em que dia saímos e em que dia voltamos à rotina “normal”: a pandemia foi um acontecimento que esteve fora do controle dos grupos sociais ao redor do globo.

O isolamento social foi uma das propostas que foram sendo desenvolvidas para a contenção da transmissão do vírus, enquanto a comunidade científica médica se dedicava no estudo sobre o comportamento da doença para o desenvolvimento de vacinas e tratamentos, durante um processo assustador com altos índices de contaminações, adoecimentos e mortes.

Conforme o mundo foi percebendo que o isolamento se prolongaria (o que teve variações para cada país e suas políticas de enfrentamento ao vírus⁴⁴), novas formas de se manter os diversos tipos de trabalhos na sociedade tiveram que ser pensadas sem ensaio, o que especialmente aqui no Brasil abriu espaço para uma grande movimentação no setor de tecnologias, e uma visível exposição das desigualdades sociais.

Dizemos isso em face de um Brasil que excluiu significativamente a classe trabalhadora de base dos processos de ensino-aprendizagem durante o ano de 2020. Trabalhadores da educação nas escolas públicas estiveram mais ocupados com a “busca ativa⁴⁵” de seus estudantes e com as aflições de um país que chegou ao ponto de comercializar osso de primeira e osso de segunda para o disfarce da

⁴⁴ Para maiores informações sobre a política de (não) enfrentamento do Governo Federal Brasileiro segue referência em Ensaio <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5341>

⁴⁵ A busca ativa foi o trabalho de procura pelos estudantes que não tiveram relação com a escola durante e após o período de isolamento social (crianças e jovens que não foram localizados pelos contatos das escolas e nem procuraram as atividades impressas que estavam sendo elaboradas pelos docentes e disponibilizadas nas unidades escolares). Essa parcela do público de atendimento das escolas públicas brasileiras tem sido a grande preocupação atual nos programas municipais e estaduais de Recuperação de Aprendizagens. O UNICEF e a Undime, junto com o Congemas e o Conasems desenvolveram uma plataforma para o auxílio e mapeamento deste processo pelo endereço eletrônico: <https://buscaativaescolar.org.br/campanha/>

miséria e da fome que assolou parte significativa dos trabalhadores e trabalhadoras de baixa renda que se encontraram em alta vulnerabilidade social⁴⁶.

Todo esse contexto enquanto uma determinação material das dinâmicas sociais se engendra a essas significações das participantes sobre a suposta “perda” da autonomia relatada e da identidade do grupo inserido no ambiente físico da sala de aula.

A relação que antes era preservada entre professores e estudantes no ambiente presencial, agora dentro da dinâmica diferente dos sujeitos em suas casas, conectados de maneira mais exposta apenas a partir do ambiente virtual, traz novos desafios e ressignificações sobre a educação, o processo educativo à distância e até mesmo as novas formas de se relacionar nesse contexto.

As novas tecnologias de informação e comunicação aumentaram enormemente a capacidade de produzirmos e realizarmos diversas atividades, incluindo trabalho, sociabilidade e lazer em espaços e tempos distintos. Uma empresa pode ser sediada em um país, mas o trabalho pode estar distribuído entre trabalhadores de diversos outros países. **O tempo de trabalho comumente se estende para além da jornada contratada, visto que hoje qualquer um que disponha de um dispositivo eletrônico pode ser encontrado a qualquer tempo e lugar.** Embora a modalidade de trabalho remoto por comunicação mediada (teletrabalho) tenha surgido em meados do século XIX, quando há registros de que Edgard Thompson usava o telégrafo para fazer a gestão e controlar as suas linhas de trem, o que diferencia o teletrabalho outrora praticado da realidade atual é que naquela época foi uma estratégia para melhorar a gestão. **Em tempos de pandemia e de afastamento social presencial, ao contrário, muitos trabalhadores se viram da noite para o dia em sistema de trabalho de home-office, sem que de fato estivessem preparados para isto. Tampouco as suas atividades e tarefas de trabalho haviam sido desenhadas para serem executadas à distância.** [...] Entretanto, aqueles trabalhadores que sequer havia pensado nesta possibilidade em suas vidas vivem um turbilhão de sentimentos, incluindo a angústia e a ansiedade, em um contínuo esforço para se adaptarem à nova condição, ainda que provisória. (BORGES E GONDIM, 2020, p.2).

Partindo dessa breve contextualização podemos refletir sobre essa nova realidade dentro das significações docentes. Além da angústia e dos desafios enfrentados, pontuados no final do excerto e descritos em alguns dos pré-indicadores utilizados neste Núcleo, precisamos também refletir sobre esse trabalho

⁴⁶ Como podemos ver na reportagem: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mercado-da-miseria-frigorificos-vendem-ossos-de-primeira-e-de-segunda-na-periferia-de-fortaleza-1.3151320>, o osso de primeira comercializado em um dos estabelecimentos visitados na cidade de Fortaleza, custava R\$ 9 o quilo, enquanto o osso de segunda, R\$ 5. Em muitos casos, os frigoríficos registraram **aumento na demanda**, o que **acarretou alta no preço dos produtos**. Alguns dados sobre a insegurança alimentar e a volta da fome no Brasil também foram explicitados e refletidos no artigo disponível em <https://portal.fgv.br/artigos/inseguranca-alimentar-e-fome-brasil-tempos-covid-19-reflexao>

já em andamento – vigiado, gravado, documentado, especialmente quando pensamos no meio privado.

Elementos como a mudança das formas de se sociabilizar (tanto nas relações íntimas familiares, como nas relações afetivas com os alunos e colegas de trabalho) e principalmente as mudanças que ocorreram nas significações das docentes sobre “a perda de sentido” do trabalho por estar intermediado pelas telas e pelo contato virtual, compõem aspectos relevantes ao se pensar as circunstâncias de trabalho, e mais além, as motivações ideológicas para o estabelecimento de tais circunstâncias.

[...] podemos dar o exemplo da função de sociabilidade. Ou seja, se aprendi ao longo de minha vida que o trabalho tem uma importante função de sociabilidade, isso é o que acabou dando sentido ao meu trabalho até então. Quando me vejo em afastamento presencial e sinto distanciamento de meus colegas, isso exige criar novas formas de sociabilidade para preservar este sentido do trabalho. A não ser que deseje dar um outro sentido ao meu trabalho. Sendo assim, faz-se necessário o uso de processos regulatórios dos modos de pensar, sentir e agir em relação ao meu trabalho, já que ele passou por mudanças que estão impactando na maneira como pensava, sentia e agia em relação a este trabalho, isto é, como eu o significava e lhe dava sentido. (BORGES E GONDIM, 2020, p.2).

A questão que se coloca é: quem se importou com a complexidade dessa necessidade de novas significações por parte de ambos os agentes da relação estudo-aprendizagem nesse momento tão atípico?

Qual órgão, instituição, gestão, representante, tomou a frente dos cuidados psicológicos para que professoras e estudantes pudessem ressignificar suas formas de atuar em sociedade em período de isolamento?

Sobre as significações das docentes de escolas privadas temos os seguintes indicativos:

E1 (F): *Então assim, é muito triste né? A falta de entrega pra aquele momento dói demais... (olha ao longe pensativa) Então, como eu disse né? Os suportes na medida do possível nos foram oferecidos, mas eles não adiantam.*

E4 (F): *material técnico, assim, prático, sim [...] Claro que **muita coisa eu tô buscando por mim**, porque eu quero melhorar, porque eu quero fazer diferente, **porque eu tô pensando nos alunos**, enfim, mas eu acho que a parte humana não tem sido muito investida.*

E4 (F): *um hiato bem grande ali, entre o que a escola **espera** do profissional e o que ela **oferece** em relação a esse respaldo, principalmente psicológico, nesse ano.*

Essas falas dizem tanto sobre as mudanças, como do excesso de trabalho no contexto pandêmico. O setor privado educacional fez muito investimento em tecnologia e em materiais para que as profissionais pudessem realizar o seu trabalho, ofertando assim aos alunos (e pais consumidores) a continuidade de um trabalho em excelência que valha o valor financeiro empregado nas mensalidades.

Mas todo esse “investimento” gerou também mais tempo de efetivo exercício para a apreensão desses conteúdos novos, dessas ferramentas que pudessem dar conta de continuar o trabalho na nova realidade.

Duas questões se despontam aqui: Como relatado não houve amparo psicológico por parte dos contratantes do meio privado, nem políticas mínimas de diferenciação para prazos de entrega ou de elaboração de conteúdos e efetivação dos encontros online para profissionais mães, que antes contavam com redes de apoio e terceirização de cuidados para dar conta das demandas profissionais.

Ao contrário disso, a precarização do trabalho docente e o desrespeito à horas de trabalho andaram de mão dadas com a pressão social do aumento do exército de reserva da Educação, com a grande massa de demissões e encerramento de contratos por todo o país no meio privado de Ensino⁴⁷.

Existiu uma grande diferenciação entre as vivências relatadas pelas sujeitas da pesquisa: educadoras do meio privado tiveram subsídios materiais e acesso virtual a maioria expressiva de seus estudantes, as educadoras do meio público, não. Vale destacar como algo interessante a cisão de significações quando analisamos as falas oriundas das preocupações imbricadas à realidade privada de ensino (que apesar de todo amparo material, reflete e pontua sobre o abandono aos cuidados psicológicos), e à realidade pública de ensino (que pontua tanto sobre o descaso e abandono do Estado com o mínimo do assistencialismo aos estudantes e

⁴⁷ Algumas notícias sobre os diversos movimentos de demissão em massa no meio educacional pela precarização do trabalho e do atendimento mais amplo que o meio virtual pode atingir em algumas entidades e instituições de ensino superior. <https://sinfaerj.org.br/demissao-em-massa-e-o-estimulo-a-modalidade-ead-sinalizam-desemprego-estrutural-dos-docentes/>; <https://www.brasildefato.com.br/2020/09/09/universidades-particulares-demitem-professores-em-massa-e-lotam-salas-virtuais>; <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/23/professores-da-uninove-acessam-plataforma-de-aulas-e-recebem-aviso-de-demissao-diz-sindicato.ghtml>

famílias impactadas pelo estado emergencial, que nem chega a cogitar possíveis redes de acolhimento e auxílio emocional e psíquico como ausências percebidas).

Tanto a educadora que representou o trabalho no ensino fundamental público E2 (M), quanto à educadora que representou a educação infantil pública, além de não terem tido nenhum tipo de auxílio material por parte do Estado/Prefeitura (computadores, celulares, internet, custeio do aumento da luz, entre tantas questões outras que envolveram a dinâmica de trabalho virtual, foram integralmente assumidos pelas trabalhadoras), também tiveram pouca ou nenhuma participação de seus alunos durante o período nas atividades desenvolvidas:

E2 (M) o Estado, ele poderia muito bem arcar com a internet dessas pessoas, porque hoje a gente tem uma tecnologia wifi e por que não oferecer pra todos? Segundo: eu estou usando meu equipamento, a minha internet, na minha casa... que não são adequados. Muitos profissionais tiveram que comprar esse material, porque eles não tinham... eu não tenho como armazenar todos os dados que são mandados pra mim.

Toda essa diferença nas significações de trabalho entre redes públicas e privadas nos remete ao estudo de Libâneo (2012) e ao agravamento dessa perversidade dualista que ocorre ainda no nosso sistema educacional brasileiro: o abismo promovido entre a escola do acolhimento para os pobres e a escola do conhecimento para os ricos.

Mesmo com todo o empobrecimento nas relações e as dificuldades enfrentadas nos treinamentos e novas demandas para o trabalho virtual (relatadas durante as entrevistas), uma grande diferença afasta as duas perspectivas: na escola particular não houve um só dia em que os educadores e equipe escolar não tivessem feito malabarismos técnicos para cumprir seus planos de aula e os objetivos de aprendizagem propostos (e para que esse empenho chegasse aos estudantes); já na escola pública, uma porcentagem muito pequena conseguiu ter acesso aos recursos online e até mesmo assiduidade na efetivação das atividades disponibilizadas pelos materiais físicos a serem retirados nas U.E. semanal ou quinzenalmente (esses recursos e suas periodicidades variaram de escola para escola durante o período analisado)⁴⁸.

⁴⁸ “Seis milhões de estudantes brasileiros, da pré-escola à pós-graduação, não dispõem de acesso domiciliar à internet em banda larga ou em rede móvel 3G/4G para acompanhar aulas e outras atividades online. Destes, cerca de 5,8 milhões frequentam instituições públicas de ensino no país. O estudo Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia, publicada pelo

As reformas educativas jogaram todo o peso das supostas inovações escolares para a redução da pobreza em medidas externas, como a organização curricular, a gestão, a avaliação em escala, os sistemas de premiação de escolas e professores etc., **deixando de investir nas ações pedagógicas no interior da escola para um enfrentamento pedagógico-didático dos mecanismos de seletividade e exclusão**. É inevitável, aqui, constatar o fracasso dos cursos de formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental (LIBÂNEO, 2010b). **Eis que as vítimas dessas políticas, aparentemente humanistas, são os alunos, os pobres, as famílias marginalizadas, os professores. O que lhes foi oferecido foi uma escola sem conteúdo e com um arremedo de acolhimento social e socialização**, inclusive na escola de tempo integral. O que se anunciou como novo padrão de qualidade transformou-se num arremedo de qualidade, pois esconde mecanismos internos de exclusão ao longo do processo de escolarização, antecipadores da exclusão na vida social. (LIBÂNEO, 2012, p.24).

Acerca do levantamento feito sobre as condições de trabalho de nossas sujeitas, podemos destacar falas que assinalam a ainda prevalência dessa discrepância entre o ensino público e privado:

E4 (F): *“Nossa, diante de tudo isso, pelo menos eu tenho um emprego”. Então tudo bem, manda mais...*

E4 (F): *Ele reproduz tanta desigualdade, que você tá aqui, já entrando em paranoia, e olha quantos lá, esperando você entrar em paranoia pra ocupar o seu lugar...*

Essas são algumas das falas da entrevistada 4, que tem dois filhos, o mais velho foi diagnosticado com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), e essa mãe mulher e educadora, também estava desenvolvendo seu mestrado quando o isolamento social foi efetivado.

O nível de exaustão na efetivação de múltiplas tarefas, sendo que o desenvolvimento do estudo agrega ainda mais qualidade e valor para seu trabalho na educação, não foi em nenhum momento levado em consideração pela instituição onde ela trabalha.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) nesta quarta-feira (02), aponta as dificuldades e os caminhos para conectar essa parcela dos estudantes.” Nota Técnica - 2020 - Agosto - Número 88 – Disoc / Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia

Autores: Paulo Meyer Nascimento, Daniela Lima Ramos, Adriana Almeida Sales de Melo e Remi Castioni

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36561&Itemid=9

Toda essa lógica se aplicou para as participantes inseridas no sistema privado, mas teve uma questão que todas as sujeitas expressaram em seus relatos: o trabalho virtual foi triplicado para elas em comparação com o trabalho presencial (no caso das educadoras de ensino público a falta de terceirização dos cuidados com os filhos, as demandas frequentes domésticas ampliadas pelo uso integral do espaço e as necessidades de postagens virtuais, elaboração de materiais impressos, mesmo que atingindo uma parcela menos significativa dos estudantes, trouxe um sentido de exaustão similar aos das docentes de instituições particulares – mas essas últimas tinham o “plus” da exploração desmedida mediante o temor da perda do emprego caso não suprissem as demandas exigidas por pais e gestão.

Apesar das especificidades, três das quatro sujeitas relatam que a sociedade tinha a “sensação” de que elas não estavam fazendo nada e de que seus esforços estavam cada vez mais desvalorizados. A única exceção a este posicionamento foi a professora de Ensino Superior E1 (F), que estava no início de sua trajetória na Instituição, e que se sentiu acolhida pelos pares, gestores e alunos em seus desafios do período.

E4 (F): *que por ser uma coisa remota, online, e por você estar em casa, eu percebo que **estamos trabalhando muito mais, e passando a sensação que não. E você está em casa, e que você pode ser solicitado a qualquer momento*** (Instituição Privada).

E2 (M): *Minecraft: de minerar. **Eu me sinto minerando dentro da rede da internet. Porque eu não posso colocar algo que não seja real, que não seja científico pra eles. E esse é um processo que as pessoas não veem. É... parece que a ideia que as pessoas têm é que eu tô aqui tomando suquinho de laranja, e curtindo uma... um sol aqui na... na sacada de casa, entendeu? Que nem tem sacada ((risos))*** (Instituição Pública).

E3 (V): *com essa pandemia eu acho que o nosso trabalho foi ainda mais desvalorizado. Porque, como eu já te falei, eu não tive acesso nenhum dos meus alunos, [...] eu já ouvi muito do: “ai, você tá em casa sem fazer nada” – que não é bem assim, e quando eu estou trabalhando, eu já ouvi inclusive de pessoas muito próximas, que o meu trabalho é babinha, que eu não faço nada [...] que que cê planeja?” – eu comecei a falar, né... das atividades e a pessoa dá risada, tipo: “isso não é trabalho”.* (Instituição Pública).

A desvalorização do trabalho docente, nesse último caso, em especial do trabalho na educação infantil, tem íntima conexão com a desvalorização do trabalho materno.

Os cuidados com os bebês e crianças pequenas é tão desvalorizado em sociedade, que as profissionais da educação infantil sofrem esse estigma de maior desvalorização de seu trabalho, especialmente por grande parte dele ser pautado em cuidados físicos que envolvem alimentação, higienização, troca de fraldas, cuidados básicos no processo de desenvolvimento inicial dos seres humanos.

E em cenário pandêmico, onde só aparecem as atividades de desenvolvimento para os bebês num cenário de trabalho virtual, e onde a creche pública deixa de ser a terceirização dos cuidados básicos de alimentação e higiene, essas profissionais foram mais ainda desvalorizadas em sua formação profissional e em seu embasamento teórico-metodológico que é pautado na Pedagogia enquanto ciência do desenvolvimento infantil.

E3 (V): *Eu amo muito ser professora, gosto mesmo...foi desafio enorme esse trabalho à distância, principalmente pra Educação Infantil, porque a Educação Infantil, hoje, depende dos pais pra esse acesso, né? E eu vou ser bem sincera, eu não tive nenhum acesso dos meus pais.*

Mas o ponto aqui é que esse nenhum acesso à plataforma virtual concedida como ferramenta única de trabalho para essas profissionais da rede pública de ensino (como citado no pré-indicador acima), fala sobre a maneira como a sociedade enxerga ainda a relevância do trabalho na Educação Infantil e até mesmo do desenvolvimento nos três primeiros anos de vida da criança, e isso é um recorte de classe. De acordo com uma pesquisa feita em 1995, crianças de até quatro anos de origem socioeconômica mais privilegiada, chegam a ouvir 30 milhões de palavras a mais no início do desenvolvimento do que as crianças que vivem em origens de maior vulnerabilidade social.⁴⁹

Não valorizar o desenvolvimento intelectual das crianças de escola pública, atua sob a intencionalidade de uma lógica neoliberal que sustenta as dualidades discutidas por Libâneo (2012), e a cultura familiar acaba sendo parte desse processo de negligência que é imputado pelo Estado e suas políticas públicas de baixa efetividade no acesso aos direitos de educação para as crianças socialmente desfavorecidas.

⁴⁹ Maiores detalhes da pesquisa em: Romeo, R. R., Leonard, J. A., Robinson, S. T., West, M. R., Mackey, A. P., Rowe, M. L., & Gabrieli, J. (2018). Beyond the 30-Million-Word Gap: Children's Conversational Exposure Is Associated With Language-Related Brain Function. *Psychological science*, 29(5), 700–710.

Durante o isolamento, esse processo se acentuou – da desvalorização do trabalho na educação infantil e da maternagem nos anos iniciais de vida -, o que pode ser observado por esse pré-indicador analisado: ele está diretamente conectado ao processo de desvalorização da profissão docente no ensino básico e fundamental, especialmente no meio público, o que embasa também o processo de mudança das significações sobre essa profissão pelas participantes da pesquisa.

E2 (M): *plantar alguma coisa, mexer com a terra, com coisas materiais e concretas, elas têm muito mais utilidade do que o meu próprio trabalho, porque parece que tá pulverizado da rede da internet, e eu não sei olhar pra essa internet e de fato ver... o que é bom e não é.... então isso me traz uma angústia muito grande. O que é bom? Então às vezes eu tenho que montar uma atividade, - eu tô com 4 livros aqui do lado – e esses livros, eles não atendem uma linguagem que vai chegar na criança. Então eu fico horas...*

E2 (M): *Como a gente trabalha, por exemplo, na elaboração do currículo, até achei bacana da parte do meu supervisor. Ele falou assim: “M. cê ficou dias lendo comigo, cê ficou uma hora muito extra. Então eu vou te pagar umas horas complementares porque você fez o seu trabalho além.” Mas eu achei muito bacana isso, porque não fui eu que pedi pra ele, sabe? Eu tava fazendo porque eu acredito em política pública fazendo esse negócio ali.*

Esse discurso de agradecer por ter seus direitos básicos atendidos, como se não fosse uma obrigação da relação trabalhista, aparece na maioria das entrevistas. Sempre com argumentos do tipo “eu fiz por mim, ou fiz por acreditar em algo”. Será que essas crenças estão relacionadas também com a própria mulher mãe não entender o conjunto de suas atividades profissionais como algo de menor valor?

E como essa minoração de valor se conecta à autopercepção dessa mulher profissional e mãe em sua totalidade como indivíduo de direitos na sociedade, mesmo que infelizmente ainda, capitalista?

E4 (F): *É contínuo. Não... assim, a ponto de você acordar de manhã e ter dúvida se dormiu ou se trabalhou.*

7.3 Núcleo de Significação III - A dicotomização mulher ou mãe: autopercepção, sobrecargas e ausência do lazer - E1 (F) *Então a, tem muita luta ainda pela frente. Então tem muita exaustão ainda pela frente, até que a gente alcance um momento em que a solução vai decidir que ninguém merece ficar exausto né, e que essas divisões vão, vão ser mais honestas, e todo mundo vai, vai poder ficar bem.*

Abrúptero

*Quem disse que são infelizes as mulheres inférteis?
Quem disse que são felizes as mulheres com as suas
mamadeiras?*

*É preciso muito peito para não parir e não parar
É preciso ter muito peito para enfrentar as surpresas
da vida*

*Abaixo os inacreditáveis roteiros com final feliz
Vaia amplificada para a tendência latina aos
melodramas...*

*Viva a coragem de encarar os próprios problemas!
Algumas dores jamais serão resolvidas*

Abrúptero

*Viva o direito às novas formas de vida
Abaixo o saber pelo sofrer*

Abrútero

*Não é preciso crer na falta como um defeito
Viva o saber pelo sentir e a esperança das portas
abertas.*

(SOBRAL, 2011, p. 43).

Indicadores:

- A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe
- Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade

Esse núcleo trata de refletir sobre as idealizações extremamente ideologizadas, presentes nas significações das participantes sobre suas autopercepções enquanto mulheres-educadoras-mães-companheiras. Neste sentido buscaremos compreender as relações entre as sobrecargas cotidianas relatadas e a ausência do lazer com as armadilhas da dicotomização entre mulher e mãe.

Este núcleo está pautado no objetivo específico: “Discutir de maneira crítica e reflexiva os desdobramentos da ausência de separação entre ambientes domésticos/escolares e laborativos”, mas também de modo complementar ao objetivo específico: “Entender como se deu o processo de trabalho formal dessas mulheres educadoras mediante a supressão de escolas/creches/cuidadoras(es)

terceirizadas(os) (rede de apoio)”, processo esse que já foi desenvolvido nos Núcleos 1 e 2.

Também problematizaremos nesse núcleo sobre a questão “maternidades capitalistas”⁵⁰, e de que forma a diferenciação entre as possibilidades do trabalho externo (separação entre ambiente doméstico e laborativo) ou interno (neste caso específico do trabalho formal em casa durante o isolamento) para as educadoras, complexificam o processo de cuidados com os diversos âmbitos da vida dessas mulheres.

Entender a dinâmica capitalista engendrada aos processos de constituição das formas de se relacionar - profissional e intimamente - das mulheres mãe analisadas, nos fornece maior profundidade para refletirmos o conjunto de experiências vividas e, assim, a maneira com que elas foram significadas.

Falamos nos primeiros núcleos sobre aspectos centrais nas significações das participantes acerca das relações familiares, divisão de tarefas e trabalho formal na educação durante o período analisado. Refletimos sobre mediações importantes tais como maternidade solo, instituições públicas ou privadas, idades dos filhos, redes de apoio, condições materiais para o exercício do trabalho e adaptação das novas rotinas impostas pela nova realidade pandêmica.

Entretanto, houve no processo das entrevistas um grande tema que não tinha sido considerado na elaboração do projeto de pesquisa, e que tomou proporções significativas na busca pelos desvelamentos proporcionados por esta experiência de isolamento social no ano de 2020: a ausência do lazer.

Quando esse tópico surgiu pela primeira vez⁵¹, pudemos perceber que ele tinha em si uma grande potência para o aprofundamento das questões que moveram esta pesquisa. As falas das sujeitas sobre seus momentos de lazer durante a experiência analisada (que aparecerão a seguir) continham elementos

⁵⁰ A expressão “Maternidades capitalistas”, está sendo utilizada aqui para tratar do desenvolvimento da compreensão das determinações materiais e históricas que o Capitalismo produz, imbricado às formas de vida e produção da sociedade. Olhar para a vivência da maternidade e das constituições familiares sob o apontamento das contradições centrais presentes no sistema econômico, cultural e produtivo voltado para o Capital, é buscar na profundidade das significações sua origem ideológica e histórica. As questões centrais que dão início a esta reflexão estão entre os conflitos de se educar objetivando a emancipação e educar aos filhos numa sociedade de consumo e patriarcal. Veja em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/os-paradoxos-de-ser-mae-em-um-mundo-capitalista/>

⁵¹ E isso é uma das grandes motivações para a escolha da entrevista reflexiva para este trabalho, o que se revelou uma escolha acertada – permitir que o inédito possa aparecer a partir da troca mútua de duas pessoas intencionalmente dispostas, sem relações hierarquizadas de poder como mediação do processo.

diversos de acordo com as especificidades das participantes: traziam traços de vergonha, revolta, nervosismo, saudosismo, reflexão, culpa, orgulho, tentativas de “encobrimento da verdade”.

E toda essa dinâmica múltipla sobre o lazer estava repleta de significações. Porque, seja nas participantes que assumiam a ausência dele com tristeza ou até mesmo vergonha, seja nas participantes que tentavam se “culpabilizar” ou “disfarçar”, por não terem esse momento, de uma forma geral, o lazer para essas mulheres mães educadoras se configura como algo quase inexistente.

Mas qual é a origem dessa falta de lazer? O que ela pode dizer sobre as significações analisadas? Essa ausência foi característica apenas do momento atípico do isolamento social ou tem outra procedência?

Para refletirmos sobre estas e outras questões que surgirão no decorrer da análise precisamos entender algumas categorias e suas relações, afinal como pensar em lazer, sem entender o trabalho? E como entender o trabalho sem ponderar sobre o modo de produção capitalista e suas articulações em meio à nova realidade pandêmica?

Quando colocamos em foco as significações das sujeitas da pesquisa sobre si mesmas e seus processos de trabalho, relações afetivas, sentimentos e práticas cotidianas durante o isolamento, entramos em contato com contradições que acabam se tornando elementos imprescindíveis para nossa pesquisa.

No Núcleo 2 ressaltamos pré-indicadores que expressavam o sofrimento da desvalorização profissional por parte de algumas das sujeitas da pesquisa, onde o trabalho triplicado empenhado pelas educadoras sofreu grandes processos de críticas e invisibilização por parte da sociedade.

Enquanto os resultados da troca educativa não iam bem, o sofrimento sobre a dificuldade nas relações e demandas domésticas amplificavam os sentimentos de frustração e cansaço, trazendo à tona por diversas vezes durante as entrevistas a expressão “exaustão” como uma realidade cotidiana sentida pelas participantes.

Todo esse cansaço relatado pode ser percebido, de maneira geral, como repetição de ideias ao longo das quatro entrevistas. Esse foi um ponto crucial para entendermos que as sobrecargas mentais e físicas vivenciadas no período tiveram grande repercussão nas sujeitas da pesquisa, e a ausência de formas de lazer consubstanciavam esse fenômeno de desgaste generalizado.

A definição do indicador “Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade” se despontou como central nesse Núcleo de Significação, especialmente pela questão da ausência do lazer ter se revelado nas entrevistas como uma oportunidade de crítica por ser um aspecto que não era levado em consideração, o que provocou uma contribuição para suas autopercepções e para as reflexões apontadas na pesquisa.

Mesmo com o entendimento relatado de que a maternidade, o trabalho formal na educação e as demandas domésticas e afetivas já geravam uma intensa sobrecarga antes do período de isolamento social, a ideia expressa da ausência quase que completa do lazer durante o ano analisado, apareceu como uma constatação desconfortável e como um agravamento de um todo complexo que compunha os sistemas de desgastes cujo cerne se relacionava com a maternidade.

Esse sistema de desgastes está conectado e presente a uma formulação de uma ideologia patriarcal.

E1 (F): *Então, eu tinha essas questões, eu ainda achava um pouco estúpidas as mulheres que se tornavam mães, ou desejavam isso né. E foi revolucionário pra mim, pra minha perspectiva como eu sou machista, como era machista, e como o patriarcado ficou muito mais em cima de mim quando eu me tornei mãe, né, porque aí eu senti na pele as maiores dificuldades mesmo.*

A maternidade que estamos falando aqui não é genérica, faz parte de um fenômeno que ocorre no seio do sistema capitalista, e sob sua lógica que deve ser entendida e contextualizada.

Quando a sujeita E1 (F) que se autodetermina feminista se remete ao discurso anterior à experiência da maternidade, o faz sob critérios que surgiram de uma prerrogativa essencial: “Ser ou desejar a maternidade é estúpido”.

Por mais que ela diga em sequência que a experiência materna foi revolucionária para si – especialmente para se autocriticar enquanto machista por julgar o desejo de outras mulheres anteriormente – ainda assim “sentiu na pele as maiores dificuldades”, pois a maternidade, de acordo com sua fala, “faz com que o patriarcado fique muito mais em cima da mulher”.

Em sequência, a participante E1 (F) fala:

É, eu brinco que a palavra da maternidade é contradição, é capacidade de existir sentimentos extremamente contraditórios, então é amor e

medo, culpa e satisfação, então tudo vai junto, né, e aprendi a viver com isso sem dor ou tentar viver sem dor, né?

Essa contradição é histórica, pois a construção dessa polarização entre ser mulher e ser mãe na sociedade foi intencional, e nos remete ao início do Brasil Colônia, cujos fundamentos morais vieram de uma ideologia cristã europeia doutrinadora e sua efetivação se deu por interesses políticos e econômicos da época.

De acordo com Del Priore (2009), a colonização de nossa terra foi marcada por um rico período de intenso entrecruzamento de etnias diversas marcada pelo caráter exploratório da empresa portuguesa no Brasil do séc. XVI ao XVIII.

Nesse sentido, um projeto demográfico embasado não só na colonização dos povos indígenas, das riquezas naturais e da própria cultura ampla e diversificada que a “Terra de Santa Cruz” abrigava, pautou sua estrutura especialmente no modelo escravista e em um longo processo de domesticação da mulher. Esse processo, de acordo com a autora, intentava transformar a mulher na “santa mãezinha”, tornando-a responsável pela casa, pela família, pela procriação e pela instituição do casamento.

Ela deveria fazer o trabalho de base de todo edifício familiar: caber-lhe-ia educar cristãmente a prole, ensinar-lhes as primeiras letras e as primeiras atividades, cuidar de seu sustento e saúde física e espiritual, obedecer e ajudar ao marido... Enfim, ela seria responsabilizada pelo sucesso ou fracasso do processo civilizatório e da aplicação das normas tridentinas à sociedade familiar. [...] Na colônia, onde a história da vida familiar teve sua especificidade (Figueiredo, 1990) *a ideia de privacidade poderia traduzir-se pela relação que as mulheres tinham com sua própria casa, com a religiosidade doméstica, com usos e costumes relativos ao seu próprio corpo, mas sobretudo com a relação que mantinham com a sua prole.* (DEL PRIORE, 2009, p.35 – grifos nossos).

Esse projeto encontrou no recorte de classe sua base: foram as mulheres pobres do Brasil Colônia, aquelas que “dispunham informalmente de sua sexualidade, que viviam sós com seus filhos”, a brecha que a Igreja encontrou para a consolidação do “adestramento das populações femininas”. Foi através do casamento e suas garantias financeiras e morais como moeda de troca, que as mulheres da classe trabalhadora (que não tinham as benesses guardadas apenas para as uniões matrimoniais da elite), cederam ao processo dessa constituição de

uma normatividade dual feminina: “a Santa Mãezinha” e a “Mulher Sem Qualidades”

⁵².

Quando pensamos no início do projeto colonizador e em toda a construção dessa ideologia cristã assentada no patriarcado e munida de interesses políticos de exploração, expansão da população e ocupação territorial do país conseguimos nos aproximar da compreensão de algumas contradições presentes nos relatos atuais.

Por mais que os séculos de distância marquem significativas mudanças na atmosfera pública e privada das relações humanas sociais entre os gêneros, com relação à divisão sexual do trabalho ainda estamos vivenciando grandes desigualdades, o que foi ainda mais prejudicado durante o processo da pandemia e os retrocessos políticos do Governo Bolsonaro⁵³.

Uma significativa parcela da sociedade brasileira vem aderindo ao cristianismo, especialmente os seguimentos da bancada evangélica, fazendo coro às atrocidades cometidas no Brasil “em nome da família e dos cidadãos de bem”.

Esse ressurgimento de movimentos de extrema-direita pautados nos dogmas religiosos e nos projetos conservadores embalam essa série de retrocessos que atinge todos os setores da realidade pública e privada do país, e que retoma o antigo projeto católico colonialista de submissão da mulher, trazendo um movimento de muitos embates e polarizações no cenário político atual.

A América Latina tem uma longa tradição de presença evangélica, mas nas últimas décadas houve um salto significativo, especialmente em sua versão pentecostal. Esse crescimento fortaleceu a sua capacidade de influência na agenda pública através de partidos evangélicos ou, mais frequentemente, por meio de associações “pró-vida” e “pró-família”. Enquanto no início do século XX, a agenda evangélica lutava pela separação entre Igreja e Estado, hoje suas posturas contra o avanço da “agenda gay” e da “ideologia de gênero” aproximam esses grupos aos conservadores católicos na luta contra as mudanças liberalizantes na família e na sociedade. (VILLAZÓN, 2015, p.163).

⁵² A construção dessa normatividade que ainda hoje constitui as subjetivações das participantes da pesquisa é aprofundada na obra “Ao Sul do Corpo” de Mary Del Priore, através de suas análises documentais datadas de toda a extensão do período Colonial Brasileiro (Séc. XVI ao XVII).

⁵³ Para aprofundar mais as questões sobre a Divisão Sexual do Trabalho <https://www.scielo.br/jea/a/PPDVW47HsgMgGQQCgYYfWgp/?lang=pt#>, e sobre os retrocessos do atual Governos Federal veja: <https://www.conectas.org/noticias/dez-vezes-que-a-sociedade-civil-barrou-retrocessos-do-governo-bolsonaro/> e o livro intitulado “Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política”, uma organização Leonardo Avritzer, Fábio Kerche, Marjorie Marona.

Todo esse processo de polarização, não só vem incidindo na maneira como as pessoas vêm se constituindo em suas significações, como também vêm reafirmando nossas origens coloniais e todo massivo processo de imposição da “idealização feminina”.

As fontes simbólicas pautadas na religiosidade cristã seguem firmes na retomada da estrutura para a “família tradicional brasileira”, onde cada vez mais mulheres, em especial da classe trabalhadora, começam a se inserir nessa lógica, como mulheres cristãs que não desejam as “liberdades mundanas da luta feminista”.

Movimentos como o Antifeminismo vêm trazendo para esse contexto muita desinformação, com pouco ou nenhum embasamento teórico-metodológico, mas com um grande apelo político-religioso fundamentalista de extrema direita⁵⁴.

Essa discussão traz elementos para entendermos a totalidade que engendra os aspectos materiais e históricos acerca da constituição da maternidade e dos fenômenos que envolvem a família brasileira e os propósitos educativos e sociais.

Porque toda essa dinâmica nos leva para os perigos da dicotomização da concepção de mulher e mãe que é o centro desse núcleo. Essa não compreensão da mulher enquanto indivíduo complexo que pode (e deve) assumir as diversas funções em sociedade, leva a uma não compreensão do que é necessário transformar para que ela consiga de maneira digna exercer e construir sua trajetória com mais equidade e liberdade.

E 2 (M): *Então ele põe o lixo, água nas plantas, às vezes faz a comida quando eu tô fora... [...] cada hora um pega o brinquedo da criança que tá no chão, sabe? [...] é algo assim, natural, sabe? [...] então eu faço, por exemplo, eles dormirem, aí o A dá o banho em um deles, [...] mas essa questão de remédio eu sou meio relapsa, (risos) então ele cuida dos*

⁵⁴ “Os “Fundamentalistas afirmam: só há um modo de vida válido, e os demais têm de sair da frente” (GIDDENS, 2004, p. 8), expressando um sentimento de insegurança e de resposta caracterizada como uma redução cognitiva defensiva ou ofensiva. Diante do risco dissolvente da dúvida, reage-se com a afirmação ortodoxa. Todo fundamentalismo vem circundado de uma potencialidade de autoritarismo e de violência, mediante o fortalecimento do preconceito, uma vez que este pode se constituir em uma fonte de violência (GIDDENS, 2005). Conforme Lourdes Bandeira: A construção do preconceito e a visibilidade das discriminações, mostram-se duplamente associadas à condição de emergência das diferenças: seja pela afirmação e manipulação da condição da diferença, seja por sua insistente negação ou dissimulação” (BANDEIRA, 2002, p.119). Em ambos os casos, o não-reconhecimento das diferenças ou a falta de respeito a elas se fazem presentes no antifeminismo, criando novos padrões de violência e recusa explícita à comunicação ou a qualquer fortalecimento dialogal. Tudo isso evidencia a centralidade atual da questão do preconceito discriminativo, sobretudo porque qualquer iniciativa de reflexão contribuirá para tentar superar um dos problemas mais importantes que o século XX deixa de herança, qual seja, o da violência, que funda e fecunda cada vez mais as relações sociais da diferença.” (CRUZ e DIAS, 2015, p.35)

remédios, ter que passar alguma coisa, **ele é mais categórico**, mas aí eu cuido, assim, da parte da alimentação, do soninho, e assim a gente vai indo.

E3 (V): Olha, já tive uns surtos aqui... ((risos)) [00:39:31] De eu ficar doidinha com um monte de coisa, porque é **todo mundo falando no meu ouvido, e eu tendo que prestar atenção, e eu não conseguindo me dedicar**. Sabe assim, **eu não conseguia me dedicar à minha reunião, eu não conseguia me dedicar ao trabalho de casa**, eu não conseguia dedicar a atenção às crianças. Já surtei.

E3 (V): Então eles sempre vão recorrer porque é onde eles se sentem mais seguros, né... o porto seguro deles é a mãe. E a mãe nunca fala não, né? ((risos)).

E3 (V): Fernanda: Por que que você acha que é raro a criança chamar o pai? Por que que você acha que a criança chama mais a mãe? [00:45:34]

V: Porque eu acho... que o vínculo maior é com a mãe, né... desde a barriga, depois tem amamentação; a grande maioria das mães que ficam a maior parte [do tempo] com as crianças; é igual aqui em casa, eu trabalho meio período, o R trabalha mais horas do que eu, então sou eu que tenho mais contato.

É interessante percebermos as contradições que essa construção social de “ser mãe” traz consigo, e essa suposta naturalização dos processos de cuidados e de relação entre pais, mães e filhos.

No primeiro pré-indicador ela pontua as coisas que o marido faz, e não pontua as dela num primeiro momento. E até mesmo “ao fazer a comida quando eu tô fora” quer dizer que o “fazer a comida” é sempre dela quando ela está dentro? Nas divisões da casa, a exaltação é para as atividades realizadas pelo marido, quando ela fala dela passa brevemente por assuntos muito mais complexos dentro das dinâmicas e justifica a ação do marido com o cuidado dos remédios por ela ser “relapsa”. Então, se o marido dá banho em um deles e cuida de dar remédios quando doentes é possível comparar os cuidados com alimentação, por exemplo, que são cotidianos, três vezes ao dia no mínimo e envolvem tempo de planejamento, compras, execução e administração das refeições? Essa autopercepção de si e do outro acentua desigualdades e auxilia de maneira sutil e decisiva na continuação das opressões patriarcais.

É possível perceber no segundo pré-indicador que “o surto” da participante estava relacionado à frustração de não conseguir dar conta de atribuições que ela acredita serem do seu domínio. Ela cita não conseguir se dedicar à reunião **(trabalho formal)**, não conseguir se dedicar ao trabalho de casa **(demandas**

domésticas, que, ao que consta em momentos anteriores, era dividida com o marido), e não conseguir se dedicar às crianças (cuidados e relação com os filhos).

Esse sentimento relatado de sentir que as coisas não estão sendo bem-feitas, de que “não se está dando conta de nada direito”, aparece como repetição de ideias na entrevista 1 (F) e na 3 (V), ao passo que a negação ou o silenciamento dos desejos e das próprias necessidades individuais, como tempo de descanso apropriado ou de lazer, vem como um traço complementar dessa dinâmica.

As ideias de que a “mãe é um porto seguro”, de que a mãe “nunca fala não”, de que o “vínculo é maior com a mãe pela conexão física, tanto da gestação e aleitamento materno, quanto da proximidade cotidiana para os cuidados básicos”, de que a criança chama mais a mãe do que o pai, porque é onde eles se “sentem seguros”, reafirmam a tradição da “Santa Mãezinha” postulada por nossos colonizadores. Não por coincidência, um grande mediador desse processo é a religião das duas participantes que se autodeclaram católicas. E mesmo quando a religião não configura uma mediação que se relacione diretamente a essa construção heteronormativa religiosa, entendemos que ela faz parte das tradições ideológicas no contexto nacional exatamente pelo processo colonizador citado anteriormente.

Essa mãe que cuida da casa, dos filhos, do marido, do trabalho formal, de ser porto seguro, ouvir todo mundo ao mesmo tempo e ainda estar isolada durante uma pandemia dando conta de seus medos e frustrações, está inserida numa lógica que se apropria de suas possibilidades de libertação.

O conceito de apropriação tem também um papel importante na concepção materialista da história desenvolvida por Marx. As relações do ser humano com seu entorno são relações de atividade, de produção. Sua relação com o meio é, portanto, uma relação de apropriação. Esse conceito aponta o processo complexo no qual os seres humanos, ao produzirem seu mundo, produzem-se a si mesmos e produzem sua subjetividade. O homem produz-se da realidade porque a produz. Torna-a sua ao criá-la mediante sua atividade prática. Porém, à medida que a torna sua, apropria-se dela, a interioriza, a traduz em elementos de sua subjetividade (suas capacidades, potencialidades, ideias, aspirações, valores, etc.) e está condicionada pelo modo com que a produz. Produção e apropriação, portanto, formam um todo indivisível. Produção refere-se ao processo de objetivação do homem, que cria os objetos de sua realidade e neles expressa sua subjetividade. Apropriação diz do processo de produção da subjetividade humana, de sua autoprodução. De sua autoprodução como sujeito. Todo modo social de produção da realidade é, por sua vez, um modo social de apropriação dessa

*realidade.*⁵⁵ *(e, portanto, de autoprodução do homem).* (ACANDA, 2017, p. 37 – grifos nossos).

Precisamos refletir sobre o movimento dessa lógica de “autoprodução” dessa mulher mãe educadora. E a ausência do lazer, a prevalência dos interesses dos filhos sobre os seus, e a sobrecarga que leva rotineiramente à exaustão durante o isolamento, põe em foco partes importantes desse movimento.

E2 (M): o mindfulness, ele fala justamente isso... os momentos de pausa têm que ser pausa... **e é muito contraditório pra mim porque ao mesmo tempo... eu faço pausas, mas as pausas que eu faço são do mindfulness, de 3 minutos, 5 minutos... é uma pausa pequena... mas quando eu tô fazendo essa pausa, é treinamento... eu também tô... cê entendeu?[...] no final de semana, pelo menos, um dia a gente não liga. A gente tá assim: “não vamo mexer”. Mas ao mesmo tempo a gente fica assim: “nossa, mas tem...” sabe? Aí eu tô tentando não pensar nesse outro monte de coisa que ainda está ali pra eu fazer.**

É necessário pontuar aqui que o *mindfulness*⁵⁶ que ela cita é um segundo trabalho que ela se capacitou para desenvolver, que ela informa ser complementar à sua atividade docente, e apesar de usar essa “ferramenta” no seu trabalho em educação, ela também atende pessoas e grupos fora do ambiente educacional.

Nesse sentido, seu conflito é pertinente, pois mesmo quando ela faz o relaxamento meditativo, é no sentido de um treinamento de uma atividade configurada para um trabalho efetivo e remunerado. Ou seja, ao falar de lazer não é possível colocar os minutos de *mindfulness*, pois ela não está intencionalmente separando esse momento para seu lazer, e, sim, treinando um novo tipo de função de trabalho.

⁵⁵ Nota de rodapé relacionada ao excerto da citação, presente na obra TRABALHO, EDUCAÇÃO E LAZER: CONTRIBUIÇÕES DO ENFOQUE HISTÓRICO-CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO: “A análise mais detalhada oferecida por Marx dessas ideias, essenciais na concepção materialista da história, aparece espalhada ao longo das quase 600 páginas de um de seus textos menos conhecidos porém mais importantes: Fundamentos a la crítica de la economía política, também conhecido em alemão como Grundrisse.”

⁵⁶ “Historicamente, *mindfulness* ou atenção plena é compreendida como o “coração”, o centro da Meditação budista. Buda não tinha outros instrumentos senão sua mente, corpo e experiência e aprofundou o uso destes recursos naturais para investigar a natureza do sofrimento a da condição humana (KABAT-ZINN, 2003). *Mindfulness*, porém, pode ser entendido como um conceito que vai além da meditação. É um estado de consciência que envolve estar atento conscientemente na experiência momento a momento. A prática da meditação é simplesmente uma maneira de elevar e desenvolver o estado, ou a habilidade de *mindfulness* (SHAPIRO et al, 2006).” (LISBOA e MARKUS, 2015, p.2) file:///C:/Users/fe_ma/Downloads/20733-Texto%20do%20artigo-83474-1-10-20150518.pdf

Retomo que nas entrevistas o lazer é um tema desconfortável, as sujeitas por vezes como esta até tentam “encaixar” atividades para não parecer tão absurda essa falta de momentos de descontração e relaxamento sem culpas e demandas.

E4 (F): *pra mim, aí só contaria o banho, infelizmente [...] Então esses 20 minutos, vai... aí, meu deus... infelizmente é a realidade trágica da pandemia.*

Só o banho ela considerou como coisas pra ela. Um banho não é um processo básico de higiene obrigatório? Isso quer dizer que ela acredita que nem um banho seria algo que ela teria o direito de fazer? Ou seria uma maneira de minimizar a realidade da subsunção ocorrida pelo trabalho materno e formal? Seria a realidade trágica só da pandemia? Ou a rotina externa a alienou dessa realidade já instaurada antes sob outros pretextos?

E4 (F): *É contínuo, a ponto de você acordar de manhã e ter dúvida se dormiu ou se trabalhou.*

E o que estamos fazendo/fizemos em isolamento? A falta das divisões de horários delimitados trouxe aberturas para a exploração desmedida, coisa que a cultura brasileira já está acostumada vide que fomos o último país do mundo a decretar oficialmente o fim da escravidão. Mesmo tendo em legislação o direito à desconexão!

E4 (V): *Então, é muito difícil. Porque aí você tá nesse... desgaste aí, que o lazer é uma coisa que você já vê como luxo... [46:15]*

A Lei n. 13.467/2017, conhecida como Reforma Trabalhista, com o objetivo de regulamentar o trabalho à distância realizado por intermédio dos meios telemáticos e informatizados, incluiu o Capítulo II-A na CLT, disciplinando o teletrabalho nos arts. 75-A a 75-E, além de inserir o inciso III no art. 62 da CLT, que prevê a ausência de controle de jornada para os teletrabalhadores. Fruto de árduas lutas e conquistas históricas, a limitação razoável do número de horas de trabalho é um direito humano que encontra alicerce em diversas convenções internacionais, bem como amplo regramento na Constituição Federal, constituindo norma de saúde, higiene e segurança do trabalho. Com efeito, a ausência de limitação da jornada de labor possibilita a realização de jornadas superiores a 8 horas diárias e 44 horas semanais, comprometendo o direito fundamental à saúde e à integridade física e mental do trabalhador (arts. 5º, V e X, 6º, 7º, XXII, e 196 da CF/1988), além de violar o direito à irredutibilidade salarial (art. 7º, VI, da CF/1988) e o direito à desconexão. Possibilita, ainda, a prática do assédio moral virtual. Isso porque, ao excluir o teletrabalhador da limitação de jornada, potencializa-se a hiper conexão e a realização de jornadas

extenuantes, bem como a exigência de constante disponibilidade e respostas imediatas (tele pressão). Compromete-se, assim, o descanso, o lazer e o convívio familiar do teletrabalhador, violando seu direito fundamental à desconexão. (SANTOS, 2020, p. 18).

Essa é uma das características centrais que posicionam as maternidades capitalistas: a mãe, o filho, a família, e todo conjunto de relações sociais estão baseados na lógica da competitividade e da mercantilização.

Ao som do “*Time is Money*”⁵⁷ – mulheres mães educadoras que assumem seu trabalho formal com a necessidade do estudo contínuo e preparação de suas aulas, além do horário de efetivo exercício, estão trabalhando por três ou mais horas, e isso de maneira direta através da sua ação profissional, e indireta através das suas atividades gratuitas de cuidado com o lar e os filhos - geram mais-valia⁵⁸.

No capitalismo, a racionalidade econômica impõe-se – em uma relação contraditória e tensionante – a todas as demais (a política, a religiosa, a artística etc.) e condiciona com seus ditames às mais variadas esferas da vida social. As relações entre as pessoas conformam-se segundo o modelo das relações econômicas. A centralidade do mercado deve-se à lógica econômica própria do capitalismo. O capital (as relações sociais capitalistas) só pode existir se se expandir constantemente. O desenvolvimento das forças produtivas tirou os produtores de seu isolamento e os enfrentou no mercado. A competição conduziu a que o objetivo dos produtores já não poderia consistir simplesmente em obter lucros, mas na sua obtenção sempre ampliada, pois só isso lhes permitiria enfrentar a concorrência com outros produtores e não ser eliminados do mercado. A existência da competição determina que a reprodução simples (traço comum da economia mercantil simples) desapareça e que a reprodução ampliada converta-se na lei de funcionamento do sistema capitalista. O objetivo do processo de produção de bens materiais já não consiste na produção de valor, mas na produção de mais-valia, quer dizer, de uma massa de valor sempre crescente. (ACANDA, 2017, p. 40 – grifos nossos).

⁵⁷ “Sustentado nos escritos de Benjamin Franklin, Weber (1994) percebe o tempo pela máxima deste autor: “*Time is Money*”, ou seja, “tempo é dinheiro”. Assim, não se controla mais o tempo somente pelo relógio, controla-se também pelo dinheiro. Em última instância, tempo e dinheiro são faces absolutamente notórias do esporte hodierno. Para Weber (1967, p. 33), o *summum bonum* desta “ética”, a obtenção de mais e mais dinheiro, combinada com o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida é, acima de tudo, completamente destituída de qualquer caráter eudemonista ou mesmo hedonista, pois é pensado tão puramente como uma finalidade em si, que chega a parecer algo de superior à “felicidade” ou “utilidade” do indivíduo, de qualquer forma algo de totalmente transcendental e simplesmente irracional. O homem é dominado pela produção do dinheiro, pela aquisição encarada como finalidade última da sua vida. A aquisição econômica não mais está subordinada ao homem como meio de satisfazer suas necessidades materiais. Esta inversão do que poderíamos chamar de relação natural, tão irracional de um ponto de vista ingênuo, é evidentemente um princípio orientador do capitalismo, tão seguramente quanto ela é estranha a todos os povos fora da influência capitalista.” (PILATTI, 2007)

⁵⁸ De acordo com a ONU Mulheres: O valor do trabalho de cozinhar, limpar, cuidar de crianças e dar atenção a pessoas idosas – tarefas que a economia depende – representa entre 10 e 39% do PIB. Pode pesar mais na economia de um país do que pesam a indústria manufatureira ou a do comércio.

E3 (V): *Mas é difícil eu ter esse momento. ((risos)) Eu aproveito, por exemplo: é... teve casos do... do R acompanhar as crianças ao médico, e eu não acompanhar porque eu estava recém-operada, nesses momentos eu abusava do rádio aqui em casa pra ouvir música. E... e era o meu momento de lazer*

E3 (V): *eu acho que falta também reconhecer esse nosso lado mãe, né? Que a gente também cansa, porque eu me estresso, eu amo meus filhos, mas tem momentos que a gente precisa também ter esse momento só nosso. Isso é importante pra gente. E é o que você falou, eu precisei operar pra ter esse momento...*

E1 (F): *Então eu acho que é uma realidade dura pra todos, mas pelo menos eles [os adultos sem filhos] conseguem se desligar e ver um filminho, tomar um vinho depois, sabe? Uma cervejinha ou um suco, ou, “ai, hoje eu não vou fazer nada”. 00:54:52,400 --> 00:54:55,550*

E1 (F): *A gente sabe que, enquanto mãe, isso não existe mais então. É, não temos mesmo tempo do descanso. [...] Às vezes o trabalho era o nosso descanso. Louco falar isso, mas é. Pra mim, nossa, dar aula é o meu descanso, é onde eu me sinto muito feliz.*

E1 (F): *Então, assim, as dificuldades do dia a dia do trabalho são as mesmas, mas não, a gente não tem permissão pro descanso. Então é muito difícil isso.*

Sobre as diferenças relatadas entre as vivências durante o isolamento percebidas pela sujeita que é mãe solo E1 (F): a maternidade aqui parece como mediação central, e é apontada por ela enquanto fator determinante para a “não permissão ao lazer”, o que no primeiro pré-indicador em destaque complementa, pois é a fala de outra sujeita, que mesmo vivenciando a maternidade compartilhada só pôde ter um lazer sozinha, ao estar recém-operada e, por isso, não conseguir acompanhar os filhos à consulta médica (ação que aparentemente é rara de acontecer, tanto a não participação da mãe nesse tipo de rotina, quanto a autonomia do pai para cumpri-la sozinho).

No contexto sequencial das falas da participante E1 (F), ela faz o comparativo com os amigos que tem passado por muitas dificuldades também nas adaptações para o contexto pandêmico, em especial para o trabalho em isolamento social.

Nesse comparativo ela traz a ideia de que as pessoas/os casais sem filhos, têm a possibilidade de se desligar, de relaxar, de “poder escolher não fazer nada”, questões que para ela foram suprimidas após a maternidade.

A intensidade da dinâmica doméstica, e a sobrecarga dos cuidados com a filha direcionados apenas a ela, trouxeram o sentimento de que o momento de seu trabalho formal, anterior ao contexto pandêmico, era o seu lazer.

Essas significações sobre trabalho/atividade/lazer, tiveram um sentido diferente das demais participantes, o que nos levou a questionar: Então a maternidade solo é tão mais desgastante que a maternidade compartilhada, que o momento do trabalho formal era entendido como lazer mediante comparação?

A partir dessa conclusão, Marx constatou uma circunstância: o trabalho é a atividade na qual os seres humanos realizam sua essência, sua humanidade. No trabalho o ser humano se objetiva: o objeto produzido no trabalho é expressão das necessidades, desejos, capacidades, sensibilidade etc. dos seres humanos que o produziram. O objeto produzido é instrumento da realização do ser humano, meio de sua existência. Porém, na sociedade capitalista, ocorre todo o contrário: o ser humano não se realiza no trabalho, mas fora do trabalho. O trabalho converteu-se em uma atividade embrutecedora, tediosa, monótona, que os indivíduos realizam sob imperativo da coerção econômica (necessitam vender sua força de trabalho para obter dinheiro com o que podem satisfazer suas necessidades). O objeto produzido deixou de ser meio da realização da subjetividade do indivíduo, de seu ser essencial, e se projeta perante ele como um obstáculo para sua realização. O trabalho, na sociedade capitalista, torna-se algo hostil ao ser humano, algo a ser enfrentado, e o subjuga. O trabalho no capitalismo converteu-se em trabalho alienado. (ACANDA, 2017, p. 39 – grifos nossos).

Se pensarmos nessas prerrogativas da teoria de Marx sobre o trabalho e sua conversão de “o trabalho enquanto expressão de desejos, necessidades, realização...” em “prática por coerção econômica, que na sociedade capitalista passa a ser um obstáculo para a expressão de suas subjetividades, de seu ser essencial”, talvez poderíamos pensar que o exercício da maternidade solo, à depender de como ela é significada, pode tomar o lugar desse trabalho alienado, se tornando assim um empecilho para a realização de si, por parte da mãe.

Quando a sujeita pontua “a não permissão para o lazer”, e traz o marcador de que antes do isolamento ela sentia sua experiência laborativa formal como “seu lazer”, justificando que era seu momento de descanso, onde ela se sentia feliz, podemos refletir sobre a alienação que o abandono social (não apenas paterno) pode promover para o a atividade de cuidados com o lar e os filhos.

Um fato é que, com exceção de condutas pessoais de alguns líderes e gestores da educação – como relatado pela E1 (F) em suas vivências com relação às dificuldades com a prática virtual com a filha e o acolhimento recebido -, durante o isolamento analisado, muito se falou sobre condições materiais que eram promovidas nas instituições privadas de ensino; em contrapartida, a ausência da preocupação e do amparo psicológico na gestão dos trabalhadores foi percebida e

relatada nas entrevistas E1 (F) e E4 (F). (Ambas as profissionais respondem à rede privada de ensino).

Não houve relatos de nenhuma política emergencial para tratativas diferentes com as profissionais mães. O que nos leva a uma constatação: A maternidade significada sem a desculpa afetiva que “A Santa Mãezinha” tudo consegue pela fé, pelo amor e pelo empenho, sofre a realidade da exploração da mão de obra que garantiu e garante a continuação da espécie e da mão de obra trabalhadora no Brasil e no mundo. Pois como disse Federicci (2019) “Eles dizem que é amor. Nós dizemos que é trabalho não remunerado”.

E1 (F): *Então, tem muita luta ainda pela frente. Então tem muita exaustão ainda pela frente, até que a gente alcance um momento em que a solução vai decidir que ninguém merece ficar exausto, né, e que essas divisões vão ser mais honestas, e todo mundo vai poder ficar bem.*

7.4 Prévia introdutória em primeira pessoa

Sua raiva dizia muito sobre as dores da alma – e sobre estas ela não falou -, aquelas que demoram a curar, as que no meio das lembranças precisamos afastar com um gesto de negação, para que não se abata sobre nós o desanimo.

Itamar Vieira Junior

Fui mãe na pandemia, mãe de um bebê ativo, brilhante, saudável!

Fui mãe que dava peito, dava colo, dava pão, dava ralo

Fui mãe com tanto gosto, fui mãe com pouco espaço

Fui mais uma professora que deu aula sem abraço

Fui dúvida, fui neurose, fui medo, fui ansiedade

Mas o que mais fui foi choro, rio, cachoeira, mar aberto na cidade

Fui revolta, mais que torta, desse maldito escangalho

Mas não paro, não fecho o vidro do carro

Mamãe já bem dizia: quem muito abaixa, mostra o rabo!

O mundo girou e a tela parou, mais uma queda da net e eu quebro esse computador!

O bolso encolheu, a conta estourou,

E a privada, alguém lavou?

Fui só, fui dor, fui asco do Bolsonaro

Eita fakeada maldada, nele e no meu salário.

Peço licença poética para maldizer. Não vejo sentido mais em calarmos a revolta que amarga a boca e nos faz chorar. A revolta que em geral tem homens brancos e poderosos no alvo. A revolta que do pouco que sabe muito se indigna.

Uma revolta que nasceu desde menina, quando nem entendia o porquê de tanta covardia.

Conversando com minha gente, pensei muito e tanto, que algumas graves crises de enxaqueca dividiram comigo o travesseiro e o pranto.

Enquanto as mortes iam aumentando durante a pandemia, e alguns alunos iam ficando órfãos a luz do dia, alguns colegas indo embora, que agonia, tendo pai e mãe e a Virgem Maria, enfileirados nos terrenos baldios, abarrotados à sangue frio, não pude me furtar de cair em precipício de dor e peito vazio.

A verdade é que vivemos um pandemônio nesses dois anos de escrita dessa pesquisa. A verdade também é que inúmeras foram as vezes em que o impulso da desistência tomou meu corpo e meu juízo, o que mais fazia sentido?

Enquanto as aulas virtuais batiam 3, 4 alunos, minha garganta doía de saudade do barulho...

Eu sabia que nada seria como antes. Como ser? Novo normal? Só se for pra você!”

7.4.1 Impressões do processo de pesquisa

Não é possível concluir essa pesquisa sem dizer do que de mim ficou nela e do que dela ficou em mim.

É sabido que minha experiência foi inspiração para esse trabalho. E a isso muito agradeço minha amada Ia, que comprou minha briga e sendo ela mãe também, não se furtou da responsabilidade.

A proposta era entender como foi o processo de trabalho e de vivência a partir das significações dessas mães educadoras durante o isolamento social. E assim foi.

Passei a entender melhor o meu processo também, e nessa troca, de entrevistas e de reflexões, fui me vendo nelas e elas, em mim.

Existe algo profundo na maternidade aqui analisada, minha e delas, que não pode ser negada: o desejo de que consigamos vencer as dificuldades, tantas e cotidianas, para garantir aos nossos vida próspera, saudável e feliz.

E contraditoriamente, ao galgar a construção cotidiana de boa mãe, de boa professora, de boa mulher, de boa filha, de boa pesquisadora, vamos nos alienando de nossa íntima necessidade de sermos boas para nós mesmas, para além de nossas funções sociais.

Tudo que nos envolve nas relações materiais e socioculturais está definido pelo trabalho, mas, que tipo de trabalho?

Sermos boas em tudo demanda tanto, e sempre, e de maneira tão recorrente, que descobrimos nas nossas trocas a ausência monumental de momentos de lazer – pude compreender isso sobre mim a partir desse pré-indicador:

E4 (F): *pra mim, aí só contaria o banho, infelizmente [...] Então esses... 20 minutos, vai... aí, meu deus... Infelizmente é a realidade trágica da pandemia.*

Essa fala ecoou em mim por alguns dias. Não lavava o meu cabelo, que é muito longo, quando eu queria lavar. Eu lavava quando minha mãe podia me ajudar com meu filho, além da ajuda já cedida para meu trabalho formal e meus estudos, e isso era desesperador. Entendendo o cansaço dela e preocupada constantemente com sua saúde física, não queria ser exploradora de seu trabalho não remunerado por mais 20 minutos de banho. Desenvolvi técnicas para conseguir lavar meus cabelos em menos de 5 minutos, e algumas vezes quando eu saía desesperada pra poder “liberá-la para o descanso urgente”, só ia escovar meus dentes depois que o meu filho já tinha pegado no sono.

Não pensem que eu não tentei tomar banho enquanto ele dormia, mas cansei de pegar ele no colo ensaboada por ter acordado com o barulho do chuveiro. E qual foi minha surpresa ao achar essa tirinha:

Mãe Solo



Fonte: Tirinhas da mãe solo (Foto: @Mãe Solo), ilustradora Thaiz Leão.

Não era só eu, não era só a (F), que inclusive tinha o pai dos filhos como companheiro durante o isolamento social, cuja existência podia “dar 20 minutos” para ela se HIGIENIZAR.

É um fenômeno nacional que envolve a maternidade, sendo solo ou não, a abstenção de uma vida com tempo para si e para seu bem-estar. E esse aspecto do fenômeno se ancora na injusta divisão sexual do trabalho e do não reconhecimento do trabalho doméstico e de cuidados com os filhos, de maneira geral, não remunerado.

Não entender a relevância de lutar pelo nosso direito ao descanso, ao prazer, à pausa, ao não trabalho, é uma maneira de servirmos constantemente a um sistema que nos esgota, adocece e entristece.

Aprender a pensar sob uma perspectiva materialista histórico-dialética durante uma pandemia e produzindo essa pesquisa como mãe solo, profissional da educação básica fundamental pública, na terrível realidade do governo Bolsonaro, iniciou um processo em mim de grande consciência e revolta, mas também de libertação.

Ao contrário do peso que eu sentia anteriormente de crer que “apesar de tudo tinha privilégios”, e que “eu deveria agradecer por ter saúde e emprego num país de

miséria e degradação” – significações essas que também foram apreendidas nas falas das participantes como em E4 (F) *“Nossa, diante de tudo isso, pelo menos eu tenho um emprego. Então tudo bem, manda mais”* – passei a perceber que existia algo além dessas “desculpas para continuar servindo sem reclamar”.

Constituindo esses e outros tantos pesos que nossas funções como mulheres mães educadoras nos atribuem com o passar dos tempos, vamos fazendo coro à nossa própria exploração, legitimando a nossa alienação especialmente com relação à nossa contribuição para a continuidade das injustiças operantes e fossilizadas que nos constituem e nos impedem de lutar pelo fim das explorações.

Ouvir as sujeitas da pesquisa, e poder falar com elas, de maneira igual e com profundo respeito e empatia, foi um processo de muito aprendizado e reflexão mútua.

Dos resultados da pesquisa, também precisamos dizer sobre como foi maravilhoso ouvir de algumas delas de maneira informal, que algumas coisas mudaram após as entrevistas e a elaboração dos relatos, especialmente com relação à importância dada ao lazer e às divisões de tarefas em casa.

Das quatro entrevistadas, duas quiseram deixar uma mensagem final:

E2 (M): [...] *eu desejo pra mim, e pra todas as mulheres que estão e que virão depois de mim que elas se permitam não [se] cobrar tanto. Porque o capitalismo é cruel com as mulheres. E a gente aprendeu que essa crueldade é normal. Então, que pelo menos essa pandemia mostre que essa cobrança não é normal. Ela não é natural, ela foi inventada historicamente, e que elas possam num futuro, né... - que eu não vou ver, eu não vou estar aqui pra ver, mas eu quero muito que minhas netas, ou bisnetas vejam – que elas possam ser pessoas independentemente de serem mulheres.*

Isso trouxe a compreensão de que o caminho de mudança é comunitário, é social, é conjunto, e de que um grande obstáculo no desenvolvimento das transformações necessárias é o nosso, histórico e proposital, silenciamento e isolamento.

E esse entendimento compartilhado pela nossa participante, de que ela deseja que as mulheres possam ser pessoas independentemente de serem mulheres, e sua noção de que ela ainda não vai poder ver esse futuro de libertação feminina, como se fosse algo para fora de si apenas, e como se ser pessoa e ser mulher fosse ainda coisas “independentes”, me fez perceber que eu também pensava assim. E foi todo o percurso que me mostrou que eu não entendo mais

dessa forma. E eu quero ser essa mudança e galgar essa mudança por todos os dias de minha trajetória, pois como sempre disse minha mãe: ao saber não se pode mais alegar ignorância.

E1 (F): *Ser mãe e ser professora! Nessas duas funções centrais na sociedade, pra formar uma sociedade mais interessante, mais justa, mais igualitária de mais afeto. Então, uma mãe muito cansada, como que ela chega? Se você está assim, impaciente, cansada, exausta, com medo, com medo financeiro, com vários medos! Como que você vai estar na sua mais alta potência pra educar uma criança?*

E trago novamente esse pré-indicador que é emblemático ao meu ponto de vista e complementa o questionamento supracitado. Como estaremos na nossa força e potência de luta, enquanto estivermos cansadas e desesperançosas?

Recentemente, perto do fim dos escritos que aqui se apresentam fiz a seguinte reflexão sobre as nossas práticas de cuidados enquanto mulheres, mães e educadoras:

Precisamos ser enfermeiras e cuidadoras de crianças - tanto para tentar prevenir o ralado no joelho, quanto para noites de virose e dias de febre e tosse; precisamos também ser garçonetes, já que de acordo com essa própria pesquisa que aqui se apresenta, somos geralmente as responsáveis pela cozinha e pela gestão das refeições do dia-a-dia da família; precisamos acionar nosso lado de assistente social, em especial nós educadoras da rede pública que passamos sempre por denúncias de fome, maus tratos e abusos, e precisamos encaminhar crianças mensalmente ao conselho tutelar ou ao acompanhamento de programas assistenciais; precisamos ser administradoras do nosso trabalho formal e informal; precisamos ser artistas para dar conta do desenvolvimento de nossos filhos e estudantes; precisamos ser professoras não só em sala de aula, como também no churrasco da família e no apoio às tarefas dos filhos...

Entre tantas funções que vamos “precisando” ocupar e desenvolver de acordo com o demandar cotidiano cheguei a uma perspectiva preocupante: todas essas funções citadas, quando analisadas pela Associação Nacional de Medicina do Trabalho, preenchem as primeiras ocupações no Brasil⁵⁹ no que se refere às carreiras que mais causam depressão.

⁵⁹ Veja listas e proporções através do link: <https://www.anamt.org.br/porta/2015/11/18/as-10-carreiras-que-mais-causam-depressao/>

O sucateamento das funções tomadas como femininas, juntamente com a reflexão desenvolvida sobre divisão sexual do trabalho no capítulo de Educação e nos apontamentos da feminização do magistério, nos trazem conjuntamente a essa realidade atual analisada: as mulheres mães educadoras enfrentaram uma sobrecarga tão intensa em tempos de isolamento social, que precisamos falar sobre nós e sobre a intencional desvalorização que nosso trabalho sofre e nos impregna, até que estejamos enfraquecidas e deprimidas o suficiente para que não consigamos resistir.

Esse trabalho foi sobre isso: para mudarmos os caminhos da educação no Brasil, precisamos mudar as estruturas sociais que corrompem nossas aptidões e impedem nosso protagonismo e ação revolucionária no trabalho formal e na vida como um todo.

Precisamos voltar a entender que o público e o privado, assim como foi aglutinado pela pandemia através do isolamento, não podem ser entendidos separadamente.

Esse estudo foi sobre mães mulheres educadoras, pois não superaremos a aparência das práticas formais de ensino se não compreendermos a totalidade sob as quais tais ações estão engendradas.

7.5 Frustração, sobrecarga e desamparo: a ideologia dominante e o abandono às mães educadoras durante a pandemia

Esta análise contempla a articulação dos três núcleos desenvolvidos: Núcleo 1 – “Demandas dos filhos e relações parentais: entre a ‘ajuda’ ou a ausência paterna e as ‘funções’ maternas, antes e durante o isolamento”; Núcleo 2 - “Educadoras em isolamento: sofrimentos vividos, o abandono material das escolas públicas e a exploração desmedida das instituições privadas”; e Núcleo 3 - “A dicotomização mulher ou mãe: autopercepção, sobrecargas e ausência do lazer”.

E1 (F): *estou fazendo tudo e não estou fazendo nada direito.*

Essa fala expressa uma parcela significativa do conteúdo analisado e caracteriza um ponto de partida importantíssimo para nossa reflexão.

As significações analisadas estavam conectadas por uma grande mediação – a sobrecarga. Essa carga amplificada gerava sob diferentes perspectivas a sensação, por parte das sujeitas da pesquisa, de que nada do que faziam estava tendo bons resultados, gerando satisfação, cumprindo com suas expectativas⁶⁰.

Desse nível de frustração, aliado às incertezas do período e ao medo mediante as contingências pandêmicas, surgia com muito mais frequência um grande conhecido das mulheres mães trabalhadoras: o cansaço.

Esse cansaço passa a ser mais sentido, vivenciado com mais frequência, e de maneira exponencial, vai tomando conta dos desgastes cotidianos presentes nas relações das sujeitas com todas as esferas de sua vida: pessoais e profissionais.

Descobrimos nesse caminho reflexivo, que não só a pandemia através do isolamento social, como também as novas políticas de sucateamento e desvalorização contínua profissional na educação, foram propulsores de um regime cotidiano (entre trabalho formal e informal de cuidados) que levou as participantes a relatarem exaustão e a ausência do lazer. Essas características significadas deram indícios para que refletíssemos o trabalho dessas educadoras sob a perspectiva da alienação e da meritocracia:

Candido (2008) afirma que o lazer é historicamente uma prática social de recomposição e potenciação da força de trabalho. Identifica-se na produção teórica do lazer que se deseja, ou se busca no lazer uma prática de fruição da cultura, vivência de novos valores e de transformação social. No entanto, segundo o autor, o lazer é um fenômeno moderno que nasce com o capitalismo e, mesmo com todas as crises do capital e suas reestruturações, a sua essência se mantém intacta desde o século XIX. Segundo Mascarenhas (2005), a sociedade capitalista contemporânea é refém do mercado, e cada vez mais se encontra dividida, individualista e competitiva. Tal fato faz com que valha o princípio do mérito, isto é, o indivíduo é recompensado de acordo com sua eficiência na produção. O trabalho na sociedade capitalista, por ser considerado pelo trabalhador apenas como um meio de adquirir mercadorias, faz com que o sujeito passe a se qualificar e a procurar participar da produção realizando as ações produtivas (de mais-valia) que oferecem ora mais tempo livre, ora maior renda ou maiores possibilidades de vagas para evitar a ameaça de desemprego e, consequentemente, a falta de recursos. (BERNARDES; OLIVEIRA, 2017, p.67-68).

⁶⁰ “A desigualdade de gênero implica que mulheres tenham a responsabilidade sobre o trabalho doméstico e outras atividades também não remuneradas, produzindo acúmulo com as atividades profissionais delas e uma sobrecarga maior comparadas com os homens. Logo, as mulheres estão expostas a elevadas cargas físicas e mentais de trabalho, gerando estresse crônico e comportamentos de saúde menos saudáveis”, alerta Sheila Alvim, professora do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA e coordenadora local do ELSA-Brasil. <http://www.isc.ufba.br/sobrecarga-de-trabalho-na-pandemia-e-maior-para-as-mulheres-aponta-estudo-elsa-brasil/>

No âmbito exclusivo do trabalho formal, as contradições analisadas trouxeram similaridades, dentro das significações das sujeitas de pesquisa, no que diz respeito ao sentimento de que, por maior que tenha sido o empenho na adaptação para a nova realidade (virtual), nada do que foi desenvolvido pôde ser comparado ao experienciado nas dinâmicas presenciais.

Já as dissonâncias no mesmo âmbito se deram especialmente com relação às mediações de origens institucionais: professoras advindas da rede pública de ensino vivenciaram determinações materiais muito diferentes das trabalhadoras das redes privadas (as últimas tiveram respaldo material e subsídios extras para adaptações no novo contexto, enquanto as primeiras nem mesmo auxílio com equipamentos e internet para possibilitar o trabalho virtual foi oferecido). Aliada a essas diferenças, a falta de apoio psicológico ou adaptações para promoção de equidade entre trabalhadoras mães e não mães atingiu a todas as sujeitas da pesquisa.

Dado importante também para a constituição da totalidade social analisada foi de que as políticas liberais de desmonte das instituições públicas e sucateamento da educação como um todo, promoveram excessos nas cobranças e tempo disponibilizado para o trabalho nas instituições privadas, além de amplificar as desigualdades sociais transformando as escolas públicas e seus profissionais em uma grande base assistencialista, gerando assim conflitos para as sujeitas da pesquisa que relacionaram a conjuntura a uma “possível perda de sentido e de autonomia” no exercício de sua profissão.

A maternidade, neste sentido, foi entendida nessa pesquisa como mediação e fenômeno, já que o seu desempenho por parte das educadoras no período e as variantes que ela desenvolveu/desenvolve na composição de sobrecargas (em especial para o trabalho não remunerado do cotidiano doméstico).

Quando colocamos em foco a questão do desempenho formal de trabalho, a maternidade cumpre seu papel de mediadora em diversos momentos: a título de exemplificação, uma educadora que é mãe tem demandas relacionadas aos cuidados com os filhos que mudam a configuração e a rotina do desenvolvimento do seu trabalho em *home office* - interrupções contínuas por demandas escolares, de higiene, alimentação ou de afetividade e presença são apenas as pontas do *iceberg* que abarca a complexidade do papel da mãe dentro do ambiente íntimo doméstico.

E1 (F): *Então, eu acho que é uma realidade dura pra todos, mas pelo menos eles [os adultos sem filhos] conseguem se desligar e ver um filminho, tomar um vinho depois, sabe? Uma cervejinha ou um suco, ou, “ai, hoje eu não vou fazer nada”. A gente sabe que, enquanto mãe, isso não existe mais então. É, não temos mesmo tempo do descanso.*

E essa complexidade é tomada em sua totalidade como fenômeno, especialmente pela maternidade, em nosso contexto social, ter peculiaridades próprias, materiais, definidas pelo nosso modo de produzir.

Com relação à divisão sexual do trabalho, pudemos constatar nas significações das mulheres casadas que por mais que houvesse o compartilhamento de tarefas domésticas e cuidados com os filhos durante o período refletido, essas divisões eram feitas mediante as alcunhas de “ajuda” e “organização natural”, onde a falta de estruturação de quem é responsável por qual domínio e em qual período, disfarçava uma divisão desigual onde a mãe era de maneira velada entendida pela família como a responsável pelas atribuições não remuneradas dos cuidados com os filhos e com a casa.

Outro aspecto muito relevante é o de que todas as atividades de cunho doméstico e íntimo relacionadas à reprodução da vida ainda hoje não são entendidas como trabalho, ou pelo menos não um trabalho que tenha relevância para remuneração adequada e divisão equiparada quando pensamos nas atribuições de atividades empregadas pelos diferentes gêneros – homem e mulher – já que este trabalho se pautou em referências heteronormativas familiares.

No mesmo percurso interpretativo, a pandemia aparece então enquanto catalisadora das opressões e sobrecargas e dos desvelamentos da humanidade materna, já que a supressão das terceirizações dos cuidados com os filhos e até mesmo domésticos é retirada da realidade cotidiana das sujeitas entrevistadas.

E, para justificar essa exploração imposta todos os dias pela forma social capitalista, desponta a ideologia neoliberal, trabalhando na manutenção e preservação de um *status quo* de continuada e acirrada opressão.

No aprofundamento do conceito de ideologia, bem como em suas implicações, é inegável o ato de que a mesma cria valores culturais assimilados sem grande dificuldade pela sociedade. Shields (1968) reitera que por serem fechadas, explícitas e inflexíveis a qualquer tipo de inovação, implantam-se de maneira dócil e cativante, a fim de garantir o empenho total de seus adeptos. Pois, segundo Chauí (2016), a ideologia empenha-se na tarefa de ditar o comportamento humano generalizando-o a tais parâmetros, que acaba por normalizá-los e torná-los habituais. Inerte a um panorama de

domínio do anacronismo da semiformação, a educação - baluarte das expressões culturais - é transpassada por interesses que retiram a essência filosófica na teoria do conhecimento, reduzindo-a a uma simples visão dogmática que segundo Hessen (2003), retrata a concepção epistemológica primitiva, sendo, portanto, um parecer ingênuo e incompleto do mundo, por retratar um pensar ausente de espanto e provocação para admirar e problematizar o mundo e os homens, instrumentalizando a razão para o alcance de determinado fim, calculando utilidades e resultados. (GOUVEIA; SANTOS, 2016, p.3).

Retomamos nesse ponto a seguinte afirmativa: enquanto a divisão sexual do trabalho for naturalizada e houver definições tão bem arquitetadas entre homens e mulheres, estaremos somando forças aos retrocessos que tanto tem assolado nossa sociedade, especialmente quando caímos na armadilha contraditória de nos entendermos como “exceção” ao fluxo normativo – seja por nos considerarmos feministas, educadoras esclarecidas, de posicionamento progressista ou qualquer outra nomenclatura que nos aliene da realidade concreta da continuidade da desigualdade e opressão a que estamos submetidas.

Ou seja, todos os núcleos de significação, mesmo com as especificidades de cada temática evidenciada, têm como pano de fundo e mediação essencial uma sociedade capitalista patriarcal que está alicerçada na exploração, na desvalorização e mercantilização do trabalho feminino (formal e informal) e da educação. Esse é um dos subsídios mais precisos na reflexão sobre a escassez de elementos presentes nas significações acerca do trabalho educativo executado em isolamento.

As educadoras foram submetidas a jornadas intensas e mais complexas do que as dinâmicas anteriores ao trabalho remoto, tendo que se adaptar não só a aprender as novas ferramentas e recursos tecnológicos, mas também a dar conta de uma experiência de junção entre ambientes privados e públicos, que veio para contribuir mais com o acirramento das desigualdades sociais e da exploração trabalhista do que para de fato dar continuidade a um processo educativo.

O fato é que a ideologia, a fim de garantir seu sustento, aposta na padronização dos parâmetros do pensamento social. Mesmo que sua teoria se aproxime de ideais beneméritos, a tentativa de confluir seus esforços na congeneridade das visões sobre o mundo, eliminando a crítica e a especulação filosófica, torna-a um instrumento perverso de alienação ao não aceitar valores fundamentais na emancipação dos sujeitos. (GOUVEIA; SANTOS, 2016, p.4).

As propostas e diretrizes educacionais durante o período de isolamento – e anterior a ele também – foram alicerçadas sob este prisma ideológico populista e esvaziado. Como citado anteriormente a título de exemplo, as orientações para creches traziam a seguinte informação: “que os gestores busquem uma aproximação virtual dos professores com as famílias, de modo a estreitar vínculos e fazer sugestões de atividades às crianças e aos pais e responsáveis”, e de maneira contraditória, o que vimos através das significações da docente que atuava nessa fase foi o completo abandono das famílias e do Estado (já que não subsidiaram ações para eu esse vínculo nas condições pandêmicas pudesse ocorrer) sobre essa “possível relação virtual entre família e escolas de ensino Infantil”.

E3 (V): *Eu amo muito ser professora, gosto mesmo... foi um desafio enorme esse trabalho à distância, principalmente pra Educação Infantil, porque a Educação Infantil, hoje, depende dos pais pra esse acesso, né? E eu vou ser bem sincera, eu não tive nenhum acesso dos meus pais. [...] depois do telefonema – telefonemas que foram feitos sem o subsídio de verbas e materiais públicos, pelos telefones privados das educadoras que se disponibilizaram a essa “força tarefa” - que eu orientei os pais e que mesmo com a orientação, eles não deram retorno, deu uma desanimada. Já passou essa ansiedade.*

De maneira descolada da realidade foram fomentando juntamente com as mídias sociais uma proposta com significado extremamente pejorativo, e envolvida nas falácias meritocráticas, construíram um discurso que auxiliou na visão generalista de que os professores e professoras eram vagabundos e não queriam trabalhar, ao passo que hipervalorizavam as migalhas doadas pelos setores privados, que pouco faziam pela real situação de caos e miséria brasileira⁶¹.

E3 (V): *principalmente agora, com tudo retomando, e as escolas não retomam, eu já escutei: “Por que as escolas não podem retomar? Por que vocês professores não querem voltar?” - e não é questão da gente não querer voltar, eu acho que tudo que a gente mais quer é voltar ao nosso normal, né?*

E2 (M): *Mas eu falo desse professor apaixonado pelo que ele faz. Que escolheu a profissão... Esse, sim, tá buscando alguma coisa assim, diferente... e ele vê o quanto: “nossa, o quanto eu fiz por esse país, e o quanto não querem mais que eu faça por ele”.*

⁶¹ É possível verificar o “varal de solidariedade” através do endereço eletrônico: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/doacoes/>

O atual governo brasileiro vem fazendo uso e amplificando uma grande frente ideológica que traz em seu germe a força do neoliberalismo e do neoconservadorismo. Essa frente que se ancora também no uso da instrumentalização política da família como bem explica Quintela (2020), representa a força material dessa ideologia imbricada aos valores morais cristãos da bancada evangélica que cresce a passos largos no Brasil.

A valorização dos setores privados e do neoliberalismo econômico como base de proposta e atuação do atual presidente, juntamente com a “relativização” da Ciência e a defesa da família e da heteronormatividade, vem constituindo uma série de retrocessos ao cenário nacional Brasileiro, onde a lógica produtivista e positivista ganha coro contra as instituições públicas e seus servidores, em detrimento de um discurso que hipervaloriza as privatizações e a perda de direitos trabalhistas sob a “égide do progresso”.

Para nós aqui, em especial as escolas públicas que atendem a classe trabalhadora, vem sofrendo não só com o agravamento do sucateamento das condições materiais para o desenvolvimento de seu trabalho durante o isolamento, como também a classe de educadoras e educadores vem sofrendo ataques durante toda a pandemia por parte da população que, estando afinada com os discursos neoliberais, e sendo usadas como massa de manobra de uma liderança hostil e nefasta, tomam educadores e representantes da educação como vagabundos, gerando uma série de violências simbólicas e desgastes que incidem imediatamente sobre a saúde mental dos trabalhadores da educação.

Esses discursos foram amplamente utilizados no requerimento dos retornos presenciais por parte das instituições de ensino nacionais, em fase que era sabido do risco que a falta de condições materiais das escolas públicas traria no sentido das contaminações em cadeia pelo vírus e o aumento do número de mortes por Covid-19 nas camadas populares mais pobres⁶².

⁶² Veja algumas notícias que explicam com mais elementos essa questão: “Além de quase triplicar os casos da doença entre alunos, professores e demais funcionários em menos de três meses, a estratégia testada resultou em um aumento de 52% nos casos de Covid-19 fora do ambiente escolar, graças ao contágio cruzado propiciado pelos contatos escolares.” <https://polis.org.br/estudos/covid-e-educacao/> ; <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/rodrigo-ratier/2021/04/26/criticar-professor-e-a-nova-cortina-de-fumaca-do-governo.htm> ; <https://www.cut.org.br/noticias/aumento-de-mortes-e-casos-de-covid-acende-alerta-sobre-seguranca-na-volta-as-au-409c>

Durante esse processo ocorreu a mais longa greve da educação na história⁶³, o que teve uma significativa invisibilização por parte das mídias por interesses econômicos e políticos. A greve como reação e sintoma, de uma classe ainda resistente aos desígnios de uma representação política inescrupulosa, também serviu para ampliar essa imagem criada de que as educadoras e educadores são “vagabundas e vagabundos” que não querem trabalhar.

A luta rechaçada dos educadores pela vida e pela valorização do conhecimento científico em meio a uma pandemia de grandes proporções, aliada a múltiplos fatores que geram com razão o desinteresse de crianças e adolescentes ao processo de ensino e aprendizagem tal como vem sendo estabelecido, vão construindo mutuamente uma escola pública amortizada e disfuncional, onde o maior resultado é visto pelos altos índices de evasão escolar e de analfabetismo funcional entre os filhos e filhas da classe trabalhadora⁶⁴.

Esse abandono mútuo, do Estado para com seus servidores, profissionais da Educação e comunidades carentes e das crianças e jovens para a educação, promovem/promoverão uma camada populacional privada dos conhecimentos mínimos para sua atuação consciente em sociedade, gerando assim uma grande massa de manobra que suprirá exércitos de reserva, aumentando assim o processo de desigualdade social e de retrocessos nas políticas básicas de subsídios para o desenvolvimento digno da maior parte dos brasileiros e brasileiras.

A tentativa de persuasão e opressão social originadas do desenvolvimento tecnológico industrial rouba toda e qualquer oportunidade de criatividade emancipatória ao ocupar deliberadamente os espaços institucionais de Educação, através do livre financiamento de grande parte das cátedras, reduzindo o espaço crítico a exceções de pesquisadores cada vez mais escassos, que ao persistirem por uma relação dialética que desconstrua a mimetização semiformal, sofrem grande rejeição não somente de setores

⁶³ Saiba mais em <https://campanha.org.br/analises/cecilia-mombelli/greve-pela-vida-volta-aulas-presenciais-somente-com-seguranca-para-alunos-familias-e-docentes/> ; <https://expressoperiferico.org/nota-sobre-a-greve-pela-vida-dos-profissionais-da-educacao-do-municipio-de-sao-paulo/>; <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/06/07/sp-greve-de-professores-e-suspensa.htm> - Participei de todo movimento de greve, atuando junto aos colegas e às comunidades, participando de debates virtuais e até falas em rádios comunitárias. Nosso esforço em dizer não à imposição do retorno prematuro nos rendeu tempo e proteção conjunta para a vacinação obrigatória que pode proporcionar mais segurança para a comunidade como um todo. Foi a greve mais longa da Educação no Brasil, e teve um largo apagamento e subnotificação pelas mídias e meios de comunicação.

⁶⁴ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unecef/> ; “Analfabetismo funcional atinge 29% da população brasileira”: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/prefeitura-municipal-de-jaragu-do-sul/viver-jaragua/noticia/2021/11/12/analfabetismo-funcional-atinge-29percent-da-populacao-brasileira.ghtml>

da comunidade acadêmica, mas também o preconceito das parcelas sociais massificadas. (...) A linguagem do conhecimento é alterada para aquela que mais se aproxima aos interesses do capital privado, prejudicando a fomentação da crítica e do pensamento heterodoxo nas metodologias pedagógicas, substituindo-as pelo simples racionalismo positivista - entusiasta aos burgueses - ao sacralizar a industrialização e o progresso capitalista pela técnica e pela ciência. Os inúmeros programas e políticas educacionais implantadas no Brasil reforçam o paradigma. (GOUVEIA; SANTOS, 2016, p.7)

Quando Gouveia e Santos (2016) falam sobre a sacralização da industrialização e do progresso capitalista, podemos compreender que a ideologia dominante se apega a essa falácia de que o desenvolvimento tem seu preço, e de que temos que estar dispostos, enquanto classe trabalhadora, a fazer concessões em prol de “algo maior”.

Quando diminuimos o acesso para uma educação que fomente a construção da consciência crítica que possa desenvolver a intelectualidade das e dos estudantes de maneira ampla, diminuimos automaticamente a possibilidade de mudanças na estratificação social. As lacunas entre ricos e pobres vão se amplificando e o tempo e a força de trabalho acaba sendo a única maneira de sobreviver em uma sociedade amplamente desigual, que se estabelece cada vez mais como um berço do tradicionalismo e da ignorância.

Duas questões centrais dentro desse trabalho de pesquisa estão intimamente ligadas a esse processo ideológico de “sacralização da industrialização e do progresso capitalista”, que já está ocorrendo a passos largos na atualidade, e que reflete os retrocessos amplos na conquista de direitos mínimos para a dignidade e saúde da trabalhadora: a falta de amparo psicológico e de políticas mínimas de diferenciação para prazos de entrega ou de elaboração de conteúdos e efetivação dos encontros on-line para profissionais mães e a naturalização do trabalho doméstico e não remunerado como uma atribuição feminina e materna.

Somada a estas questões, a precarização do trabalho docente e o desrespeito às horas de trabalho, o aumento do exército de reserva da Educação, com a grande massa de demissões já citadas no Núcleo 3, nos situa no momento em que a totalidade aparece com toda a sua potência constitutiva das relações sociais e especialmente de trabalho: a ideologia de mãos dadas com a alienação e políticas de desmonte repercutem imediata e constantemente no processamento das significações analisadas.

As mulheres sem qualidades e as santas mãezinhas, esse ideário de colonização pela dicotomização percebido por Del Priore (1990) em seu estudo historiográfico, se somam à atualidade do produtivismo imposto às educadoras analisadas, e especialmente ao silenciamento do fato de que todo o trabalho feminino (educativo, formal, informal, doméstico e de reprodução humana) gera mais valia e é prerrogativa básica para a continuidade do sistema capitalista e seus projetos privatizantes e aniquiladores da nossa humanidade.

E para encerrar os escritos dessa pesquisa e a partir dela dar continuidade a uma trajetória de luta pela revolução dessa sociedade e pela transformação desses sistemas que tanto nos oprimem e violentam, deixo a minha indagação retomada do núcleo 3 e reajustada para esse momento:

E nós, enquanto mulheres educadoras, que atuamos integralmente no ambiente interno familiar com nossa prole e as demandas materiais dos cuidados com a casa, e no ambiente externo no regime de trabalho formal educativo, não temos, unidas, um papel de fundamental relevância nas reproduções sociais?

E tendo essa relevância, que pode servir, tanto à ideologia repressora e a serviço do Capital (como já tem servido), quanto ao germe revolucionário que galgaria a libertação não só às mulheres como a todos os sistemas de minorias excluídos e oprimidos na lógica burguesa, não somos então a linha de frente que deve se ocupar de garantir caminhos para nossa própria liberdade e justiça?

A Educação não é o único caminho, e nem só de mulheres mães se faz uma revolução. Mas se o contrário dela – da revolução – se baseia na opressão das mulheres, no racismo e no desmonte da educação crítica, por qual outra via iniciariíamos então?

Em nenhuma revolução o “justo meio” pode ser mantido, pois sua lei natural exige decisões rápidas: ou a locomotiva subirá a encosta histórica a todo vapor até o cume, ou, arrastada pelo próprio peso, voltará à planície de onde partiu, arrastando consigo para o abismo os que, sem esperança de salvação, com suas fracas forças, queriam detê-la no meio do caminho. (LUXEMBURGO, 1918 *apud* SCHÜTRUMPF, 2006, p. 94-95).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACANDA, J. L. **CAPÍTULO I - O papel ativo dos sujeitos: trabalho e alienação no capitalismo.** pp. 23-44 In: BERNARDES, M. E. M.; ARIAS BEATÓN, G. (org.). Trabalho, Educação e Lazer. Contribuições do Enfoque Histórico-Cultural para o desenvolvimento humano. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017b. p. 143-214.

AGUIAR, W. M. J; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. **Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações.** Cadernos de Pesquisa v.45 n.155 p.56-75 jan./mar. 2015.

AGUIAR, W. M. J. e OZELLA, S. **Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. Psicologia: ciência e profissão [online].** 2006, v. 26, n. 2 [Acessado 28 Março 2022] , pp. 222-245. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>>. Epub 16 Ago 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>.

AGUIAR, W. M. J.; MACHADO, V. C.. **Psicologia sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente.** Estudos de Psicologia, v. 22, n. 2, p. 261 – 270, abr./jun., Campinas, 2016.

AGUIAR, W. M. J.; ARANHA, E. M. G.; PENTEADO, M. E. L. **As contribuições da psicologia sócio-histórica para a compreensão da escola e dos processos de formação de educadores.** In: RONCA, A. C. C.; ALMEIDA, L. R. (orgs.) 50 anos de produção em Psicologia da Educação: Relatos de pesquisa, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

ANTUNES, M. A. M. **A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. Psicologia: Ciência e Profissão [online].** 2012, v. 32, n. spe [Acessado 11 fevereiro 2021], pp. 44-65. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>>. Epub 08 Nov 2012. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000500005>.

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe.** Tradução de Véra Lucia Reis. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

BERNARDES, M. E. M.; OLIVEIRA, S. M. Capítulo II - **O trabalho e o lazer como unidade dialética no processo de humanização.** p.45-84 In: BERNARDES, M. E. M.; ARIAS BEATÓN, G. (org.). Trabalho, Educação e Lazer. Contribuições do Enfoque Histórico-Cultural para o desenvolvimento humano. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017b. p. 143-214.

BOCK, A. M. B. **A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual.** Psicologia America. Latina [online]. fev. 2004, no.1 Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1870-350X)

BOCK, A. M. B. **A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.** In: GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.) Psicologia sócio-histórica (uma perspectiva crítica em psicologia), 2ª ed. revisada, São Paulo: Cortez, 2002.

BRUSCHINI, M. C. A. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos.** Cadernos de Pesquisa [online]. 2007, v. 37, n. 132 [Acessado 28 Março 2022] , pp. 537-572. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>>. Epub 13 Dez 2007. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300003>.

CANGIANI FABBRO, M. R.; MONTES HELOANI, J. R. **Mulher, maternidade e trabalho acadêmico.** Invest. educ. enferm, Medellín , v. 28, n. 2, p. 176-186, July 2010 . Available from <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072010000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 28 Mar. 2022.

COSTA, N. M. e DIEGUEZ, P. **Feminismo em revista: a União Universitária Feminina nas páginas do periódico Jornal das Moças (década de 1950).** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros [online]. 2021, n. 79 [Acessado 28 Março 2022] , pp. 69-86. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i79p69-86>>. Epub 06 Set 2021. ISSN 2316-901X. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v1i79p69-86>.

CRUZ, M. H. S. E DIAS, A. F. **Antifeminismo**, REVISTA DE ESTUDOS DE CULTURA | Nº 01 | Jan.Abr./2015, Sergipe.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades, e mentalidades no Brasil colônia.** 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

DUARTE, M. CAPÍTULO 10 - **O impacto da covid-19 na violência nas relações de intimidade: pistas para reflexão**; Carmo, Renato Miguel do; Inês Tavares; e Ana Filipa Cândido (orgs.) (2020), Um Olhar Sociológico sobre a Crise Covid-19 em Livro, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-Iscte. Consultar aqui: <https://www.observatoriodasdesigualdades.com/2020/11/29/umolharsociologicosobreacovid19emlivro/>

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017. I Tomo: Migraciones. Ciudad de México: Palabra de Clío, 2017.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, gênero e feminismo** (v.1). Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** São Paulo: Elefante, 2018.

FERREIRA, L. O. et al. **Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969).** Hist. cienc. saúde-Manguinhos, 2008, vol.15 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000500003>

GOLDEBERG, A. Tudo começou antes de 1975: ideias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”. In: **Relações Sociais de Gênero versus Relações Sociais de Sexo.** Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero, USP, 1989.

GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO. O. **A perspectiva sócio-histórica: uma possibilidade crítica para a Psicologia e para a Educação.** In: AGUIAR, W. M. J.; BOCK, 284 A. M. B. (orgs.) A dimensão subjetiva do processo educacional: uma leitura sociohistórica, São Paulo: Cortez, 2016.

GONÇALVES, M. G. M. **Dimensão subjetiva da realidade – desafios na compreensão dos fundamentos teórico-metodológicos.** In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. G.; ROSA, E. Z. (orgs.). *Dimensão Subjetiva: Uma proposta para uma leitura crítica em psicologia*, São Paulo: Cortez, 2020.

GONDIM, S. e BORGES, L. O. **Significados e sentidos do trabalho do home-office: desafios para a regulação emocional;** Orientações técnicas para o trabalho de psicólogas e psicólogos no contexto da crise COVID-19, 2020.

GOUVEIA, P.N.; SANTOS, F. C. P. **A ideologia na educação e didática Brasileira: uma pedra no caminho para uma práxis libertadora,** IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais - Porto Alegre, 2016.

KOLONTAI, A. **A nova mulher e a moral sexual,** 2ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KULNIG, R. de C. M. **A dimensão subjetiva da desigualdade social no processo de escolarização das elites: um estudo sobre práticas escolares no Ensino Médio.** 2019. 236 f. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

LIBÂNEO, J. C. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.** Educação e Pesquisa [online]. 2012, v. 38, n. 1 [Acessado 12 Março 2021] , pp. 13-28. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022011005000001>>. Epub 21 Out 2011. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011005000001>.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.) **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** (3ª. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARX, K. (1999). **Para a crítica da economia política.** São Paulo: Nova Cultural, 1857/1999.

MENEGASSI, R. J. – Org. **Leitura e Ensino.** Maringá, EDVEM, 2005.

MENEZES, R. de S. et al . **Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos.** Constr. psicopedag., São Paulo , v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 mar. 2022.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. **Dialética Singular-Particular-Universal: implicações do método materialista dialético para a Psicologia.** Psicologia & Sociedade [online]. 2015, v. 27, n. 2 [Acessado 11 Outubro 2021] , pp. 362-371. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>>. Epub May-Aug 2015. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n2p362>.

PILATTI, L. A. **Tempo e capitalismo: elementos estruturais do esporte moderno.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 12 - N° 109 - Junio de 2007

QUINTELA, D. F. **A direita bolsonarista: neoliberalismo, neoconservadorismo e a instrumentalização política da "família".** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 44., 2020, São Paulo. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2020. p. 1-25.

RIFIOTIS, T. **Nos campos da violência: diferença e positividade**. Antropologia em Primeira Mão (19), Florianópolis, PPAS/UFSC 1997, pp.1-19.

SAFFIOTI, H. I. B. **Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres**. Série Estudos e Ensaio/Ciências Sociais/FLACSO, Brasil, jun. 2009.

SANTOS, C. M. P. G. dos. **Teletrabalho e direito à desconexão**. Revista Jus Navigandi, ISSN 1518-4862, Teresina, ano 25, n. 6357, 26 nov. 2020. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/87103>. Acesso em: 28 mar. 2022.

SAVIANI, D. **História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário**, EccoS Revista Científica, vol. 10, julho, 2008, pp. 147-167 Universidade Nove de Julho São Paulo, Brasil

SCAVONE, L. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Unesp; 2004.

SCHÜTRUMPF, J. (Org.) **Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Rosa Luxemburg. Análise Social e Formação Política, 2006.

SZYMANSKI, H. (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília Plano Editora, 2002.

SILVA, E. F. **Metodologia feminista e direitos reprodutivos no Centro de Saúde Santa Rosa**, Niterói (RJ). Saúde em Debate [online]. 2015, v. 39, n. 106 [Acessado 28 Março 2022], pp. 893-903. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201510600030027>>. Epub Jul-Sep 2015. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201510600030027>.

SILVEIRA, P. T. **Lembrar e esquecer na internet: memória, mídias digitais e a temporalidade do perdão na esfera pública contemporânea**. Varia Historia [online]. 2021, v. 37, n. 73 [Acessado 28 Março 2022] , pp. 287-321. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-87752021000100010>>. Epub 26 Feb 2021. ISSN 1982-4343. <https://doi.org/10.1590/0104-87752021000100010>.

SIRGADO, A.P. **O social e o cultural na obra de Vigotski**. Educação & Sociedade, ano XXI, n.71, p. 45-78, jul., 2000

SOBRAL, C. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Dulcina, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade [online]. 2000, v. 21, n. 71 [Acessado 28 Março 2022] , pp. 21-44. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>>. Epub 24 Nov 2000. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e Método em psicologia**. Tradução: Cláudia Berliner. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas: Vol. 3. Problemas del desarrollo de la psique.** Madrid, España: Visor. 1995

VILLAZÓN, J. C. **Velhas e novas direitas religiosas na América Latina: os evangélicos como fator político.** In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (org.). *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro.* São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

YANNOULAS, S. C. **Feminization or feminilization? Notes on a category.** Revista Temporalis. Brasília (DF), ano 2011, n 22, p 271 – 292, jul./dez. 2011.

YANNOULAS, S. C. **Trabalhadoras: Análise da feminização das profissões e ocupações.** ed. Abaré, Brasília. 2013.

APÊNDICE A: Exemplo de relato real enviado para as participantes da pesquisa

Sobre ocupação dos espaços e moradores: Como pode se ver nas fotos, resido eu e Javier em um sobrado espaçoso com dois quartos, 2 banheiros, sala, cozinha e área de serviço coberta em um pequeno quintal de 2m por 3m. Por termos o auxílio da minha mãe no cotidiano, ela também acaba estando bem presente na rotina semanal. Fizemos um isolamento bem restrito durante o período de teletrabalho, saindo raras vezes para ir ao mercado e à farmácia, além de visitas pontuais para acompanhamento médico.

Momentos do banho quase sempre compartilhados entre mim e ele, pois geralmente nesse momento estávamos sozinhos, o que fazia do banho relaxante uma memória longínqua.

A casa foi explorada de muitas formas, e sua brincadeira favorita era nos dias de sol montar a piscininha no quintal com brinquedos e bolinhas.

Sempre deixei ele livre nos espaços da casa, comigo ou com minha mãe supervisionando, o que pode ter gerado mais trabalho para ambas, mas ao mesmo tempo mais autonomia e mais saúde mental pra ele.

Lembro-me quando eu precisava olhar o céu e saía bem cedo de carrinho com ele, quando não tinha ainda movimento nas ruas, para dar umas voltas rápidas pelo bairro: meus olhos doíam na luminosidade externa, até comprei óculos de sol para nós dois por essa experiência. (Ficávamos dias, às vezes mais de mês sem sair do espaço interno da casa).

Com relação ao trabalho e estudo: a maior parte do desenvolvimento de minhas aulas, preparações e postagens ocorriam na escrivaninha de meu quarto, onde também é o quarto do Javier. Mesmo com o auxílio de minha mãe, o neném queria mamar e muitas vezes só estar em meu colo, chorando muito caso seu desejo não fosse atendido. Por vezes era necessário fazer leituras, responder dúvidas de aluno, ou e-mails pelo celular na hora de dormir, deitada na cama, enquanto amamentava o Javi “por ser um momento mais silencioso”.

Muitas vezes durante aulas remotas, tanto do mestrado enquanto aluna, como da prefeitura enquanto professora, tive que compartilhar o protagonismo da tela com o Javier, por vezes desenhando no meu colo, mamando, ou interagindo com as pessoas. Não foram poucas vezes em que chorei, pois essa falta de divisão

dos ambientes (doméstico/ profissional/ de estudo/ lazer) fazia com que eu me sentisse trabalhando no navio novamente – tive uma experiência de trabalho como camareira em navios de Cruzeiros na Europa - (sempre cansada, sentindo que trabalhava 24 horas, sem ver a dinâmica externa e a luz natural por dias a fio).

Dinâmica doméstica: As refeições eram em sua maior parte na mesa da cozinha, contei arduamente com minha mãe no preparo da maioria dos almoços, e compras de mercado, mas os cafés da manhã e os jantares eram minha atribuição. A dinâmica do trabalho doméstico ficava em sua maior parte por minha conta, mas também contei com minha mãe que corria em meu auxílio quando a situação ficava caótica (não foram poucas vezes, afinal mestrado, trabalho formal e filho pequeno na maternidade solo são dinâmicas muito intensas).

Comentários extras: Fico feliz de ter podido contar com a rede de apoio mais fenomenal que eu poderia ter - minha mãe. Quando o isolamento começou, eu tinha poucos meses da minha separação, tive que lidar com perdas financeiras e de várias outras ordens promovidas pelo meu ex. companheiro que não exerceu em nenhum momento seu papel de pai após a separação. Além de ter que sustentar o Javier praticamente sozinha, ainda tive que dar conta de várias dívidas, o que me levou a revender peças íntimas como recurso emergencial para cobrir os rombos deixados, ação que impactou meus estudos, mas que me salvou financeiramente, como sempre, amparada pela minha mãe.

A ela devo muita de minhas conquistas do período, e a superação de tantos medos e exaustão. Sinto que muitas mães que têm seus companheiros, não tem o privilégio da divisão verdadeira das funções domésticas e de cuidados com os filhos como eu estive podendo contar com ela. Sou muito grata também pelo Javier ter muita saúde e ser uma criança que sempre comeu muito bem e dormiu muito bem, tornando essa experiência possível também. Profissionalmente contei com uma gestão muito competente no ano de 2020, sensível e colaborativa que entendia o momento vivido, e com colegas de trabalho e amigos íntimos que se fizeram presentes de muitas formas.

Em resumo, a pandemia deixou memórias inesquecíveis, dores com certeza, mas muitas superações e conquistas também. E nosso lar foi o espaço que nos acolheu, nos protegeu e nos permitiu chegar vivos até o dia de hoje.

APÊNDICE B: Tabela de Pré-Indicadores e Indicadores – completa, por cores

Pré-indicadores E1 (F)	Indicadores
Então eu tinha essas questões, eu ainda achava um pouco estúpida as mulheres que se tornavam mães, ou desejavam isso né. E foi revolucionário pra mim, pra minha perspectiva como eu sou machista, como era machista, e como o patriarcado ficou muito mais em cima de mim quando eu me tornei mãe né, porque aí eu senti na pele as maiores dificuldades mesmo.	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i>
É eu brinco que a palavra da maternidade é contradição, é capacidade de existir sentimentos extremamente contraditórios, então é amor e medo, culpa e satisfação, então tudo vai junto né, e aprendi a viver com isso sem dor ou tentar viver sem dor né?	<i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i>
É essa dupla violência do patriarcado, vou chamar assim, que foi me tornar mãe com, com uma pessoa ali que que não cumpriu com a sua responsabilidade, e aí mãe solo né? Então essa foi a minha maior dificuldade mas, é ao mesmo tempo muito bom poder criar minha filha longe de quem não quer, não ia cumprir comigo esse papel. Mas tem o seu peso né?	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i>
É o começo foi difícil, eu fiquei sozinha só eu e a L no apartamento, então preparava aula nas madrugadas, porque ela exigia minha atenção. Realmente é uma criança que não	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe

tinha nem três anos, né quando começou a pandemia e ela queria a mãe dela ali, e foi muito difícil cuidar da casa da L e trabalho sozinha.	<i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> <i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
(sobre a mudança de ambiente durante o isolamento- do apartamento pequeno para a chácara dos pais) A partir daí as coisas melhoraram, em especial pra L., porque mais gente pra dividir os cuidados comigo e dividir as tarefas domésticas, e também a L. ficou com espaço né, um privilégio de ter uma chácara com piscina é, quatro cachorros, horta, mato, natureza... Então assim, foi pra L hum, maravilhoso.	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i>
As questões emocionais também, eu tenho trabalhado, busquei terapia agora também, porque não é fácil né? Muitas coisas pra lidar, mas durante a pandemia eu me senti assim, vieram muitas questões né em especiais as emocionais, e também a L regrediu bastante, porque depois a gente vai, a gente entende né? Então a L é uma	<i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i>

criança bem autônoma, quer saber um pouco, e aí de repente: “mamãe, quero que você me vista, e me dê banho, são algumas coisas que já tinha é enfim, já, já fazia sozinha”.	
Eu tô fazendo tudo, nunca trabalhei tanto, mas nada está indo bem. O trabalho não está indo bem. Não estou conseguindo atingir o meu potencial, a casa tá uma zona e minha filha num, num está sendo bem cuidada por mim, então era um sentimento de muita tristeza e incapacidade, né?	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores.
E a criança é assim: “eu vou eu vou precisar comer, então minha mãe vai precisar parar pra me dar comida, vai precisar parar pra me levar ao banheiro.” Então são exigências como sinais pra mãe ficar mais presente, porque era isso, eu estava lá, mas não estava... (é trabalhando, é fazendo), então muitas vezes o sentimento foi: “estou fazendo tudo e não estou fazendo nada direito” esse maior sentimento que eu tive durante a pandemia	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores

(sobre a escolha profissional) Então eu tenho, eu sei que é minha vocação, então isso me dá muita tranquilidade. Eu sei disso por conta do feedback dos alunos e o meu, como eu me sinto no final de uma aula. (ininteligível) esses cheiros, esses sotaques, essas falas, essas trocas em sala de aula humanas, foi arrancado da gente e foi bem triste...	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
]Foi a primeira vez que eu pensei em desistir, porque eu não sei muito bem lidar com tecnologia, tem uma crítica assim muito assídua a isso, mas acho que acabei me adaptando (não quero isso pra mim! Risos. não vejo sentido nisso pra educação) mas acho que me enganei nessa ideia de que meu, é o que a gente tem pra hoje, tentar fazer da melhor maneira possível.	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
E foi muito, uma virada muito incrível pra mim. Eu acho que eu me tornei uma professora ainda melhor. Eu acho que esse lance maternal ele não tem nada a, a, a (Claro, né? Pensando numa, numa maternidade ali acolhedora, amorosa, enfim, que enxerga o potencial do outro) só contribuiu. Então eu hoje eu sei que eu sou uma melhor professora do que eu do que eu era antes de ser mãe.	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? <i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i>
Mas não eu, eu, eu também me acolhi nesse lugar de maternal, que é o meu lugar que é o lugar que eu danço bem, que eu me sinto bem, que me faz feliz e que faz meus alunos também entenderem melhor o conteúdo.	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A maternidade solo: as questões e a

00:23:58,250 --> 00:24:03,700 Então, é, eu me tornei, eu, eu acho que otimizei melhor o tempo. Pode ser pelas dificuldades? Pode! acho que, que inclusive é por conta disso. A gente não quer mais perder tempo com o que não vale a pena então assim, eu otimizó muito o meu tempo pra coisas, muito, muito que me fazem bem e fazem bem pra minha filha e pros meus alunos.	especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i> Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
Isso foi arrancado (falando sobre a tranquilidade da rotina com os horários das aulas e a L. em uma escolinha), quando mistura o ambiente público/privado vira uma zona! Então, foi muito difícil pra mim no começo porque fechar a porta da sala de aula significa pra mim minha completa autonomia. Então eu sei que minha filha está aos cuidados de pessoas que a amam, que vão atender todas as necessidades dela	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
Então foi muito triste essa primeira, falta de foco né? É porque, não tinha como né. L estava ali, a casa, o barulho, meus alunos	<i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i>

também (essa conexão virtual, ela não é uma conexão real). Então essa, o primeiro impacto foi isso, essa mistura da vida pública com a vida privada,(...)	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
Segundo: exaustão. É muito cansativo ficar em frente das telas, eu meio que fiz um cálculo assim: eu trabalho umas seis vezes na semana virtualmente com os alunos, e rendeu um terço do que ele aprenderia numa aula presencial. Então esse cálculo é muito doloroso né?	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
Eu falei nossa, eu tô trabalhando muito mais, muito mais pra saber que seu aluno não está aprendendo muito mais, então é muito pelo contrário, está aprendendo bem menos. Então isso foi muito doloroso porque perde o sentido (ininteligível) da aprendizagem, é, eu tive que ir me adequando, me reinventando, mudando o meu estilo,	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores.
Não, não consigo. Acho que eu sou mais pessimista em relação a isso, não, se tiver... Toda aula que eu termino eu penso, nossa, se tivesse sido presencial teria sido muito melhor. Então não tem como, eu sou bem crítica em relação a isso, não é porque eu	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas

quero ser crítica, é porque não funciona pra mim. Pelo menos é doloroso, é cansativo, eu estou exausta.	ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores.
Tem as misérias da vida, a gente aprende a lidar, mas achar, romantizar o isolamento como eu vi né? Muita gente se aproveitar pra fazer campanha publicitária, ou quem tem privilégios achar, “gente que coisa boa, reflexão...” Reflexão o caramba gente, para! É chocante!	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
“Dá pra fazer, dá pra construir uma vida reflexiva e, e com tempo pra você.” Você não precisa ser forçada a isso. E de boa, quem está tendo tempo? Me fala porque eu não tenho. Meus tempos estão ocupados e pior de tudo não, não estão na sua produtividade, não no produtivismo, né? Mas mais interessante, não está saindo tão bem pra mim... É um exercício de frustração diária	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores. <i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade.</i>
E, ia antes pro trabalho pra poder preparar minha aula, um momento só meu, esse momento não existe mais, ou eu estou com a minha filha ou com a bagunça da casa...(...) E aí é isso, ou eu estou preparando a aula muito cansada nas madrugadas enquanto ela dorme, ou com muito barulho. Então não tem aquela questão do, do silêncio que, em que o trabalho, que o cérebro funciona a nível ótimo assim né pra, pra pensar.	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> <i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i>

	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores.
Estava todo mundo mal. Como que eu vou exigir do meu aluno que ele leia? A mãe dele estava no hospital, o pai dele continua a trabalhar, ele teve que trabalhar, ele não tem mais o tempo dele de leitura e como que o meu aluno vai ler o texto sabendo que às vezes a família dele vai passar fome? Ou que alguém vai morrer? Então assim é muito cruel você fazer essas exigências...	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
porque não dá pra trabalhar esse texto aqui virtualmente, não dá pra elaborar um debate, então é isso Fê, perder essa qualidade dos textos, essa qualidade da comunicação e a exaustão. E assim, eu não me senti mesmo a vontade de cobrar o aluno porque eu não estou bem como que eu vou cobrar o aluno também...	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores.
Então de novo, é daquele ponto de vista do que escapa da realidade concreta né, do que do que escapa do fenômeno, do que é	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa

comum. Pra maioria, do que, a maioria dos professores e das professoras mães em especial, enfrentaram nesse momento tenebroso né? Que não, não tem como... E ainda assim eu tô bem adoecida né, (risos nervosos), então, pensa em quem convive com condições materiais e emocionais ainda mais complicadas...	em isolamento.
acho que ficar sentado na frente de uma tela não faz sentido pra, não queria isso na minha vida né, e muita dor de cabeça, muita dor na coluna, pernas, me alimentando mal porque, não consigo, tento mas não, não consigo organizar bem a alimentação do dia todo, acabo focando na L e não cuidando muito da, de mim	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe
É não consegui me desligar, nossa, demorava pra dormir porque eu tava trabalhando e essas telas viciam a gente. Dá uma sensação ruim, o sono não vem, então esses impactos físicos eu acho que foram os mais dolorosos.	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
Penso que as profissões em que já é escritório assim, talvez faça sentido home office. Professor não. Nossa não tem sentido nenhum isso daqui, é não tem troca né? Uma troca muito muito fraca, né? Uma troca muito é, é pequena, pobre. Então, eu não consigo, acho que é, que perdeu, perde vitalidade porque o sentido da	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores

sala de aula é essa construção.00:52:52,200 --> 00:52:57,450 E isso (ambiente virtual) é um monte de coisa automatizada, todo mundo sozinho.	
Então assim, é muito triste né? A falta de entrega pra aquele momento, e dói demais... (olha ao longe pensativa) Então, como eu disse né? Não... Os suportes na medida do possível nos foram oferecidos, mas eles não adiantam	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
Então eu acho que é uma realidade dura pra todos, mas pelo menos eles (os adultos sem filhos) conseguem se desligar e ver um filminho, tomar um vinho depois sabe? Uma cervejinha ou um suco, ou, ai, hoje eu não vou fazer nada. 00:54:52,400 --> 00:54:55,550 A gente sabe que enquanto mãe isso não existe mais então. É não temos mesmo tempo do descanso. Temos né? Às vezes o trabalho era o nosso descanso. Louco falar isso mas é. Pra mim nossa, dar aula é o meu descanso, é onde eu me sinto muito feliz assim.	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i> Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
Então assim, as dificuldades do dia a dia do trabalho são as mesmas, mas não, a gente não tem permissão pro descanso. Então é muito difícil isso.	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>
A gente não, e parece que se você está, você nunca está descansando, você está	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>

sempre, a cabeça está sempre funcionando de alguma maneira... Então, aí que que eu vou preparar amanhã? Ai como que eu posso fazer, aí teve um dia difícil com o filho aí está lá vendo vídeo de psicologia infantil, ou esses canais que ajudam, não descansa né? Não, não tem mais o pra nós mesmas ou enquanto indivíduo. 00:56:41,000 --> 00:56:44,450	<i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i>
Então é eu acho que esse, essa falta do lugar prum descanso de qualidade, né? Ele foi arrancado e, e não existe mais né? Agora eu até tento aqui, mas é isso eu estou aqui com você mas estou escutando a voz da minha filha então, é não, não consegue se se desapegar e se desligar mesmo pra, pra outras atividades, em especial pro descanso. (...)De novo não que existisse muito antes da pandemia, mas como tudo que piora na pandemia no isolamento acentua, eh e tudo que era bom foi destruído eh, eu acho que que a falta de descanso ela ficou ainda mais enlouquecedora.	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> <i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i>
Ah tem, eu acho que tem que ser, ser muito cego pra não entender o quanto está mais difícil pras professoras, mães em especial donas de casa. É isso foi algo que foi interessante, porque eu chorei muito depois da minha primeira aula online, a L subiu na minha cabeça e foi assim muito difícil, eu tive que encerrar a aula fiquei muito envergonhada.	<i>A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe</i> <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> <i>Percepções acerca da divisão sexual</i>

	do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem <i>A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe</i> Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
E foi muito lindo porque é isso, das mulheres a gente já entende que virá. Pelo menos na maioria das mulheres né? Nossa, nossa professora te entendo, “é Nois e tal”, mas aí quando vem os meninos, você fala, nossa alguma coisa está virando a chave. Então esse reconhecimento ele está, eles, ele, ele pode ser ingênuo, pode ser ainda inicial mas ele está existindo, de alguma maneira ele está existindo.	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
olha o que os professores que são pais, mas que não estão, mas que consegue se trancar no quarto pra preparar a aula e, e dar aula, mas a mãe não e de alguma maneira isso é muito desigual.	<i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem

	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
Essa desigualdade né, não tá par e passo a nossa conquista no público com a divisão das tarefas privadas. Elas são dolorosas então estamos completamente sobrecarregadas, e suportando e aguentando e tentando. E quando você está numa posição confortável como de privilégio é difícil de enxergar. Os homens não enxergam, eles acham que porque eles lavam uma louça eles são heróis.	<i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
Então a gente é, é muito óbvio que as mulheres estão mais cansadas, porque elas, nós sempre tivemos, e agora as coisas pioraram e estamos mais cansadas ainda. E os homens estão um pouquinho mais cansados e estão assim, super estressados né. (risos sarcásticos). Engraçado, na hora que divide ali as tarefas eles ficam enlouquecidos	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem

Então a, tem muita luta ainda pela frente. Então tem muita exaustão ainda pela frente, até que a gente alcance um momento em que a solução vai decidir que ninguém merece ficar exausto né, e que essas divisões vão, vão ser mais honestas, e todo mundo vai, vai poder ficar bem.	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
E aí a gente entende que é isso, como que a construção desse serviço doméstico, como ele aprisiona as mulheres. Essa questão de não conseguir, enquanto a casa não estiver impecável você não pode fazer outra coisa. E o quanto a gente internaliza isso mesmo sendo uma mulher “moderna” (gesticula entre aspas com a mão), feminista, e que já leu...	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
a metade do dia é pra, pra cuidado dos filhos e tarefas domésticas com certeza assim, né? Era bem, agora eu reduzi um pouco mais, mas(...)Então, hoje eu estou com uma carga tranquila né, mas se aumentarem minha carga de trabalho eu não sei, eu não sei como que vai ser. Então é, é complicado nesse sentido. Por que obviamente eu gasto muito mais tempo com tarefas domésticas e com a criação da L do que com o meu trabalho remunerado né? Enquanto professora.	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.

	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
Então eu enxergo como um papel aí de uma, uma fomentação pra uma autonomia mesmo revolucionária intelectual de outras pessoas né? É um trabalho pra formar gente, formar ser humano. eu não vejo como um... As pessoas têm muita preguiça de formar os outros né? (expressão de desconforto)	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
Ser mãe e ser professora! Nessas duas funções centrais na sociedade, pra formar uma sociedade mais interessante, mais justa, mais igualitária de mais afeto. Então, uma mãe muito cansada, como que ela chega? Se você está, está assim, impaciente, cansada, exausta, com medo, com medo financeiro, com vários medos! Como que você vai estar na sua mais alta potência pra educar uma criança?	A maternidade solo: as questões e a especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
É, é muito mais fácil trabalhar do que cuidar	A maternidade solo: as questões e a

de um filho e muito mais. É muito mais satisfatório, intelectualmente pra quem pensa nisso, né? Então é muito mais fácil. É, e as mulheres é isso, tem que se virar nos trinta pra garantir a, a vida financeira, os cuidados emocionais e materiais daquela criança e dela. E ainda se virar nos trinta pra, pra arrancar de si condições emocionais pra lidar com tudo isso.	especificidade da sobrecarga plena direcionada apenas à mãe <i>Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?</i> Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
Então, a mulher mãe trabalhadora, ou não trabalhadora também, é trabalhadora também né, mas desse trabalho que não é reconhecido, desse trabalho não remunerado. Eu, é esse o recado, mães mulheres né, -ininteligível - ,a gente também, parte de nós pra começar a pensar em, nessa educação dos homens. Me dá uma preguiça pensar nisso, mas precisa de gente fazendo esse trabalho também	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?

Pré-indicadores E2 (M)	Indicadores
mas a gente se ajuda bastante, né, nesse momento e em outros também, com relação à educação das crianças, então é um trabalho bem... organizado em termos de... de perceber:	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?

“nossa, cê precisa agora, né...” então, vai ficando...	
“nossa, eu sou professora, então eu não posso errar.”	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
precisei fazer um curso de mãe porque eu tinha sempre um medo muito grande de ser professora, e de em algum momento algum dos “capiroto” né, ((risos)), baixar no meu filho	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
“nossa, se por conta dessa pandemia, eu acho que minha profissão não existe mais.” Ela já deixou de existir. Então eu tô... já estou pensando: “o que eu vou fazer depois?” Porque eu tô vendo meus amigos pós-doutores, desempregados, vendendo semi joia. E eu... pra que que eu... eu questi... eu tinha o sonho de fazer doutorado, a pandemia acabou com ele	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
plantar alguma coisa, mexer com a terra, é... e com coisas materiais e concretas, elas têm muito mais utilidade do que o meu próprio trabalho, porque parece que tá pulverizado da rede da internet, e eu não sei olhar pra essa internet e de fato ver... o que é v... é bom e não é.... então isso me traz uma angústia muito grande. O que é bom? Então às vezes eu tenho que montar	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .

uma atividade, - eu tô com 4 livros aqui do lado – e esses livros, eles não atendem uma linguagem que vai chegar na criança. Então eu fico horas...	
igual as crianças falam no Minecraft: de minerar. Eu me sinto minerando dentro da rede da internet. Porque eu não posso colocar algo que não seja real, que não seja científico pra eles. E esse é um processo que as pessoas não veem. É... parece... a ideia que as pessoas têm é que eu tô aqui tomando suquinho de laranja, e curtindo uma... um sol aqui na... na sacada de casa, entendeu? Que nem tem sacada ((risos))	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
, ninguém me perguntou se eu queria ser youtuber e eu não quero ser – né... e a gente tem que aprender a fazer vídeo, virar radialista, pra poder chegar numa família, e hoje eu não educo a criança, eu educo o pai - que não quer conversar comigo, que não tem tempo de conversar comigo	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
porque ele vai enganar o pai e a mãe e vai ficar no YouTube, ele vai ficar no Facebook, ele vai... e vai falar que tá estudando, e é mentira, e demora pro pai descobrir que é mentira também. E quando ele descobre, ele cobra a mim	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
a perda da obrigatoriedade de ensinar que tá sendo questionada, e as pessoas não tão se dando conta disso. Eu tô vendo que o estudo está se tornando facultativo. E dia menos dia vai se criar uma lei: “Olha, Homeschoolling!” né... estuda em casa, eduque seu filho em casa... é... o modelo norte-americano sendo literalmente aplicado aqui. É isso que eu tô vendo, Fernanda. E me sentindo, nesse momento.	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .

É... mas... as perdas são irreparáveis. E de... é um retrocesso de mais ou menos 20 anos. A Educação Infantil desse país foi massacrada... pela pandemia. E as pessoas não tão percebendo isso. Né... a violência doméstica, ela triplicou. E... a gente percebe né... que com o meu outro trabalho, com adultos, que você sabe que eu faço, com a meditação, a gente só vê os picos de ansiedade e depressão aumentar. Então eu não consigo ver, nesse momento, os pontos positivos dessa... desse cenário	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
Tem uma canseira... que eu não tinha antes, ou eu tinha e não percebia. Uma canseira de... parece que olhar, tava com o G, e: “Olha, não vai ali” – então você fica com medo, porque muita gente tá sem medo não... parece que não existe COVID, então você... cê tem que ficar ali o tempo todo, porque você sai e você não tá seguro, então você fica... com um estado de stress, de alerta...	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
E de repente, eu passei meu dia inteiro pensando em como, e às vezes a pessoa nem... nem clicou ali pra abrir tudo aquilo, nem leu, né... mas o que me acalenta muito? Das 26 crianças que eu tenho, eu tenho 8 – e são 8 meninos – que fazem a abertura dessas atividades. É... inclusive o auti... um autista... que foi pra ele... a pandemia foi maravilhosa	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
a minha ficou desempregada, prô, e agora ela tem que dar atenção pra mim. ((risos)) E aí ela	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca

fez o melhor que ela pôde em todos os âmbitos da vida dela. Essa mulher se doa pra essa criança. Ela... ele fez 100%. São mais... são 2 atividades por dia, são mais de 300 atividades, ele fez todas. E se ele tivesse na sala de aula, talvez ele não tivesse feito 50%. Então eu falo assim: “é, então vale a pena, então eu continuo aqui, pesquisando por esses 8 menininhos	do momento e da experiência educativa em isolamento .
Não, porque, igual: eu tô aqui assim: ((risos)). O A tá aqui do lado, coitado... daí eu tô falando com você, daqui a pouco eu tô falando com outra pessoa... eu falo um monte, e falo alto, porque parece que a gente tá falando au... dando aula, atrapalha ele, aí o outro tá jogando videogame ali na sala, aí dá um grito lá, e se... eu não posso gravar uma aula, que se eu for gravar uma aula, vai sair o fundo dos meus filhos gritando, aí o aluno (ininteligível): “ai, o filho da professora grita” ((risos)).	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
o Estado, ele poderia muito bem arcar com a internet dessas pessoas, porque hoje a gente tem uma tecnologia Wi-Fi e por que não oferecer pra todos? Segundo: eu estou usando meu equipamento, a minha internet, na minha casa... que não são adequados. Muitos profissionais tiveram que comprar esse material, porque eles não tinham... eu não tenho como armazenar todos os dados que são mandados pra mim.	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
No Ensino Fundamental, essa questão da gente	Educadora em pandemia:

não conseguir se comunicar. Foi uma coisa que me impactou muito, e de perceber o quanto que essa comunicação é huma... mais humana, o contato com a pessoa, ele é tão importante.	sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
esse silêncio é por quê?” Nas aulas... eu falei sozinha durante três aulas, teve uma aula que eu falei sozinha durante três horas, por mais que eu pedisse pras pessoas interagir, pelo menos falar uma dúvida, uma palavra, qualquer coisa, ninguém dizia nada. Então, o porquê desse silêncio? Talvez porque não entendeu, porque não conseguiu ouvir, porque não está bem emocionalmente, porque o contexto físico, ambiental ali dela é... não era propício e ela tava... não queria abrir o microfone pra poder se comunicar... ou não sabia como agir diante do recurso que ela tinha ali diante dela, porque parece óbvio mas não é pra todos... como usa uma ferramenta de celular, ou computador... então ess... esse foi um impacto muito grande pra mim	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
e esse silêncio é doído pra quem tá ouvindo... e... mas ele também... ele pode ser normatizado... ele pode ser... sabe? “ah, eles não vão falar, vou continuar falando.” E essa normatização me preocupa. De a gente, de repente, não se preocupar se alguém tá escutando	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
nossa, queria muito que o G tivesse com outras crianças, brincando, tendo uma festinha pra ele poder ir, pra ele interagir, e ele não tá. E esse adolescente, né... eu fico pensando nesse	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?

adolescente, eu tenho vários alunos adolescentes, que... que já foram meus alunos e eles tão nesse momento de vestibular: “e agora? a minha vida parou” porque eles não conseguem, né... pensar... então tem uma crise aí no Ensino Superior muito grande também, uma... uma juventude que... se pergunta, se questiona	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
quando cê vai entrar no... num programa de doutorado ou de mestrado a primeira pergunta que te fazem na entrevista é: “você pretende ser mãe?” ((risos)) ou “você já tem?”. Isso certamente vai interferir, porque vai interferir muito na sua produtividade acadêmica, e aí a preferência é dada para o cara do sexo masculino, pois ele não tem... é... essa pergunta talvez nem seja feita pra ele (...)	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Então ele põe o lixo, água as plantas, é... às vezes faz a comida quando eu tô fora... né... e a gente vai se... cada um... cada hora um pega o brinquedo da criança que tá no chão, sabe?	Divisão de tarefas: a “ajuda paterna” contemporânea e os desdobramentos que o isolamento promoveu na dinâmica da gestão cotidiana familiar
Fernanda: Então vocês têm uma divisão meio a meio de to... de todas as tarefas domésticas...? [00:34:35] M: É... praticamente. [00:34:41]	Divisão de tarefas: a “ajuda paterna” contemporânea e os desdobramentos que o isolamento promoveu na dinâmica da gestão cotidiana

	familiar
Não, a (ininteligível)... é algo assim, natural, sabe? (...)então eu faço, por exemplo eles dormirem, aí o A dá o banho em um deles, no G, ou eu, mas essa questão de remédio eu sou meio relapsa, ((risos)) então ele cuida dos remédios, ter que passar alguma coisa, ele é mais categórico, então... mas aí eu cuido, assim, da parte da alimentação, do soninho, e assim a gente vai indo	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
eu sou uma professora em busca de alguma coisa. Eu não sei se de... de reformatar... ((risos))(...) E não só eu, eu vejo todo mundo fazendo isso. Cada um dando seus pulos de uma forma diferente pra... que... é tudo muito incerto, né... é uma... uma... é como se você tivesse num mar, e ele pode mudar a frequência das ondas a qualquer instante.	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
Mas eu falo desse professor apaixonado pelo que ele faz .Que escolheu a profissão... esse sim, ele tá buscando alguma coisa assim, diferente... e ele vê o quanto: “nossa, o quanto eu fiz por esse país, e o quanto não querem mais que eu faça por ele.”	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
parar de pensar só nos problemas de disciplina escolar, mas é... observar essa indisciplina escolar como um reflexo do que a gente tá vendo nessa... de uma sociedade doente, e	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores

pensar politicamente como agir diante dessa sociedade. Então eu... eu acho que sem política não vamos avançar. Precisamos aprender fazer política.	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
Quando cê faz 40 anos, você começa a ver que os caras que estudaram com você começam a entrar na política. Quer dizer... o cajado tá passando de pai para filho? É muito interessante, ((risos))	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
na minha cidade, por exemplo: Palmital... eu tô vendo a minha professora que sempre foi... é... o pai dela e o marido, sempre envolvido com a política, passando o cajado pro filhinho dela agora ser o próximo prefeito.	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
Como a gente trabalha, por exemplo, na elaboração do currículo, até achei bacana da parte do meu supervisor. Ele falou assim: “Milena, cê ficou dias lendo comigo, cê ficou uma hora muito extra. Então eu vou te pagar umas horas complementares porque você fez o seu trabalho além.” Mas eu achei muito bacana isso, porque não fui eu que pedi pra ele, sabe? Eu tava fazendo porque eu acredito em política pública fazendo esse negócio ali.	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
o mindfulness, ele fala justamente isso... você... os momentos de pausa têm que ser pausa... e... e é muito contraditório pra mim porque ao mesmo tempo... eu faço pausas, mas as pausas que eu faço são do mindfulness, de 3 minutos, 5 minutos... é uma pausa pequena... mas quando eu tô fazendo essa pausa, é treinamento... eu também tô... cê entendeu?(...) no final de semana, pelo menos, um dia a gente não liga. A	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>

gente tá... tá assim: “não vamo mexer”. Mas ao mesmo tempo a gente fica assim: “nossa, mas tem...” sabe? Aí eu tô tentando não pensar nesse outro monte de coisa que ainda está ali pra eu fazer.	
nessas políticas também, você tem que ter uma carga de cursos e de coisa pra você subir de pontuação, né... e aí você... eu nunca tive tempo de fazer aqueles cursos todos que eles mandavam. Aí eu fui fazer todos, aí hoje eu falei: “nossa, 6?” duma vez, assim (...)“nossa...” e o quanto desses 6 eu sei de verdade	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
que eu desejo pra mim, e pra todas as mulheres que estão e que virão depois de mim que elas se permitam não cobrar tanto. Porque o capitalismo é cruel com as mulheres. E a gente aprendeu que essa crueldade é normal. Então que, pelo menos, essa pandemia mostre que essa cobrança não é normal. Ela não é natural, ela foi inventada historicamente, e que elas possam num futuro, né... - que eu não vou ver, eu não vou estar aqui pra ver, mas eu quero muito que minhas netas, ou bisnetas vejam – que elas podem ser pessoas independente de ser mulheres.	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...

Pré-indicadores E3 (V)	Indicadores
sim, ele ajuda, principalmente com o mais novo, e... acredito até por conta de ser menino, né... tem essa... essa divisão, ele	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?

ajuda... ele ajuda com... até com as lições dos... as atividades que os dois têm da escola, ajuda aqui em casa, atividades domésticas, ajuda também no meu serviço, nesse trabalho remoto, e com os afazeres das crianças também	
pra casos esporádicos, do tipo: a criança... um dos meus filhos não tem aula. E aí eu não tenho pra onde levá-lo, ou minha tia, ou minha mãe cuida, mas o restante, somos nós dois aqui em casa	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?
eu comecei a ter aquele olhar mais materno, né... porque eu lido com bebês. Então assim, antes eu já lidava com bebê, mas era algo mais técnico, né... eu te... eu agia como uma professora sem ter tanto afeto. Tinha afeto, mas não tanto.	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
eu continuo trabalhando com o Berçário porque é... eu me tornando mãe, (eu me apaixonei mais ainda por bebês). Eu tenho uma... uma paixão por bebê, eu amo aqueles bebezinhos, pequenininho mesmo... de 6 meses, e aí cada ano eu... eu sempre me apego a uma criança na minha sala	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
onde eu trabalho são 3 turmas de Berçário, né... as 3 na mesma sala. E geralmente eu me apego a sempre uma criança que não é da minha lista. Não é oficial minha. É de	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?

outra lista. Ou eu olho, assim, pra ela, e ela me lembra um dos meus filhos... ou a história dela, que a gente faz uma... um diagnóstico com as famílias e às vezes a história dela me choca, e eu falo: “ai, coitada... essa aqui precisa de mais carinho” e sempre tem um...	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Eu amo muito ser professora, gosto mesmo... um foi desafio enorme esse trabalho à distância, principalmente pra Educação Infantil, porque... é... a Educação Infantil, hoje, depende dos pais pra esse acesso, né? E eu vou ser bem sincera, eu não tive nenhum acesso dos meus pais	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
desvalorização que a minha profissão tem, a gente não... não acho que o professor é tão valorizado quanto deveria ser	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
uma coisa é você tá presencial ali com as crianças, você saber como chamar a atenção, você atender, você pegar. Outra coisa é... desse método, né... tão distante... e... e... como a gente planejar, né... essas atividades pra crianças tão pequenas, como que os pais estão recebendo essas atividades, esses vídeos... será que eles estão fazendo isso com as crianças para o desenvolvimento delas?	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
nós não paramos de trabalhar. A gente até fala que a gente tá trabalhando mais. Porque eu me vejo de final de semana, fazendo atividade, e o presencial de final de semana nem... nem sempre a gente tá, né... e... mas	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores

assim, será que a gente tá atingindo nossos alunos? Como que estão nossos alunos?	
: Eu já fiquei muito ansiosa, porque... é... na minha escola a gente começou com o Classroom em Junho. Aí, minha filha mais velha já tá no Classroom desde Abril. Então eu acesso essa plataforma já tem um tempo, eu encaminho as atividades. Eu fui a primeira mãe a acessar o Classroom do C, de 4 anos, por conta de eu já saber como funcionava, tudo, e aí eu ficava naquela expectativa: “Quando que eu vou ter um acesso?”	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
depois do telefonema que eu orientei os pais e que mesmo com a orientação, eles não tiveram retorno, deu uma desanimada. Já passou essa ansiedade.	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
às vezes, por falta de materiais, e por falta mesmo de pesquisa, porque eu acho que agora a gente tá pesquisando muito mais, porque na escola a gente repete as atividades, né... já em casa, não. (...) com essas pesquisas que a gente fez, eu acho que tende a melhorar porque eu vou querer levar muitas atividades pra sala de aula.	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
E é algo simples, legal, e fácil de fazer sem... sem precisar daquele monte de recurso, que a gente sabe que escola pública, a grande maioria não tem. Tem que a gente comprar se a gente quer. E muitas atividades dá pra gente fazer com recursos da escola.	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento. O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e

	resultados desanimadores
nessa pandemia, a gente teve muito mais contato, nós quatro. Coisas assim, simples: um café, nós quatro juntos, um almoço, nós quatro juntos... – que até de final de semana era algo difícil, porque o R ia trabalhar né... e eu ficava sozinha com as crianças em casa, muitas das vezes eu não saía porque ele ia trabalhar com o carro	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?
depois que a gente passa a ser mãe, a gente começa a olhar tudo com outros olhos, né?	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
E... assim... eu... eu tive... tenho ainda, muito medo(...)“o meu maior medo são meus filhos, acontecer alguma coisa com os meus filhos, eu não ligo de acontecer comigo.” Mas os meus filhos... então eu cuido por eles. E eu não sei, por exemplo, se eu f... se eu não fosse mãe, se eu estaria tomando essas atitudes agora também.	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
... na minha escola são pouquíssimos homens que tem, e... mas nenhum é professor, né? Eu já trabalhei com... no primeiro ano de... de... de fu... de funcionária pública eu trabalhei com dois professores	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem

ótimos, maravilhosos, super dedicados, é... com uma visão, assim... eu confiaria neles perfeitamente.	
Tem muito preconceito de... de... principalmente... CEI né... que tem a parte do berçário, de trocar fralda, então tem muito preconceito. Não é fácil, eu sei que a pessoa quiser fazer alguma maldade com a criança independe do gênero, né? Mas a gente sempre volta a nossa cabeça para os homens. Os homens têm mais maldade.	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
Inclusive esses dois professores que eu trabalhei, eles sofreram preconceitos de mães lá na... na... na escola. Mãe que não queria que eles acompanhassem até o banheiro, que... e... teve que ter um trabalho lá na escola pra elas aceitarem o professor.	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
sou aquela mãe assim: por mais que o meu marido me ajuda a fazer as coisas eu sempre vou lá verificar, eu né?	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Então a gente acumula mais coisas. Então a gente tem mais funções, né? Apesar de ter um... uma outra pessoa que ajuda a gente sempre v... acumula aquilo. A gente quer trazer tudo pra nós, então eu acredito que pra mulher acaba sobressaindo mais as coisas	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?

E a gente divide as tarefas, né... então a gente vê o que... o que dá pra cada um e tem uma divisão das tarefas. (...) eu faço a comida, ele lava a louça. É tudo diferente. É... no dia que a gente limpa a casa, eu limpo determinados cômodos, ele limpa determinados cômodos. É tudo já... separadinho.	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
Fernanda: Tá. Mas assim, se for pensar em... em investimento financeiro é em igu... é em igual ou acaba sendo um pouco mais pra você ou um pouco mais pra ele? [00:29:41] V: Não, não é igual. É... o meu lado é maior.	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?
... essa pandemia foi bem difícil pra mim, enquanto professora e enquanto mãe, porque eu me vi... eu trabalho com Educação Infantil, há muito tempo eu não trabalho com Fundamental e principalmente alfabetização, e eu me vi numa fase, com a minha filha, de alfabetização. E foi difícil... né... eu valorizo bastante a professora, e todo o processo, tô muito feliz com o processo dela, e eu sei que... até a professora já me falou que isso é uma exceção, tanto do desenvolvimento dela quanto de pais participativos.	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? Trabalho também Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
com essa pandemia eu acho que o nosso trabalho foi ainda mais desvalorizado. Porque como eu já te falei eu não tive acesso nenhum dos meus alunos,(...)eu já ouvi muito do: “ai, você tá em casa sem fazer nada” – que não é bem assim, é... e quando eu estou trabalhando, eu já ouvi inclusive	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores

da... de pessoas muito próximas, que o meu trabalho é babinha, que eu não faço nada (...) que que cê planeja?” – eu comecei a falar, né... das atividades e a pessoa dá risada, tipo: “isso não é trabalho”.	
principalmente agora, com tudo retomando, e as escolas não retomam e eu já escutei: “Por que que as escolas não podem retomar? Por que que vocês não... vocês professores não querem voltar?” – né... e não é questão da gente não querer voltar, eu acho que tudo que a gente mais quer é voltar ao nosso normal, né?	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
Eu me dedico todos os dias – ao trabalho formal - ... é.... diretamente, todos os dias no período da manhã. Meio período do dia, né? Indiretamente, eu acho que o tempo todo. ((risos))	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
Sobre aglutinação dos trabalhos: V: Olha, já tive uns surtos aqui... de... ((risos)) [00:39:31] De eu ficar doidinha com um monte de coisa, porque é um... todo mundo falando no meu ouvido, e eu tendo que prestar atenção, e eu não conseguindo me dedicar. Sabe assim, eu não... eu não conseguia me dedicar à minha reunião, eu não conseguia me dedicar ao trabalho de casa, eu não conseguia me dedicar a atenção aos... às crianças. Já surtei	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? Mais questões – sobrecarga A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Mas aí a gente quer fazer tudo... fica tudo ao mesmo tempo, a gente desenvolve mais	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da

funções que não desenvolvia antes. Então eu acho que aumentou.	dicotomização mulher ou mãe... E sobrecarga
Mas é difícil eu ter esse momento. ((risos)) Eu aproveito, por exemplo: é... teve casos do... do R acompanhar as crianças ao médico, e eu não acompanhar porque eu estava recém-operada, nesses momentos eu abusava do rádio aqui em casa pra ouvir música. E... e era o meu momento de lazer	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? <i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Eu até brinco aqui que quando o R entra em... em reuniões – ele também faz pelo Teams – ele se tranca no quarto, e ali ele fica, você não consegue nem conversar com ele, porque se ele tá com fone e você começa a falar, ele fala: “peraí, eu tô ouvindo aqui”. E eu não, eu tô no Teams, eu tô ajudando a I com a lição, eu tô dando brinquedo pro C pra se distrair, e de repente o R vem e conversa, e eu consigo administrar essa conversa... olha o tanto. Não é à toa que eu tive os meus dias de surto. (Tava... preciso) [00:42:53]	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Fernanda: Então assim, quando ele trabalha... quando ele trabalha, ele se fecha no quarto e você cuida do... de tudo.	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?

[00:43:32] V: Isso. [00:43:37] Fernanda: Quando você trabalha você continua cuidando de tudo... [00:43:37] V: Isso. [00:43:41] (...)Um exemplo foi hoje. A I tinha pediatra, eu estava com ela no consultório e o fone de ouvido na reunião, ao mesmo tempo. ((risos)).	Sobrecarga A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
eu acho que falta também reconhecer esse nosso lado mãe, né? Que a gente também cansa, que... é... né... porque eu me estresso, eu amo meus filhos mas tem momentos que a gente precisa também, ter esse momento só nosso. Isso é importante pra gente. E é o que você falou, eu precisei operar pra ter esse momento	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? <i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
de valorizar mais o trabalho de uma mãe. Que a mãe é o tempo todo, tudo a criança vai chamar a mãe. É muito raro a criança chamar o pai. E assim, é pra a mãe que tá ali de prontidão, né?	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...

Fernanda: Por que que cê acha que é raro a criança chamar o pai? Por que que cê acha que a criança chama mais a mãe? [00:45:34] V: Porque eu acho... porque o vínculo maior de... é com a mãe, né... desde a barriga, depois tem amamentação, é... a grande maioria das mães que ficam a maior parte com as crianças, é igual aqui em casa... é... eu trabalho meio período, o R trabalha mais horas do que eu, então sou eu que tenho mais contato	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Então eles sempre vão recorrer porque é onde eles se sentem mais seguros, né... o porto seguro deles é a mãe. E a mãe nunca fala não, né? ((risos))	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Só que a mãe cansa também, né? E como cansa	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Fernanda: Um pensamento de: “Quê? Lazer? Cê tá louca?” ((risos)) [00:47:43] V: Que isso? [00:47:49] Fernanda: “Cê não sabe que eu sou mãe, cê não sabe que eu sou profissional, você não sabe que eu cuido da minha casa?” ((risos))	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
... o homem é... por exemplo: o lazer pra ele	Demandas dos filhos e relações

é ir jogar bola, vamos supor. A mulher não consegue sair tranquila sem os filhos. Eu não consigo. Eu não consigo, por exemplo, ir numa festa... já... não... nunca viajei sem meus filhos. E isso também é saudável pra um casal, né? Só que depois que eu tornei mãe, esquece, eu sou mãe. Então eu não consigo me divertir sem meus filhos do lado, eu fico pensando: “mas como que eles tão?” – é... não é justo eu tá numa festa e eles num tarem. Até cinema... eu sempre procuro filme infantil pra eles poderem ir juntos, né... falta esse momento.	parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
A vaidade também é uma coisa que mexe... é... é muito raro. Agora que eu tô começando a... a me preocupar mais, mas eu... abri mão de tudo. Aí eu falei: “não, peraí... antes deles tem... tem eu, vou começar a pensar um pouco mais em mim.” – Comecei a pensar. Mas nada que se compare a como eu penso com eles... por eles. ((risos))	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...

Pré-indicadores E4 (V)	Indicadores
Era quase 100% do tempo comigo, agora tá um pouquinho mais dividido pelas questões de isolamento mesmo, e porque a gente tá sem uma rede de apoio.	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?

existe a professora antes de ser mãe, e a professora depois. Porque com a educação deles, com a necessidade dele também eu precisei ampliar esse olhar, a inclusão, tudo isso se abriu	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
eu consigo olhar agora e perceber quantas coisas erradas eu fiz antes, esse distanciamento, o que eu chamava “ai, não me dou bem com essa faixa etária”, talvez... não teve também muito esforço aí, né, eu reconheço hoje	Relação entre a maternidade e o trabalho na educação: o que muda quando a professora se torna mãe?
Eu tenho muito orgulho, assim, esse ano, apesar de tudo, eu me reinventei de tantas formas como profissional que eu tenho orgulho	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento.
mas a educação a gente teve que transformar a escola, né(...)Embora exista EAD, educação à distância, é muito diferente do que se fez esse ano na escola, e do que os professores fizeram.	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
a gente começou “vamos fazer a aula online”, era assim: como está a realidade desse aluno? Como que eu vou chegar lá? Eu vou entrar, né, de certa forma, na casa deles e eu não sei o que tá acontecendo lá, como vai ser essa primeira conversa? Eu lembro que eu perdi noites e noites	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .

pensando como seria isso, porque é muito diferente	
porque antes era um ambiente nosso, era professor e aluno, então tinha, né, um certo... certas coisas de professor e aluno que agora tem outros, né, intermediários ali, tem pai, tem mãe, e as vezes eles não se sentem à vontade também(...)que tem essa tela, você percebe algumas expressões mas não dá pra saber direito o que que tá acontecendo	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
Eu tinha muita insegurança no início, eu morria de medo, de vergonha, de tudo: “nossa, eu vou dar aula, mas eu vou dar aula pro pai, pra mãe, pra todo mundo junto, eles vão tá me avaliando: “é assim que ela fala em sala de aula?”	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
Claro que não tem comparação com como seria presencialmente, mas muita coisa foi proveitosa	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
então me fez uma professora que não ficou lá parada como fez todos os anos, esse ano não deu, teve que ser diferente	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
material técnico, assim, prático, sim(...)Claro que muita coisa eu tô buscando por mim, porque eu quero melhorar, porque eu quero fazer diferente, porque eu tô pensando nos alunos, enfim, mas eu acho que a parte humana não tem sido muito investida,.	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
um hiato bem grande ali, entre o que a escola espera do profissional e do que ela	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do

oferece em relação a esse respaldo, principalmente psicológico nesse ano	momento e da experiência educativa em isolamento .
eu acho que isso vai ser uma lembrança muito boa, né, é... de estar presente mesmo. Agora ele veio aqui, a gente conversou, e o dente caiu e eu vi, o primeiro dentinho caiu, eu vi. Quando o mais velho perdeu o dentinho eu não vi.[Então teve essa parte, isso foi bom.	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento?
Ele passou a ter tiques e aí eu já... eu relacionava com alguma... coisa minha, agora ele está com algumas alergias no rosto também, e eu percebo que eu acho que é de fundo emocional(...)“eu tô transparecendo tanto assim?” E aí eu acabo achando que eu preciso ser aquela estrutura que não transparece tanto pra que ele não absorva tanto.	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
E se não fosse num período de pande... pandemia, seria diferente porque eu teria momentos mais meus, mais isolados, em que talvez eu fosse chorar e ele nem visse. Mas agora não. Se eu choro ele vê, e aí ele quer saber, e enfim, tudo isso. Eu teria mais momentos só meus, em que eu não precisaria mostrar essa parte tão humana, né. Então ao mesmo tempo que isso é difícil, por outro lado ele tá vendo a mãe como ela é, né	Demandas dos filhos e relações parentais: dilemas de antes modificados pelo isolamento? A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Ai, eu poderia falar que: “nossa, não era isso o que eu esperava do meu mestrado.” Eu	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>

esperava ir pra aula, aquele clima, tomar uma depois, sabe? Um monte de coisa. Mas o que é isso perto de tudo que tá acontecendo com os filhos?	A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
Já começa por aí a diferença, né? Fundamental I são todas mulheres. Só tem professor homem na Educação Física... na escola em que eu trabalho.	Percepções acerca da divisão sexual do trabalho: trabalho de mulher e trabalho de homem
Às vezes eu até falo que eu tinha que ser como ele, e chegar assim: “liga a câmera aí, por que que cê não ligou a câmera?” - a criançada adora. E eu já não, eu falo “por favor, liga a câmera, né, olha só, eu quero te ver” e não sei o que	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
mas geralmente quem cozinha mais é o meu marido, porque ele tem o tempo um pouco mais flexível nesse ponto, a questão da limpeza a gente tem dividido, então tá, assim, meio equilibrado, né, agora, durante o confinamento	Divisão de tarefas: a “ajuda paterna” contemporânea e os desdobramentos que o isolamento promoveu na dinâmica da gestão cotidiana familiar
Não tem muita definição: “eu faço isso, você faz aquilo”. É mais, assim, quem tá disponível. E aí eu vou falar que a mãe aqui é a que menos tá disponível geralmente.	Divisão de tarefas: a “ajuda paterna” contemporânea e os desdobramentos que o isolamento promoveu na dinâmica da gestão cotidiana familiar <i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>
pra mim, aí só contaria o banho, infelizmente(...)Então esse... 20 minutos,	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>

vai... ai, meu deus... infelizmente é a realidade trágica da pandemia.	
É contínuo. Não... assim, a ponto de você acordar de manhã e ter dúvida se dormiu ou se trabalhou	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento . <i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i>
que por ser uma coisa remota, online, e por você estar em casa, eu percebo que estamos trabalhando muito mais, e passando a sensação que não. E você está em casa, e que você pode ser solicitado a qualquer momento	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .
Então é muito difícil. Porque aí você tá nesse... desgaste aí, que o lazer é uma coisa que você já vê como luxo... [46:15]	<i>Lazer: a inexistência das pausas e do descanso de qualidade</i> A autopercepção da mulher enquanto indivíduo complexo: as armadilhas da dicotomização mulher ou mãe...
. “Nossa, diante de tudo isso, pelo menos eu tenho um emprego”. Então tudo bem, manda mais	O trabalho que ninguém vê: jornadas ampliadas, demandas triplicadas e resultados desanimadores
Ele reproduz tanta desigualdade, que assim, você tá aqui já entrando em paranoia e olha quantos lá, esperando você entrar em paranoia pra ocupar o seu lugar...	Educadora em pandemia: sentimentos e reflexões acerca do momento e da experiência educativa em isolamento .